



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO
PROFISSIONAL

JAIRO DE LUCENA GONÇALVES

**ENTRE TOADAS E MEMÓRIAS: HISTÓRIA E CULTURA DOS VAQUEIROS
DE LAGOA DO OURO - PE (1957-2014)**

RECIFE

2020

JAIRO DE LUCENA GONÇALVES

**ENTRE TOADAS E MEMÓRIAS: HISTÓRIA E CULTURA DOS VAQUEIROS
DE LAGOA DO OURO - PE (1957-2014)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial de desempenho para a obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim

RECIFE

2020

JAIRO DE LUCENA GONÇALVES

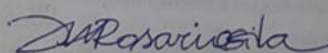
**ENTRE TOADAS E MEMÓRIAS: HISTÓRIA E CULTURA DOS VAQUEIROS
DE LAGOA DO OURO - PE (1957-2014)**

DEFESA PÚBLICA em Recife, 08 de maio de 2020

BANCA EXAMINADORA



Presidente: Orientador: Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim (UNICAP)



Examinador: prof. Dra. Maria do Rosário da Silva (UNICAP)



Examinador: Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto (UNEAL)

RECIFE

2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me abençoado nessa empreitada, caminho de muitos desafios e aprendizagens. Também demonstro a minha gratidão a Nossa senhora da Conceição (Padroeira de Município de Lagoa do Ouro), a quem pedi proteção no ano de 2013 quando deixei definitivamente minha terra natal. Os poucos instantes de oração me ajudaram a seguir em pé mesmo em momentos conturbados.

Também expresso minha gratidão a minha mãe, professora Maria das Dores de Lucena Gonçalves, que sempre esteve comigo, sonhando meus sonhos, e vibrando por cada pequena conquista alcançada. Com isso, estendo esse sentimento aos meus familiares e amigos, que às vezes não conseguiam entender os motivos de minha ausência, no entanto, sempre respeitaram.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em História da UNICAP, *Dr. Tiago da Silva Cesar, Dr. Flavio José Gomes Cabral* e em especial ao professor *Dr. Helder Remígio de Amorim*, por sua paciência e boa vontade constante de ensinar. Suas atitudes corretas e compromissadas fazem do PPGHum programa forte e articulado. Todos terão sempre minha gratidão. Aproveitando, também agradeço aos professores doutores que fizeram parte de minha banca, *Maria do Rosário da Silva* e *José Adelson Lopes Peixoto* por suas observações e contribuições no meu crescimento como pesquisador.

Aos meus colegas de mestrado, em especial minhas grandes amigas *Anna Karla da Silva Pereira* e *Francisca Maria Neta*, pelos momentos de angústias compartilhados na constante troca de conselhos com o objetivo de sempre melhorar as nossas relações com os objetos pesquisados.

Aos protagonistas dessa pesquisa: *Luciano Torres, Clovis Rocha, Mauro Rocha, Nilton de Dodó, Jurandir, Coló Brasil e Valfridio Marques e Maria*, agradeço por terem permitido que utilizasse seus relatos de memória para construir uma versão sobre o passado dos vaqueiros de Lagoa do Ouro. Aos vaqueiros que já não estão entre nós, mas, que se mantêm presentes em nossas saudades (Vavá Machado, Zé Torres, Marcolino e Zé de Chico). Muito obrigado!

*“Sou poeta, matuto e sou vaqueiro e a
História que conto é do Sertão...”*

(Desconhecido)

RESUMO

O presente estudo teve o objetivo de criar uma versão sobre a História e a Cultura dos vaqueiros no Município de Lagoa do Ouro – PE, a partir da segunda metade do século XX. Metodologicamente, utilizamo-nos das práticas de pesquisa em História Oral, desenvolvida nos trabalhos de Guimarães Neto (2006). No que concerne aos fundamentos teóricos, utilizamos os estudos de Alberti (2000), que enxerga a História Oral como um método, e estabelecemos diálogos com as Ciências Sociais, com Clifford Geertz (2011) e Hall (1997). Assim, nosso aporte teórico parte do princípio da interdisciplinaridade, agrupando as discussões de historiadores culturais e sociais, linguistas, geógrafos e antropólogos em toda a extensão do trabalho. Na composição de fontes para a construção dessas narrativas, utilizamos periódicos (em especial o *Diário de Pernambuco*), além de documentos emitidos por órgãos oficiais (Diário Oficial do Estado de PE), fotografias e relatos de memórias, que são as matérias primas fundamentais da análise, a qual busca conhecer o trabalho dos primeiros vaqueiros e carreiros, suas relações sociais e expressões culturais.

Palavras- chave: Cultura. História. Lagoa do Ouro. Vaqueiros.

ABSTRACT

The present study had the objective of creating a version about the History and Culture of the cowboys in the Municipality of Lagoa do Ouro - PE, from the second half of the 20th century. Methodologically, we use research practices in Oral History, developed in the papers of Guimarães Neto (2006). Regarding the theoretical foundations, we used the studies of Alberti (2000) who sees Oral History as a method and established dialogues with the Social Sciences, with Clifford Geertz (2011) and Hall (1997). Thus, our theoretical contribution starts from the principle of interdisciplinarity, grouping the discussions of cultural and social historians, linguists, geographers and anthropologists throughout the work. In the composition of sources for the construction of these narratives, we use periodicals (especially the *Diário de Pernambuco*), in addition to documents issued by official bodies (Official Gazette of the State of PE), photographs and reports of memories, which are the fundamental raw materials of analysis, which seeks to know the work of the first cowboys and careers, their social relations and cultural expressions.

Keywords: Culture. Story. Lagoa do Ouro. Cowboys.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Pernambuco destacando Lagoa do Ouro	18
Figura 2: Rua do progresso (centro).....	20
Figura 3: Mercado de cereais	22
Figura 4: Coleta de lixo	24
Figura 5: Município de Lagoa do Ouro	26
Figura 6: Centro da cidade	29
Figura 7: Antiga prefeitura de Lagoa do Ouro.....	30
Figura 8: Nova prefeitura	31
Figura 9: Produtores fazendo silagem.....	32
Figura 10: Feira de gado e matadouro	334
Figura 11: Luciano Torres discursando na IX Festa do vaqueiro Correntina. .	36
Figura 12: Mauro Rocha vestido em seu gibão, cuidando de sua criação.....	39
Figura 13: Fotografia 11- Nilton Dodó.	41
Figura 14: Curral de pedra entre os municípios de Brejão e Lagoa do Ouro ..	42
Figura 15: Chico André e seu filho Carlos	44
Figura 16: Feira do gado.....	47
Figura 17: Fotografia 15 - Joaquim Machado e Seu filho Antônio.....	52
Figura 18: Carreata de são José em Lagoa do Ouro	60
Figura 19: Jacinto Machado em reunião com vaqueiros e pequenos criadores de Lagoa do Ouro	61
Figura 20: Valfridio, sua esposa Maria e M ^a das Dores	633
Figura 21: Valfridio e Zé de Chico em cavalgada no Município de Brejão-PE	666
Figura 22: Luciano Jurandir, Nilton e Luciano Jr.	72
Figura 23: Fotografia 21 - Vaqueiro Zé de Chico	77
Figura 24: LP Vavá Machado (esquerda) e Marcolino de 1979.....	79
Figura 25: Vavá Machado e Zé de Almeida (1986).....	85
Figura 26: Tronco.....	89
Figura 27: Vaqueiro Coló Brasil.....	91

Figura 28: Vaqueiro Zé Pimentinha	93
Figura 29: Fotografia 27 - Moisés sapateiro.....	99
Figura 30: Mauro Rocha com sua indumentária de vaqueiro.....	100
Figura 31: Buzos	101
Figura 32: Luiz Gonzaga e Vavá Machado	1055
Figura 33: Troféu da 2ª missa do vaqueiro.....	106
Figura 34: Estátua de Vavá Machado	108

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO I - LAGOA DO OURO: ENTRE PAISAGENS RURAIS E URBANOS.....	17
1.1. UM BREVE OLHAR SOBRE A CIDADE.....	17
1.2 UMA VISÃO ATUAL DO MUNICÍPIO	28
CAPÍTULO II - NOS TEMPOS DOS CURRAIS E DAS ESTRADAS DE CHÃO	35
2.1 O COTIDIANO DOS VAQUEIROS	35
2.2 CAMINHOS E NOVIDADES	499
2.3 VALFRIDIO E MARIA: FAMÍLIA E RELAÇÃO DE TRABALHO.....	62
CAPÍTULO III - ABOIOS E TOADAS COMO REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA	68
3.1 O CANTO DOS VAQUEIROS.....	68
3.2 TOADAS COMO GUARDIÃS DAS MEMÓRIAS.....	72
3.3 AS TOADAS E OS PERIÓDICOS: A MUSICALIDADE COMO INSTRUMENTO CRIADOR DE VERSÕES SOBRE O PASSADO	77
CAPÍTULO IV: FESTEJOS E RELIGIOSIDADE.....	87
4.1 VAQUEJADA: DECADÊNCIA OU RENOVAÇÃO?.....	87
4.3 A MISSA DO VAQUEIRO DE LAGOA DO OURO: O SONHO DO INÍCIO ATÉ A DESILUSÃO DO FIM	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
FONTES E REFERÊNCIAS	114

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Escrever sobre Lagoa do Ouro¹ e sobre parte de sua sociedade rural, torna-se muito gratificante, pois estamos construindo uma narrativa a respeito dos vaqueiros, e suas funções dentro da organização social desse espaço². “Quando se diz que a História é o estudo do homem no tempo, [...] a ideia de que a História deve examinar apenas e necessariamente o passado. O que ela estuda na verdade são ações e transformações humanas” (BARROS, 2006, p.461)³. O professor José D’ Assunção de Barros, nos ajuda a demonstrar como enxergamos o nosso objeto; como os homens do presente se fazem necessários, abrindo as portas de seus relatos de memória. Mesmo nos enfiamentos da pesquisa que muitas vezes me fez estagnar, nunca desistir e conhecer o passado que ainda teima em permanecer alheio da maioria dos estudos históricos:

O mundo rural, seus homens, suas técnicas, os animais e as espécies que impregnam seu cotidiano seguem ignorados. Raros foram os historiadores que, de fato, se debruçaram sobre o destino dos lavradores, a vida comunitária, a terra e seus ciclos, tentando iluminar a variedade dos modos de vida e de representações sobre o universo num país continental, como o Brasil. [...] para dizer do espaço que fica além dos grandes centros urbanos falou-se durante muito tempo em “fronteiras”. Elas também eram conhecidas como “sertões”, [...] tal História demorou a ser escrita. Capistrano de Abreu talvez tenha sido o primeiro moderno historiador brasileiro a enfatizar, em seu capítulo de história colonial, (1907), o sertão como formador de um estilo de vida nacional (PRIORE; VENÂNCIO, 2006, p. 13).⁴

Apesar dos caminhos algumas vezes espinhosos para um pesquisador que tenta encontrar um espaço para discutir seu objeto de análise, as experiências vividas ainda quando menino no Sítio Corcunda, zona rural de Lagoa do Ouro, fizeram-se

¹ Seguindo as mesmas perspectivas que a pesquisadora Teresa Sales que observava que a região Agreste, onde Lagoa do Ouro está inserida é um espaço formado por pequenas e médias propriedades onde os indivíduos plantam e criam animais. Ver em: SALES, Teresa. Agreste, **agrestes: transformações recentes na agricultura nordestina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

² A temporalidade da pesquisa tem como marco a emancipação política de Lagoa do Ouro até a idealização da primeira missa do vaqueiro no município.

³ Ver em: BARROS, José D.'Assunção. História, espaço e tempo. Interações necessárias. **Varia história**, v. 22, n. 36, p. 460-475, 2006.

⁴ Ver em: DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2006.

fundamentais. Aquele garoto se encantava com os personagens que encontrava no caminho da escola⁵. Veredas disputadas por crianças, carros de bois e cavaleiros. Ao lembrar desse passado, consegui ouvir o canto dos carros. Como se avisassem em melodia que os tempos de colheita e fartura voltariam.

Entre os encantamentos, no entanto, o que mais cativava aquele menino curioso eram os homens que viviam muito mais nos currais do que em suas residências. O curral era uma espécie de Coliseu, onde ocorriam os maiores espetáculos; lá, os animais eram alimentados e medicados, os bezerros eram ferrados e desmochados⁶. Temporada, essa, que demandava trabalho comunitário entre os vaqueiros. A reunião desses homens sempre era animada; o trabalho e a musicalidade dos aboios e das toadas misturavam-se naquela atmosfera.

Nesse sentido, a cultura vaqueira esteve muito presente em todo decorrer de minha infância por fazermos parte de uma família de vaqueiros. Por termos crescido em uma casa cheia de pessoas das diferentes vertentes da expressão cultural, entre eles, os mais ligados à poesia, minha casa era ocal onde discutiam sobre os acontecimentos e analisavam uma melhor melodia para as toadas⁷. Aqueles mais ligados às festas de cavalhadas ou de cavalgadas pensavam sobre os melhores dias para organização das festividades. No entanto, os que mais me encantava eram aqueles que participavam da *pega de boi no mato*. As indumentárias daqueles indivíduos me fazia enxergá-los quase como heróis, comparados àqueles cavaleiros dos tempos medievais.

Os anos passaram e cada vez mais sentia a cobrança sobre os assuntos educacionais; por ser filho de uma professora, tinha muitas responsabilidades e expectativas. No curso de graduação em História da Universidade de Pernambuco (*Campus Garanhuns*) pode conciliar de fato esses dois mundos que há muito tempo não coexistiam⁸. A orientação do antropólogo, professor Dr. Adjair Alves, foi fundamental para criar uma visão do grupo de vaqueiros de Lagoa do Ouro, seguindo um viés respaldado em um trabalho interdisciplinar entre História e Antropologia, que, a nosso ver, torna-se plausível para a construção de metodologias de uma pesquisa

⁵ A inesquecível Escola Municipal Lindolfo Alves de Lira que ainda continua sendo o espaço dos sonhos de muitas crianças.

⁶ Técnica onde se utiliza ferros quentes para queimar os chifres dos animais.

⁷ Muitas vezes as toadas nasciam a partir de um aboio que é o canto de improviso que discutiremos mais adiante.

⁸ Neste momento estamos nos referindo a união da vida estudantil mais regrada e a vivência com as representações culturais dos vaqueiros.

que se encontra em dois espaços tempo; no passado, quando utilizamos as fontes conditas nos periódicos e nos documentos oficiais, e no presente, quando os pesquisados constroem e reinventam versões dos tempos de outrora, a partir de seus relatos de memória.

Neste momento, defendemos um estudo respaldado na História Cultural e nesses novos objetos de estudo (que percebem os homens comuns como integrantes da sociedade de fato). A professora Lynn Hunt (2001)⁹ nos expõe o caleidoscópio de cores e formas que essa nova forma de enxergar o estudo sobre os homens no tempo nos traz, o historiador já não precisa se prender aos estudos de grandes personagens, políticos ou militares, por exemplo. Os grupos menos favorecidos também contribuem para a construção de identidades e de representações sociais. Ninguém está isolado das influências de fora, e também não deixa de colaborar para a construção de algo maior.

Entender as relações de influências entre tempo, sociedade e espaço é complexo; perceber que o grupo de vaqueiros de Lagoa do Ouro faz parte da sociedade do Agreste pernambucano, que está no Brasil e, em meados do século XX, sofria influências de outras regiões do mundo, demandou um exercício persistente e, também, a experiência da orientação do historiador professor Dr. Helder Remígio de Amorim, que tem suas pesquisas voltadas para este século. Tentamos demonstrar o grupo analisando como cidadão integrante do mundo. Já que, para Stuart Hall, “os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam”. (HALL, 1997, p.16)¹⁰. Conhecer e delimitar o espaço da pesquisa é necessário, no entanto, ter sensibilidade para entender as trocas culturais também se faz indispensável.

Segundo Chartier¹¹ (1991), a História vem passando por modificações em seus paradigmas, nos aproximamos da Geografia Humana para estudamos as peculiaridades no espaço. Na atualidade, estudamos essas diferenças, no entanto sem isolar os grupos, pois existe uma interação, uma troca de conhecimento com o

⁹ Ver em: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹⁰HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

¹¹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*, 1991, 5.11: 173-191.

“mundo exterior”. E é justamente isso que faremos: analisar os vaqueiros e carreiros e suas trocas com outros grupos sociais.

No que concerne aos fundamentos teóricos e metodológicos, utilizaremos os trabalhos da historiadora Verena Alberti, que concebe a História Oral como um método, defende que “a consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado” (ALBERTI, 2000, p. 2).

Alberti (2000) nos explica como se deu a criação e a fundamentação metodológica da História Oral: a partir da possibilidade de utilizar um gravador para poder registrar e armazenar os relatos de memória dos entrevistados. Essa técnica, criada no século XX, teria sido primeiramente utilizada pelos estudiosos das Ciências Sociais. No entanto, os historiadores perceberam que poderiam se valer deste método para ampliar os horizontes das fontes historiográficas. Podemos dizer que os historiadores vêm gradativamente se interessando por estudar a História do tempo presente, e é isso que nos propomos a fazer no momento, já que buscamos analisar o passado dos vaqueiros do município de Lagoa do Ouro, sua vida, trabalho e cotidiano.

Desta maneira, a escolha dos autores esteve centrada na interdisciplinaridade, pois poderemos encontrar historiadores culturais e sociais, linguistas, geógrafos e antropólogos em toda a extensão do trabalho. A metodologia de pesquisa, escolhida para ser a mais perceptível, foi a de História Oral. Segundo o historiador Helder Remígio de Amorim, “o historiador que se aventura na pesquisa com fontes orais, [...] lida diretamente com a vida e, em alguns momentos, enfrenta limites que possuem relação direta com a intimidade do entrevistado” (AMORIM, 2011, p. 21)¹². Isso nos faz trabalhar ainda de forma mais cautelosa, pois estamos analisando e tornando públicas as representações das trajetórias de vida de pessoas que ainda estão vivas e anseiam em ver o resultado da pesquisa.¹³

Como fontes, utilizamos também as fotografias, tanto do nosso próprio acervo pessoal, quanto dos entrevistados. Acompanhadas também de exemplares do

¹² DE AMORIM, Helder Remígio. Histórias de vida de bodegueiros. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 19, p. 11-28, 2011.

¹³ Até o presente momento, já foram publicados dois artigos e três capítulos de livro, que já estão nas mãos do grupo pesquisado.

periódico *Diário de Pernambuco*, que, por inúmeras vezes, noticiou fatos sobre Lagoa do Ouro. Tais fontes foram escolhidas para fundamentar a pesquisa, pois, a nosso ver, nos aproximava mais do objeto.

Desse modo, a dissertação está dividida em quatro capítulos, que apresentarão diferentes olhares sobre os homens, a sociedade e o espaço do município de Lagoa do Ouro. No primeiro capítulo, foram apresentados aspectos relevantes sobre a historiografia do município desde a fundação, focando especialmente na discussão sobre as inter-relações nos dois espaços. Nesse momento, realizamos uma apresentação sobre as atividades econômicas e o cotidiano do passado ligado ao trabalho, destacando como as atividades agrárias (agricultura e pecuária) foram fundamentais para o crescimento socioeconômico deste espaço. E, também, destacaremos como essas duas atividades colocaram Lagoa do Ouro entre os municípios mais produtivos do estado de Pernambuco.

No segundo capítulo, iniciamos a utilização dos relatos de memórias dos pesquisados em relação à vida dos primeiros vaqueiros do município e as notícias encontradas nos periódicos que relataram e nos deram uma ideia do cotidiano e das relações características. Nesse sentido, também foi problematizado como os vaqueiros da segunda metade do século XX mantinham uma relação de ajuda e companheirismo entre si. Descrevemos também o crescimento das criações de gado bovino, em um período em que os detentores do poder político viam essa atividade como sendo prejudicial à economia. A partir dessas premissas, foi possível analisar como os criadores de Lagoa do Ouro tiveram que resistir para se manterem forte na atividade pecuarista.

Também discutimos a importância dos currais de pedra em uma época em que os animais eram basicamente criados livres, com pouca interferência da ação humana, os medicamentos utilizados eram poucos, em virtude de os atendimentos veterinários serem raros. Abordamos os motivos que levavam os vaqueiros a serem profissionais, em sua maioria, livres em relação aos patrões, em uma época em que a sociedade rural vivia uma espécie de isolamento (em especial mulheres e crianças). A cidade era um espaço basicamente de homens, e era nesse espaço que ocorria a feira de gado, as trocas de conhecimentos e o fortalecimento das relações sociais entre grupos urbanos e rurais não somente de Lagoa do Ouro, mas de outras localidades também.

Foram apresentados, também: a troca de função dos vaqueiros com o chegar da idade e a metamorfose imposta pelo peso do tempo que transformava cavaleiros em carreiros. Aqueles que passavam a juventude domando cavalos terminavam sendo encantadores de bois, e tinham a função essencial para a manutenção do cotidiano social, pois eram responsáveis em fazer o traslado de produtos da zona rural para a zona urbana, eram os que traziam os produtos valorizados pelas sociedades camponesas. No entanto, é importante destacar que sua utilidade também ia muito além, já que também eram responsáveis pelas arações de terra até a chegada dos tratores.

No terceiro capítulo, o assunto tratado está ligado à cultura imaterial dos vaqueiros, principalmente a sua musicalidade. Apresentamos todas e aboios de vários pesquisados e analisaremos alguns argumentos sobre como são fundamentados os assuntos trabalhados neste tipo de expressão musical, e como elas se tornam elementos de representação para o grupo. Quando podem se auto afirmar perante a sociedade, também como ressignificação do passado e deste momento, podemos falar da apoderação de grupos dominantes para reafirmar sua influência através de versos e músicas, criando versões de supervalorização ou de depreciação dependendo dos interesses. Também foram analisadas as formas como são criadas as letras das toadas dos vaqueiros, segundo suas óticas sobre os fatos do passado, que podem ser encontradas em periódicos ou em documentos oficiais em especial do poder estadual.

No quarto capítulo, também com a ajuda dos pesquisados e de fontes fotográficas e poéticas, tratamos sobre algumas festividades que se fazem importantes e, de certa maneira, são eventos de encontro dessa comunidade camponesa, tais como a pega de boi no mato. Falamos um pouco de sua História, de suas transformação de uma prática de trabalho para uma festividade que reúne a vaqueirama de diversas localidades, observando também os fatos que antecederam o início da Missa do Vaqueiro de Lagoa do Ouro e as dificuldades que colocaram o fim do evento.

CAPÍTULO I - LAGOA DO OURO: ENTRE PAISAGENS RURAIS E URBANOS

Eôôôrrôôôôôôôôô,
 Fasta pra lá, boi manso, ô gado
 Ôôôôôôôôôô
 Sabiá puxa melão
 Por detrás da bananeira
 Quantas meninas faceiras
 Que eu deixei no meu sertão
 Na minha ribeira, ô sabiá
 Eu vou-me embora da mata
 O arumã, meu matulão
 Vou calça minhas alpercata
 Vou me despedi das mata
 Vou-me embora pra o sertão, meu sabiá
 Vou volta pra meu lugar
 Vê a princesa do sertão
 Vou abraça minha donzela
 Morena, cor de canela
 Dona do meu coração, meu sabiá.
 (Vavá Machado e Marcolino).

O presente capítulo procurou demonstrar questões ligadas ao contexto cotidiano no município de Lagoa do Ouro-PE, focando nas questões ligadas as inter-relações entre o espaço rural e urbano, com destaque para as modificações decorrentes do transcorrer das décadas.

1.1. UM BREVE OLHAR SOBRE A CIDADE

Quando foi pensado em escrever uma versão sobre o passado¹⁴ do município de Lagoa do Ouro, tornou-se necessário fazer também um estudo sobre o meio urbano. Para que de fato fosse possível se construir uma narrativa que produzisse

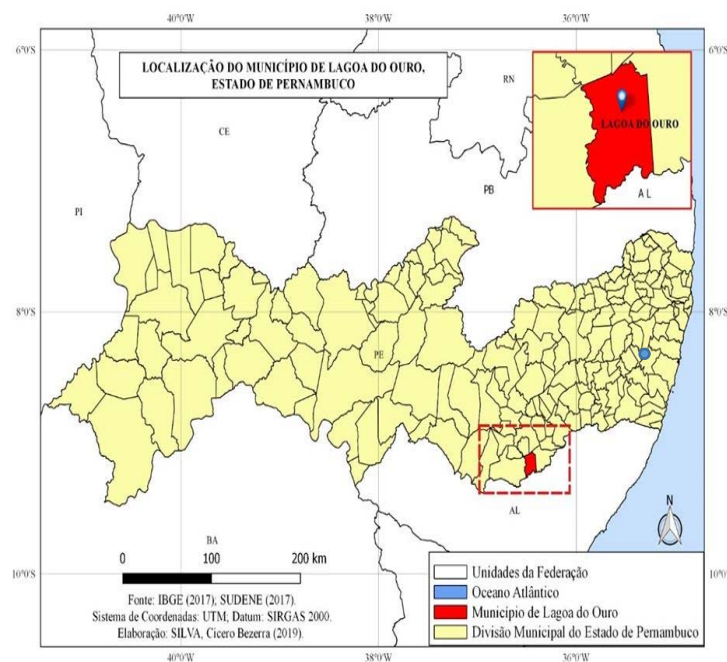
¹⁴ Mesmo a pesquisa sendo voltada para os vaqueiros e a sociedade rural, não poderíamos deixar de pensar a questão de inter-relação entre esses dois espaços: campo/ cidade. Além de acreditarmos que uma pesquisa não é capaz de falar sobre um todo, sobre o que fundamenta uma sociedade, mesmo essa sendo local. Outra questão que deve ser desatada é a leitura feita sobre o espaço pesquisado, não é intuito do estudo focar as questões ligada aos líderes políticos.

novos sentidos sobre os aspectos formadores no sentido socioeconômico e cultural neste espaço que sempre teve sua economia, principalmente, voltada às atividades ligadas a agropecuária¹⁵, sejam as plantações de milho e feijão, na atualidade, ou algodão e melancia, nos tempos mais remotos. A criação do gado bovino se destaca como atividade importante desde os tempos anteriores a emancipação política.

A sociedade do Agreste tem uma relação muito próxima com a criação de animais e a agricultura, e, também, com as pequenas plantações de subsistência. Para a pesquisadora Teresa Salas (1982), essa é uma das grandes características que destacam os grupos Humanos dessa região.

Como será demonstrado no mapa que vem a seguir, Lagoa do Ouro está localizada no espaço geográfico denominado Agreste (uma área de transição de clima e vegetação entre a Zona da Mata e o Sertão). O município é caracterizado por atividades ligadas às pequenas e médias propriedades. Sua aproximação com o estado de Alagoas é responsável por um intercâmbio cultural e econômico muito dinâmico, o qual será apresentado no decorrer da pesquisa.

Figura 1: Mapa de Pernambuco destacando Lagoa do Ouro



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019)

¹⁵ Pois essa atividade era mantida junto com a agricultura que de acordo com a época e a questões econômicas modificava a cultura plantada (algodão, café, melancia...)

Corrêa (2011) destaca que os estudos sobre as relações entre os espaços rural e urbano são bem escassos, pois os pesquisadores se debruçam, na maior parte das vezes, em analisar apenas um aspecto (rural ou urbano), trazendo prejuízos para o entendimento mais amplo destas localidades. Lagoa do Ouro é uma cidade interiorana, e, como a maioria destas, tem uma relação muito íntima com as atividades camponesas, um olhar sobre a questão regional¹⁶ é imprescindível, já que:

O estudo regional permite [...], entre tantas outras possibilidades, compreender o comportamento de áreas com particularidades singulares, próprias. Possibilita ainda observar a união dessas áreas ao mesmo tempo em que elas, no contexto regional, estão separadas devido a existência de variações e contradições em seus territórios... (ALVES; MANUEL, 2018, p.45).

Por isso, devemos ter um olhar voltado para o pensamento de construção e de interação desses dois espaços que se complementam mutuamente nas formações histórica e sociológica da população do referido município. “As relações entre estas duas esferas são importantes, contribuem para a compreensão da dinâmica social e espacial” (CORRÊA, 2011, p.05). No *Diário de Pernambuco* de 1950, podemos observar uma versão sobre Igatauá (primeiro Nome de Lagoa do Ouro) e a relação de sua população urbana e rural:

Igatauá é um grande distrito do município das correntes, com uma atividade bem regular, dedicando-se à lavoura e a pecuária. [...]. Se tivesse havido maior comunhão de propósitos há tempos passados, a vila teria hoje outra feição, contando com algum melhoramento, convido lembrar a necessidade de iluminação elétrica. [...] no domínio da lavoura oferece possibilidades e penetração do mais, na criação, encontra-se uma já bem adiantada exploração de bovinos, fazendo do distrito uma potência... (HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, 1950).

As imagens também podem nos trazer uma visão de como essa sociedade se relacionava em períodos mais remotos da história da localidade. “Construídas num tempo histórico mais recente, raríssimas pessoas se preocupavam em guardar documentos [...] ainda bem que a fotografia já fazia seus avanços” (GUIMARÃES NETO, 2006, p25). Nessa imagem do centro da cidade em meados da década de

¹⁶ Podemos dizer que nesse momento se faz necessário um diálogo com a geografia.

1950, aproximadamente, podemos observar o centro da atual cidade de Lagoa do Ouro, ainda sem calçamento e poucas casas.

Figura 2: Rua do progresso (centro)



Fonte: A memória de Lagoa do Ouro (2013)

A fotografia demonstra uma Lagoa do Ouro bem diferente da atualidade, com ruas de chão e edificações construídas em estilo francês *art deco* que foi muito popular nas cidades interioranas no século XX. Nesse sentido, percebemos que as informações trazidas pelo *Diário de Pernambuco*, de certa forma, complementam-se com a imagem demonstrada, fazendo com que possamos trabalhar seguindo a visão defendida na construção dos espaços que os geógrafos costumam definir como “cidades locais”¹⁷ e suas especificidades econômicas e sociais.

Para Rezende (1997), as cidades, mesmo se modernizando, ainda mantêm muitas permanências do seu original e representam um espaço de privilégios, de troca e criação cultural¹⁸. Já para Raminelli, “a cidade constitui um aglomerado humano caracterizado pelas trocas comerciais regulares capazes de prover o sustento dos seus habitantes” (1997, p187). Enxergamos a cidade de Lagoa do Ouro a partir dessas perspectivas econômicas e culturais.

¹⁷ Ver em: QUEIROZ, Laercio Gomes de. Análise da formação do espaço urbano das pequenas cidades: estudo de caso sobre Pedro Régis–PB. 2013, p.18.

¹⁸ Ver em: REZENDE, Antônio Paulo. (Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Governo do Estado, Secretaria de Cultura, FUNDARPE, 1997, p22

A escrita da história de um local não deve ser realizada a partir de um discurso de reminiscência, devemos ter a consciência que a cultura se modifica ao longo dos tempos, é um processo de “eterna” transformação; fatos, influências fazem com que o modo de vida do indivíduo ou de um grupo seja modificado. “Todavia, face [...] um povo em permanente mutação, tal como acontece com o povo brasileiro, é preciso evitar os riscos de caracterizações fáceis e generalizantes” (KASHIMOTO *et. all.* 2016 p.37).

A partir do arcabouço teórico-metodológico da *História Cultural*, começamos a construir uma imagem dos grupos humanos que formaram a sociedade urbana de Lagoa do Ouro. “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída...” (CHARTIER, 1990, p.16-17). Utilizando-se das fotografias, que, só após a fundamentação teórica e metodológica da História Cultural, os pesquisadores puderam empregar fontes que diferem das tradicionais.

De lá para cá, tanto a noção de documento quanto o texto continuaram a ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. Dessa forma, Novos textos, tais como pintura, o cinema, a fotografia etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e possíveis de leitura por parte do historiador. (CARDOSO; MAUAD, 1997, p.402)

Dentre as fontes que foram utilizadas, os jornais representam grande valia, pois os escritos encontrados trazem fatos bastante interessantes sobre a realidade enfrentada pela sociedade de Lagoa do Ouro na segunda metade do século XX, essas reportagens vão de certa maneira destrinchando, mostrando como se formou o aglomerado urbano, quais suas principais dificuldades.

Como foi destacado anteriormente, a cidade de Lagoa do Ouro teve sua economia fundamentada na atividade agropecuarista; a fotografia a seguir demonstra uma das atividades que movimentava a economia tanto na zona urbana quanto na rural. A compra e venda de cereais-ocorria muito próximo à praça principal da cidade (praça Nossa Senhora da Conceição). Estima-se que a fotografia tenha sido produzida entre os anos de 1950/1960¹⁹:

¹⁹ As idades das fotografias foram baseadas a partir da memória dos entrevistados em relação as imagens.

Figura 3: Mercado de cereais



Fonte: Lemos (2013)

As letras grandes, em maiúsculo, demonstram como existia uma intencionalidade em destacar o espaço comercial. Podemos perceber também que era um espaço majoritariamente dominado por indivíduos do sexo masculino. As roupas demonstram que diferentes classes sociais interagem nesse local (Roupas claras e grandes chapéus são sinônimos de melhor posicionamento econômico).

Segundo Corrêa (2011), a cidade vem passando por um processo de modificação significativa nos últimos 60 anos; as cidades, até 1950, estavam muito ligadas aos modos de vida rurais, o cotidiano estava, de certa maneira, vinculado aos interesses e aos padrões ditados pela ruralidade. “Essa é a história agrária de que falamos: a história econômica e social do mundo rural”²⁰. Corrêa ainda complementa a configuração das cidades brasileiras destacando que:

O Brasil era, de um lado, menos industrializado e urbanizado. Estamos às vésperas do processo de industrialização que, a partir da segunda metade dos anos 50, irá afetar, ainda que desigualmente, a sociedade brasileira e seu território. A urbanização, tanto em termos quantitativos como qualitativos, não tinha ainda explodido, tal como ocorrerá em breve. No campo pode-se falar em complexo rural e outros complexos,

²⁰ Ver em: LINHARES, Maria Yedda. História agrária. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, p. 165-184, 1997, p.170

mas é muito cedo para se falar em complexo agroindustrial. De outro, e em consequência, o Brasil era pouco articulado internamente, pouco integrado. A articulação começaria a ser claramente efetiva a partir de 1960, quando inúmeras rodovias foram abertas e entregues ao tráfego (CORRÊA, 2011, p.07).

Os assuntos decorrentes dos problemas de locomoção e de qualidade das estradas aparecem frequentemente nas notícias dos jornais, podemos até destacar que a maior parte das notas encontradas entre as décadas de 1950-1980 estava se referindo a uma determinada reforma de estradas ou a falta desta por anos. Além, também, de destacar às dificuldades que as pessoas tinham em se locomover para Garanhuns. De certa maneira, a população das cidades interioranas vivia uma espécie de isolamento imposto pela falta de estradas que ligassem estas a outros pontos. Lagoa do Ouro não poderia ser diferente como podemos observar transcrito do jornal de 1950:

Estudando os mais imperiosos problemas do meio rural, no desejo de melhor oportunidade para o homem do campo, versamos hoje, a respeito do trecho de estrada supra- indicado. De Garanhuns a Igataú, perdendo-se tempo e dinheiro. Toda essa complicação resulta de um caso simples, singelo mesmo, uma bueira no baixio da propriedade do Sr. Anibal, que não foi construída, apesar de veementes apêlos. Solucionando este problema e reparando-se ligeiros trechos da estrada. O trânsito tornar-se-á franco e assim, haverá uma redução de viagem, de quase três léguas, alias de grande significação para os transportes consecutivos, pois só o escoamento de algodão, da vila para a **cidade do bom clima maravilhoso**, fala bem alte da importância daquela estrada... (HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 08 de julho de 1950).

O que chama a atenção neste pequeno trecho é o momento em que são referidas as palavras “transportes consecutivos”, a nosso ver, isso faz alusão ao transporte por meio de automóveis, que era algo raro nas décadas de 1950-1960, o transporte basicamente era feito a partir da tração animal; dos carros de boi²¹.

Valendo-me de uma visão de (GUIMARÃES, 2011), na qual ele aborda sobre os “tempos de silêncio”, no qual as cidades do interior sobrevivem sem as influências diretas dos motores barulhentos. A Lagoa do Ouro que vem sendo apresentada é um local intimamente ligado a esse espaço de silêncio, ao espaço rural e o papel dessa

²¹ Assunto que será tratado aprofundado no transcrito da pesquisa.

sociedade neste período. “Tal realidade demonstra que uma história da agricultura no Brasil será necessariamente uma história também da questão agrária” (LINHARES, 1997, 172).

Um olhar cauteloso sobre a maneira de enxergar as questões ligadas ao rural e urbano devem ser feitas constantemente.

De maneira geral, as definições elaboradas sobre o campo e a cidade podem ser relacionadas a duas grandes abordagens: a dicotômica e a de continuum. Na primeira, o campo é pensado como meio social distinto que se opõe à cidade. Ou seja, a ênfase recai sobre as diferenças existentes entre estes espaços. Na segunda, defende-se que o avanço do processo de urbanização é responsável por mudanças significativas na sociedade em geral, atingindo também o espaço rural e aproximando-o da realidade urbana” (MARQUES, 2002 apud MANAIA, 2009, p. 07).

Não é objetivo da pesquisa entrar no mérito das discussões sobre a concepção e as influências do rural sobre urbano e vice-versa, queremos apenas demonstrar as variantes, diferentes pontos de vistas observados tanto no campo da História quanto da Geografia. Enxergamos esse fenômeno e acreditamos que a interferência de um espaço para outro irá depender da questão ligada ao número de indivíduos que residam na cidade ou no campo em determinado município. “Quando estamos falando de costume, não falamos de um objeto natural, mas de uma construção histórica e social que precisa ser descrita” (ALBUQUERQUE, 2007, p.127). O que podemos afirmar é que a maior parte da pesquisa se desenrola em uma temporalidade em que o contingente populacional estava muito mais concentrado nas áreas rurais e a cidade, a nosso ver, por ter um contingente menor, sofria mais influência, pois o urbano de certa forma seguia um ritmo lento:

Figura 4: Coleta de lixo



Fonte: Lemos (2013)

A fotografia, que estimamos ter sido produzida entre os anos da década de 1960²², revela práticas cidadinas de Lagoa do Ouro atreladas ao meio rural. Temos na imagem uma carroça pertencente à prefeitura, puxada por um cavalo, demonstrando parte do cotidiano vivenciado. A fotografia deve ter sido utilizada como propaganda, representando o melhoramento no serviço de coleta de lixo. Desse modo, podemos refletir sobre um processo de modernização de um serviço público que estava atrelado às tradições e práticas culturais daquele cotidiano.

Percebemos que as modificações acarretadas pela industrialização trouxeram poucas alterações reais para aquela localidade. Por isso, “ao historiador, a fotografia lança um grande desafio: como chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar do fotografo” (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 405). Sabemos a importância que as fotografias tiveram em outrora, o poder e o significado das imagens era algo muito emblemático, a imagem serviu como instrumento para que alguma coisa fosse lembrada na posterioridade²³.

Mesmo a temática da pesquisa não sendo voltada para os acontecimentos políticos, não poderíamos deixar de destacar que foi na segunda metade da década de 50 que Lagoa do Ouro se tornou município, separando-se assim do Município das Correntes. O projeto feito por José Francisco, que foi publicado no jornal *Diário de Pernambuco* de 1957, esse projeto mudaria o rumo sociopolítico da então vila. O projeto foi aprovado em 1958:

MUNICÍPIO DE IGATAUÁ

O sr. José Francisco apresentou o seguinte projeto de lei : ART.1º- Fica o Município de Igatauá, desmembrado do município das Correntes, cuja sede será o atual distrito de Igatauá que fica elevada à categoria de cidade.

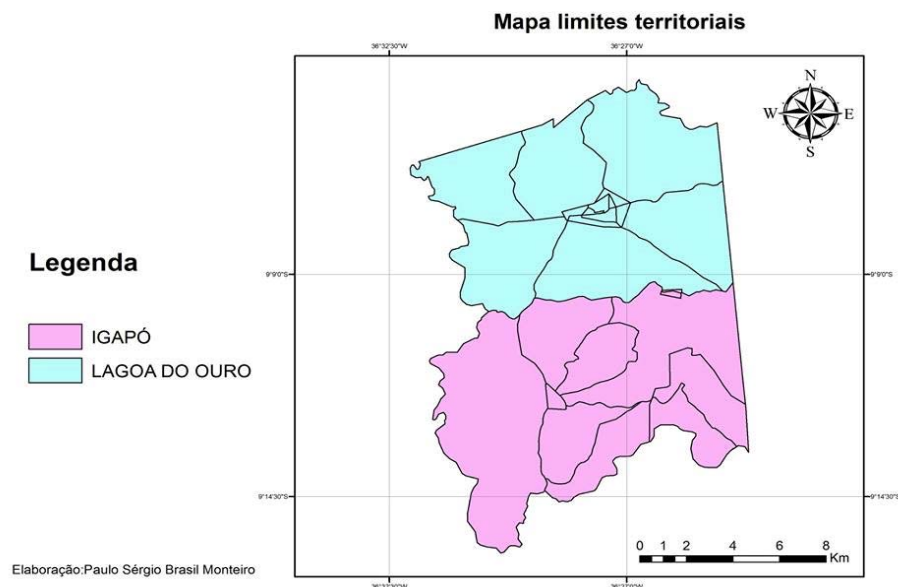
ART.2º- O território do novo município será constituído pelo atual distrito de Igatauá e pelo de Igapó e as exigências legais para a sua constituição satisfeitas perante a Comissão de Negócios Municipais, antes da última discussão e votação da matéria pela assembleia legislativa... (HEMEROTECA DIGITAL, Recife Diário de Pernambuco, 18 de julho de 1957)

²² Seguindo as interpretações dos relatos de memória dos entrevistados.

²³ Ver em: BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Edusc, 2004.

Novos campos de pesquisa exigem dos historiadores metodologias precisas para atuarem de maneira efetiva. Como enfatiza Marc Bloch (2001): o historiador é filho do seu tempo, precisa se reinventar no momento em que o presente lhe cobra novas explicações, um diferente olhar sobre o fato. Nessa perspectiva, para não ficarmos unicamente com os escritos e utilizando mais uma vez da interdisciplinaridade com a geografia; demonstro o mapa do território que forma o município de Lagoa do Ouro:

Figura 5: Município de Lagoa do Ouro



Fonte: A Memória de Lagoa do Ouro (2014)

No *Diário de Pernambuco*, de 31 de janeiro de 1964²⁴, podemos observar que Lagoa do Ouro e os demais municípios do Agreste já eram vistos como polos produtores de alimentos do estado, por causa disso, o Governo do Estado lançou uma campanha de distribuição de sementes para beneficiar os agricultores desses

²⁴ HEMEROTECA DIGITAL, *Diário de Pernambuco*, Recife, 31 de janeiro de 1964. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&pesq=LAGOA%20DO%20OURO&pasta=ano%20196.

Outra questão que também deve ser destacada é que nesse ano iniciou-se o regime militar no país, nesse período foram criadas políticas que incentivaram o desenvolvimento agropecuário, financiamentos, acompanhamento técnico, e seguro agropecuário. No entanto, houve também desvios de verbas e escândalos. Aprofundo seus conhecimentos em: HOUTZAGER, Peter P.; LAVALLE, Adrián Gurza. *Os últimos cidadãos: conflito e modernização no Brasil rural (1964-1995)*. Globo Livros, 2004.

territórios. Cerca de 210 toneladas de feijão foram entregues, pois à população do Agreste desenvolvia a agricultura de subsistência[...] fazendo roçados onde os agricultores cultivavam alimentos básicos como feijão, milho e a mandioca” (MACHADO; PEIXOTO; AMADOR, 2010, p. 486). Podemos perceber, na colocação dos pesquisadores da Universidade de Pernambuco, como as plantações desta região eram diversificada.

Temos que observar o espaço ocupado pelo município de Lagoa do Ouro, no território estadual; o Agreste é uma região onde a produção agrícola e pecuarista é muito forte. A população, de certa forma, tem suas vidas vinculadas a algumas dessas duas atividades. Essa região chamo de “área mista”, pois podemos encontrar as plantações que são características da Zona da Mata e a pecuária extensiva comum nas áreas sertanejas. Ribeiro (2006) defende a ideia de que a região do Agreste desenvolveu essa economia agropastoril por causa da proximidade dos centros consumidores. No entanto, as propriedades apresentam uma aptidão para plantação ou criação²⁵. Mas, para (MACHADO; PEIXOTO; AMADOR, 2010, p.487) a configuração do agreste, é um pouco diferente:

O Agreste passou por várias transformações nas relações agropecuárias; com o cultivo do algodão a partir de 1750 que começou a ter importância e a pesar na economia do Nordeste, ao plantio do café, produto que transformaria as paisagens agrestinas; passando de pecuarista no séc. XVIII, para essencialmente policultor, no séc. XIX e XX, tornando-se uma região importante na exportação de alimentos básicos para o Nordeste [...]. Nesse contexto, a pecuária perde espaço, em relação às extensões de terra que antes eram destinadas a essa atividade, para dar lugar às áreas agrícolas. Entretanto, a pecuária não foi prejudicada, pelo contrário, até cresceu...

Na década de 1970, Lagoa do Ouro era vista como um município importante na produção agropecuária, recebendo cada vez mais incentivos do governo para aumento de sua produtividade. No Jornal *Diário de Pernambuco* de 1976²⁶, foi destacado que Lagoa do Ouro juntamente com outros municípios vizinhos (Brejão, Garanhuns, Correntes, Bom conselho, Terezinha, Águas Belas e Iati) receberiam

²⁵ Nesse tocante, não compactuamos com as ideias do pesquisador, ao nosso ver o antropólogo focou seu olhar para as propriedades maiores, sem perceber que a região do agreste é caracterizada pelas pequenas e médias propriedades; nessas, as duas atividades auxiliam uma a outra.

²⁶ HEMEROTECA DIGITAL, Diário de Pernambuco, Recife, 20 de novembro de 1976. Ver em:< http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=LAGO A%20DO%20OURO>.

doses de vacina contra a *Febre Aftosa*, e a estimativa era imunizar 160 mil animais²⁷. Em outra edição de 10 de janeiro de 1978²⁸ do mesmo jornal, é demonstrado a força da produção leiteira do Agreste meridional de Pernambuco que, no período das secas, produzia cerca de 30 mil litros de leite dia. Após poucas semanas da chegada das chuvas, já estavam produzindo 45 mil litros de leite dia, que era beneficiado nos laticínios na cidade de Bom Conselho. A previsão era que a produtividade aumentasse em 70% nas próximas semanas em relação ao período anterior as chuvas. É explícito a questão de descontentamento dos produtores²⁹ que se sentiam pouco assistidos pelos poderes públicos da época; pois estes tinham consciência do potencial econômico do leite.

1.2 UMA VISÃO ATUAL DO MUNICÍPIO

Avançando um pouco na temporalidade analisada³⁰, iremos fazer uma breve amostragem de Lagoa do Ouro na contemporaneidade: como esse município se configura? Quais suas atividades econômicas mais significativas? O que a imagem dessa História recente poderá nos contar? O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística calcula que a população aproximada do município esteja compreendida em 13.065 habitantes³¹, uma cidade pequena que tem como “Atividades principais: agropecuária, pecuária e comércio³². “Com tais balizamentos, intentamos contribuir com o debate sobre a diferenciação e complementariedade do urbano e do rural, da cidade e do campo”. (WHITACKER,2006, p.132). A cidade se modificou e as atividades rurais também ganharam melhoramentos tecnológicos.

²⁷ Não foi encontrado na pesquisa no próprio periódico se essa meta foi alcançada, no entanto, foi a primeira vez que observamos uma preocupação com a sanidade bovina em escala

²⁸ HEMEROTECA DIGITAL, Diário de Pernambuco, Recife, 10 de janeiro de 1978. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&PagFis=92715&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO>

²⁹ Provavelmente os mais abastados.

³⁰ As fontes serão melhor demonstradas nos outros tópicos que serão levantados. Essa parte é apenas uma visão geral sobre o assunto.

³¹ Ver em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/lagoa-do-ouro/panorama>

³² Ver em: <http://www.lagoadoouro.pe.gov.br/omunicipio.html>

Figura 6: Centro da cidade



Fonte: Prefeitura Municipal de Lagoa do Ouro (2018)

A imagem contemporânea nos revela uma Lagoa do Ouro modificada (por interesses particulares dos proprietários e do poder municipal). Na imagem, só podemos enxergar duas construções do início do século XX³³, a matriz e o prédio que aparece em cor rocha. Nesse sentido, o que gostaríamos de destacar é que “os monumentos históricos [...] são importantes portadores de mensagens e, por sua própria natureza como cultura material, são usados pelos actores sociais para produzir significado...” (FUNARI, 2001, p. 24).

Por motivo talvez de desconhecimento, as edificações mais antigas, mesmo sendo públicas, estão sendo destruídos para dar espaço para o “progresso”, os indivíduos envolvidos não percebem que, com atitudes como essa, terminam apagando parte comum da História de sua comunidade. A última modificação do patrimônio histórico (talvez o maior deles) foi a demolição do prédio da Prefeitura. Para mim, esse fato pode ser comparado com a destruição de um álbum de família, cheio de representações de um tempo passado. Precisamos entender que essas edificações de outros períodos do tempo são símbolos de importante referência para os habitantes da cidade. A preservação do patrimônio material e imaterial de um município deve ser prioridade, nesse sentido, no entanto,

É fácil entender que as pessoas estejam interessadas em ter acesso à infraestrutura moderna, mas, como notam os europeus quando visitam as cidades coloniais, se os edifícios medievais podem ser

³³ No centro da cidade, as edificações mais antigas já foram quase que completamente modificadas. Sobrando poucos detalhes da arquitetura de outrora.

completamente reaparelhados, sem danificar os prédios, não haveria porque não fazê-lo no Brasil (FUNARI, 2001, p. 26).

Figura 7: Antiga prefeitura de Lagoa do Ouro.



Fonte: Lagoa notícias (2012)

Pode-se perceber que a edificação em *art decor*, que foi por anos uma das edificações principais da cidade, passou por modificações antes de ser destruída, (diminuição das janelas laterais e o fechamento de janela da fachada que descaracterizaram a estrutura arquitetônica). Nesse panorama, é possível refletir que “os avanços tecnológicos dos últimos 60 anos provocaram novos usos e mudanças nos hábitos e na realidade [...], são feitas novas aberturas e esquadrias são modificadas, procurando incorporar os novos padrões...” (LAPOLLI, 2006, p.78). Essas alterações são feitas por pessoas que desconhecem a importância e o significado de cada edificação.

Funari (2001) explica, de uma maneira muito didática, os motivos que levam os povos advindos do processo de colonização exploratória a não se apegarem as construções patrimoniais, considerando que a sociedade tem dentro dela uma vontade de modernizasse. Ao nosso ver, a velha prefeitura criava uma ideia de pobreza ou involução, imagem que é cada vez mais combatido pelos discursos de senso comum; todos já ouvimos o velho ditado popular: “quem vive de passado é museu”. É justamente esse desapego ao passado que nos mostra o quanto precisamos melhorar enquanto sociedade. A nova prefeitura foi inaugurada em 2018, edificada sobre os “restos mortais” da antiga prefeitura.

Figura 8: Nova prefeitura



Fonte: VEC Garanhuns (2018).

Voltando a falar das atividades ligadas ao mundo rural, Lagoa do Ouro vem passando por um processo de modernização. A utilização de novas técnicas vem melhorando gradativamente as condições de vida dos moradores da zona rural do município. Em relação a esses aspectos, “houve aumento significativo nos indicadores técnicos de modernização agropecuária, aumento da produção e sua diversificação e significativa alteração no padrão técnico do setor rural” (DELGADO,2001, p.165).

Capacitações e utilização de práticas de melhoramento de rebanho e nutrição animal trazem produtividade e lucratividade para o município. Nesse momento, me utilizo dos argumentos de Teixeira (2005), o qual explana que as técnicas de produção no meio rural da atualidade, com a utilização de máquinas, vêm fazendo com que as atividades rurais deixem de depender do que ele chama de “generosidade da natureza”. De fato, os homens da contemporaneidade sofrem menos com as intemperes naturais.

Uma das técnicas utilizadas para driblar os efeitos das estiagens é a silagem³⁴ de milho que, juntamente com a palma forrageira, é usada para alimentação dos animais. “É a reserva de alimentos necessária para garantir um bom desempenho dos animais durante todo o ano, principalmente nos períodos de seca”. (LIMA,2010, p12).

³⁴ Nos últimos 15 anos essa técnica de produção e reservar alimentar vem sendo utilizado, primeiramente só os maiores produtores faziam, podemos até destacar que foi preciso um certo tempo para que os pequenos produtores se convencessem que o alimento armazenado no solo não era maléfico para os animais. Na atualidade poucos são os que não tem um silo de milho para alimentar seu rebanho.

Figura 9: Produtores fazendo silagem.



Fonte: Prefeitura Municipal de Lagoa do Ouro (2018)

A imagem em destaque nos mostra que a sociedade camponesa de Lagoa do Ouro vem passando por uma modificação cultural nos últimos anos. Por isso que devemos observar essa transformação vendo os grupos rurais não como formados por seres passivos da história, pois estes não são. É preciso destacar, aqui, que “a realidade só pode ser apreendida mediante as tradições culturais, estabelecidas e as mudanças sociais e econômicas não agem sobre os seres humanos que sejam páginas em branco; pelo contrário”. (CARDOSO, 2012, p 16). Pode-se afirmar que a introdução da silagem não modificou apenas as relações de homem e ambiente, mas também as relações sociais destes³⁵.

Roberto Cardoso de Oliveira, no Livro *O trabalho do antropólogo* (2006), destaca a importância de termos sensibilidade no olhar. Nesse sentido, precisamos entender o mundo dos nossos pesquisados para podermos escrever. A pesquisa também deve ser pensada a partir do que vemos³⁶ e percebemos, nesse ponto, devemos destacar que o campo já apresenta uma realidade bem diferente na contemporaneidade, percebemos um espaço de algumas reminiscências e muitas modificações:

Acreditamos que essa superação pode acontecer ao entender que estamos refletindo sobre conteúdos sociais que se inter-relacionam

³⁵ Um costume muito comum, o observado é que no período das silagens a vida social se modifica. O trabalho demanda muito pessoas, os pequenos e médios criadores ao em vez de pagar pelos serviços “trocam dias”, ou seja, a vizinhança se envolve para trabalhar em conjunto, um ajudando o outro, um período de interação entre homens e mulheres da região.

³⁶ No momento que estava fazendo as entrevistas para esse trabalho pude ver o início das atividades do corte do milho para a silagem, e como esse momento afeta o cotidiano da sociedade.

e invadem e, a nosso ver, com a preponderância do urbano que transforma o rural. Assim o destino da ruralidade [...] parece ser, contraditoriamente cada vez mais urbano. (SOBARZO, 2006, p. 63).

Ainda a respeito das questões referentes à relação cidade e campo, outro ponto de destaque é a comercialização do gado no município, fortalecendo ainda mais as atividades pecuaristas. “Lagoa do Ouro se destaca em Pernambuco por ter uma das melhores condições sanitárias no abate de animais, bem como na distribuição e comercialização de carnes³⁷”. O abatedouro tem máquinas modernas que adormecem os animais na hora do abate, além da feira de gado que recebe animais não somente do município. A feira ocupa um espaço regional e posso afirmar que até interestadual, pois é comum encontramos rebanhos e compradores advindos do estado de Alagoas.

Figura 10: Feira de gado e matadouro



Fonte: Eugênio (2018)

Podemos compreender o quanto o município vem mudando. “A pecuária bovina vem se estabilizando cada vez mais, pelas inúmeras vantagens[...] não é tão vulnerável às mudanças climáticas como a agricultura, e gera lucro para o ano todo” (MACHADO; PEIXOTO; AMADOR, 2010, p. 28). A observação dos geógrafos em relação ao município, a nosso ver, foi muito feliz, pois as atividades pecuaristas movimentam a economia da cidade e, com isso, percebemos uma forte ligação

³⁷ Ver em: <http://www.blogdocarloseugenio.com.br/2018/09/carne-de-primeira-lagoa-do-ouro-e.html>.

entre os dois espaços (campo e cidade). Os dois se influenciam, no entanto, o campo tende a se modificar cada vez mais:

[...] a “explosão” da cidade no campo (extinção do tecido urbano, invasão do campo pela tecnologia, modo de vida e símbolos da cidade, expansão e troca de mercadorias). A construção do “urbano” supõe a superação dessa divisão, a sociedade urbana se estende planetariamente, mas sem supor o desaparecimento das atividades agrícolas; cidade e campo permanecem, as relações se transformam e as formas ganham novos conteúdos (SOBARZO, 2006, p. 61).

A partir de agora deixaremos de falar sobre a Lagoa do Ouro contemporânea e adentraremos na História Oral. Convido aos leitores a conhecerem as narrativas, criadas a partir das memórias dos meus entrevistados³⁸, sobre o trabalho e o papel dos vaqueiros, além de como esses homens viviam e eram visto pela sociedade entre 1957-2014.

³⁸ Nilton Dodó, Mauro Rocha, Coló Brasil, Jurandir, Valfridio Marques e sua esposa Maria, Luciano Torres e Clovis Rocha.

CAPÍTULO II - NOS TEMPOS DOS CURRAIS E DAS ESTRADAS DE CHÃO

*“Sou nordestino, Sou brasileiro
E me orgulho em dizer que sou vaqueiro”
(Vavá Machado e Léo Costa)*

Nesse capítulo, será demonstrado o cotidiano dos vaqueiros e carreiros de Lagoa do Ouro. A fim de construir uma narrativa histórica atrás dos intercruzamentos de diversas fontes; fotografias, periódicos e através dos relatos de memórias dos colaboradores da pesquisa.

2.1 O COTIDIANO DOS VAQUEIROS

Óia, Antigamente tinha muito emprego pra vaqueiro aqui mesmo tinha seu Zuza Lourenço, grande fazendeiro empregava muitos vaqueiro, tinha Napoleão que tinha sempre 6 (seis), 7 (sete), 8 (oito) vaqueiro, tinha cumpade Né Machado, tinha... Como é o que eu falei ainda agora, aquele que vendeu a fazenda... O Augusto Pinto, Tinha Arnaldo Gome e hoje... Naquele tempo os fazendeiro tinha 5 (cinco), 6 (seis), 4 (quatro), 3 (três), 8 (oito), 10 (dez) dependendo de acordo, tinha facilidade do vaqueiro ganhar o pão mais sussegado, dá o seu sangue, porque vaqueiro tem que dar o sangue mermo, vaqueiro que não dá o sangue não invente de ser vaqueiro porque é um serviço maneiro e pesado né, de coragem, vaqueiro é pra quem tem coragem, vaqueiro não é pra caba mufina, porque na brincadeira você pegar um boi até ali na madeira um mato ali e você ver um boi de 14 (quatorze), 15 (quinze), 20 (vinte) arroba de ponta virada e você bota o calo nele e dizer: “Vou pega-lo”, tem que ter coragem, se não tiver não vai e hoje em dia a diferença é que hoje em dia esse governo que começaro a botar o pessoal pra cidade, os fazendeiro acabaram-se, pronto, não dá mais emprego a vaqueiro. (Entrevista feita com Jurandir Teles de Carvalho Lagoa do Ouro- PE, 12 de julho de 2018).

As palavras de Jurandir nos fizeram refletir sobre o espaço camponês em Lagoa do Ouro e as dificuldades em analisá-los, já que os estudos sobre a cultura e a história dos grupos oriundos da zona rural são consideravelmente novos. Poucos se debruçaram em escrever sobre esse “universo desconhecido” que nos desafia a decifrar partes destes tempos de outrora. Mas, como podemos destrinchar esse passado que não aparece nos documentos oriundos do espaço de poder?

Como podemos entender Lagoa do Ouro como um espaço de fortes aptidões para as atividades agropecuaristas em momentos mais distantes da contemporaneidade? Nesse momento, buscamos entender tal espaço a partir das memórias do advogado Luciano Torres³⁹, de 65 anos, que passou toda sua juventude residindo na zona rural de Lagoa do Ouro e nos fala das memórias:

Figura 11: Luciano Torres discursando na IX Festa do vaqueiro Correntina.



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado (2013)

...eu sou de uma região, de uma parte do município onde a cultura, as expressões populares no campo da cultura sempre estiveram presentes em várias dimensões, em vários aspectos. Porque Lagoa do Ouro ela se divide hipoteticamente falando ela se divide em polos, nós temos uma parte do município onde se teve a produção de alimentos, onde teve uma influência enorme de fora para dentro. E temos uma parte do município onde teve um reflexo em sua formação, na formação da sua população teve um reflexo bastante acentuado ainda da concepção escravocrata que foi mais nos distritos, principalmente de Igapó, na região de Igapó onde se teve engenho de cana de açúcar, produção de rapadura e derivados da cana. Até hoje um pouco mais artesanal e não centralizado. Mais descentralizado. E esta região outra, a região agresteira⁴⁰ de

³⁹ José Luciano Vieira Freitas, que descende de uma família de médios criadores de gado (filho do vaqueiro zé Torres), traz em seus relatos podemos encontrar uma bela descrição da sociedade do município da segunda metade do século XX que estavam em confluência com as memórias dos demais pesquisados. Além deste ser uma das personalidades mais conhecidas no espaço vaqueiro.

⁴⁰ Essa expressão “região agresteira” me chamou muito a atenção, precisava encontrar algo que justificasse essa fala do entrevistado, passei algumas semanas pesquisando no *Diário de*

município já dividindo com Garanhuns, Teresinha e Bom Conselho, onde se radicou uma população mais dentro de trabalhando a produção de alimentos [...] A presença do gado esteve presente e eu nasci neste meio. Todos os produtores, criadores de gado, mesmo produzindo alimentos, grãos, feijão, milho, mas geralmente tinha gado presente. E então eram agricultores, não tinham grandes latifundiários, onde existiu grande latifundiário a terra era utilizada com a cultura de produção de grãos [...] mas a cultura vaqueira mais presente neste miolo aqui do município de Lagoa do Ouro, uma parte do município de Brejão, uma parte do município de Teresinha e uma parte do município de Bom Conselho Naquele foco eu nasci. (Entrevista realizada com Luciano Torres, Lagoa do Ouro –PE, 15 de julho de 2018).

Luciano Torres constrói sua identidade não como um vaqueiro ou poeta, ele se define como uma mistura de tudo, e amante das representações culturais dos vaqueiros. No entanto, devemos salientar que na fotografia ele se traça de vestimentas características dos homens do gibão (trajes de couro) como se com isso, ele pudesse integrar-se naquela realidade.

O entrevistado traz nos seus relatos uma temporalidade de vivenciada na segunda metade do século XX esse município, em que pecuária e a agricultura andavam entrelaçadas; utilizando suas memórias entendemos que as atividades econômicas estavam baseadas na produção de subsistência. Uma região formada muito mais de pequenos e médios produtores e criadores de animais que modelaram sua cultura a partir do cotidiano, vivenciado junto dos rebanhos principalmente bovino. Mas o que queremos refletir é desde quando Lagoa do Ouro se tornou esse “miolo” voltado para pecuária e a cultura vaqueira como foi destacado por Luciano? Um jornal de 1930 pode nos demonstrar o impasse político que, de certa maneira, vai de encontro a afirmação do entrevistado, nos tempos em que o município ainda não existia:

A PROVINCIA nos municípios Correntes

Correntes 9 de abril.

Pelo conselho Municipal, na sua última reunião, foi aprovado em última discussão, um projeto de lei apresentado pelo dr. Anísio Carapeba, e subscrito pelos conselheiros Belmiro Arce e Possidônio Gomes, relativamente ao afastamento do travessão que separava a zona pastoril da zona agrícola, neste município, ficando

Pernambuco até encontrar algo que de certa maneira respondeu minha curiosidade, sobre esse espaço destacado por Luciano.

pelo referido projeto aumentada a zona agricola. Esse acto do Conselho tem merecido aplausos, pois o distrito de Lagoa do Ouro estava se transformando de zona agricola em zona pastoril, com grandes prejuizos dos interesses gerais do municipio. (HEMEROTECA DIGITAL. *A Provincia*, Recife, 11 de abril de 1930)

O historiador deve buscar indícios do passado em documentos históricos, mesmo sabendo que esses são dotados de intenções e interesses, como defende o professor Albuquerque Júnior (2007). O que mais nos chamou a atenção é que mesmo com toda a imposição de Correntes, Lagoa do Ouro não se afastou da pecuária. Nesse sentido, fazendo uma comparação das memórias de Luciano com o informativo do Jornal, podemos perceber também o entendimento quando ele fala das “influencias de fora”, pois, os grandes proprietários de terra acataram as ordens de Correntes, utilizando suas propriedades para a plantação⁴¹; fazendo até arrendamentos para a agricultura; os pequenos e médios proprietários estavam mais ligados a criação de animais e a agricultura de subsistência.

Aproveitando o ensejo, neste momento deixaremos as discussões ligadas aos espaços do poder local e passaremos a nos debruçar sobre a construção da imagem dos vaqueiros de Lagoa do Ouro, a partir das memórias dos entrevistados, percebendo que “os lugares de memória são antes de tudo resto” (NORA, 1993, p12). Assim, trabalhamos na perspectiva de construir uma versão para o passado e não uma verdade absoluta, muito cara aos historiadores diletantes. O grande objetivo, nesse ponto, era saber como os vaqueiros das décadas de 1950-1960 viviam. Uma das explicações foi dada por Mauro Rocha⁴², um vaqueiro de 74 anos de idade que já pendurou seu gibão⁴³.

⁴¹ Não estamos aqui generalizando o discurso, pois os vaqueiros mais velhos que entrevistei, prestavam serviços para grandes proprietários de terra, o que quero dizer é, os mais abastados da vila de lagoa do Ouro por terem muita terra e uma visibilidade social tentaram “driblar” as ordens do governo correntino.

⁴² O vaqueiro mais premiado do município de Lagoa do Ouro, Mauro Rocha Wanderley entrega uma família de pequenos e médios criadores de animais e agricultores.

⁴³ Se aposentou.

Figura 12: Mauro Rocha vestido em seu gibão, cuidando de sua criação



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado (2000)

Sobre os primeiros vaqueiros Mauro Rocha nos fala:

Olhe, no município de Bom Conselho os que eu conheci primeiro, foi Natésio, foi Pirrinxa, foi Zé Honório o que faleceu, foi Batinga ali de Brejão, Batinga preto, todos eles. Eu era um mulecote ainda, uma faixa de 10 (dez) ano, ai diziam que tinha pega de boi lá no coronel Augusto Pinto, ai eu fui crescendo e só ouvindo falar disso do povo, ai eu digo: “Eu vou”, ai nós ia, quando chega lá nós subia nos pau e vinha a quebradeira que nem o mundo tivesse se acabando, os homem, Natécio, Pirrincha, Zé Honório e Batinga Preto [...] ai surgia todo quando tinha a pega de boi no mato, eles diziam comprar cachaça, naquele tempo à cachaça era tampa de curtiça [...] era cana de cabeça que falava, ai dizia: “Vá o filho de Zé Rocha”, era eu, ai o finado Zé Honório dizia: “Olhe, quando esse minino chegar, nós vamo dar uma moeda a ele”, ai me dava 10 (dez) Tões, 500 (quinhentos) Reis, naquele tempo se comprava um pacote de bolacha com 10 (dez) Tões, ai quando eles pegava o boi na facha de 5:00 horas da tarde, eles derrubava o boi e piava o boi, o boi ficava escornado piado, não era amarrado em pau não... Era o boi piado, ai ficava escorado pra ir ver no outro dia, quando chegava, ai o coronel Augusto Pinto perguntava: “Cadê? pegaro o boi?”, eles: “Peguemo o boi e o boi tá tá amarrado, tá piado, o boi tá no chão, nós só vamo vê amanhã bem cedo”, foi os vaqueiro mais velho da região foi esses, agora esses homem nunca foram pra não pegar, todos quatro era bom, tinha os cavalo deles, me lembro que nem hoje era Madrugada, era Só se Venó, era Voador e Batinga, Batinga, o cavalo de Batinga ele era preto, o cavalo era preto retinto... (Entrevista feita com Mauro Rocha, Lagoa do Ouro-PE, 19 de julho de 2018).

Pudemos perceber que os vaqueiros mais antigos, “a dupla”, como Mauro Rocha destaca, era formada por indivíduos não somente de Lagoa do Ouro. Na fala de outros entrevistados, percebemos que existia uma interação destes, em especial de Brejão, Lagoa do Ouro e Bom conselho⁴⁴. Conseguimos perceber como ele admira esses vaqueiros ainda⁴⁵. Na intenção de entender mais desse passado, utilizo-me do conhecimento de Alberti (2005), quando a autora cria um perfil dos indivíduos que podem ser utilizados em uma pesquisa de história oral, destacando que todos devem conhecer sobre o assunto. Por esse motivo, as memórias do violeiro Nilton Dodó⁴⁶, de 72 anos de idade, também serão de grande valia para entendermos sobre os primeiros vaqueiros de Lagoa do Ouro. Ele nos fala, em seu relato, que “esses homens foram os heróis da catinga aqui, os pegadores de boi do mato, os legítimos. Eram estes homens”⁴⁷.

Tanto Mauro Rocha quanto Nilton de Dodó se apresentam com muita rudeza e propriedade em suas falas sobre o passado; a união das memórias do vaqueiro e do violeiro irão se cumprir em inúmeros momentos da escrita deste trabalho, no momento em que aspectos ligados a cultura e o cotidiano dos vaqueiros forem sendo apresentados.

⁴⁴ Devemos ter a noção de que os espaços municipais ainda não eram definidos e meus entrevistados costumam utilizar as divisões atuais. O próprio entrevistado falou que tem um filho de Pirricha morando no município de Lagoa do Ouro, Batinga era de Brejão e Zé Honório e Natércia provavelmente de Bom Conselho. Posso adiantar que essa junção de vaqueiros desses municípios ainda acontece com muita frequência.

⁴⁵ Houve momentos que tinha a impressão de estar falando com o menino Mauro, o garoto que fazia o mandado dos vaqueiros e sonhava ser um deles um dia. Os olhos brilhavam a voz embargava. A ponto de me sentir emocionado também. O senhor demonstrou muita intimidade com esse passado, a sensação era que tudo que ele falava tinha acontecido no dia anterior a entrevista. E isso contagiou o ambiente com um ar muito agradável.

⁴⁶ Entre os meus entrevistados Manuel Nilton de Oliveira, poeta conhecedor da cultura vaqueira é que apresenta a personalidade mais forte, suas falas o colocam em posição de autoafirmação, o próprio não queria que fosse feita outras entrevistas; ela se considera conhecedor e capaz de responder qualquer coisa referente a cultura e a história dos vaqueiros no município.

⁴⁷ Entrevista feita com Nilton de Dodó, Lagoa do Ouro- PE, 20 de julho de 2018).

Figura 13: Fotografia 11- Nilton Dodó.



Fonte: acervo pessoal do autor (2018)

Os entrevistados se deixaram fotografar da forma que se sentem representados na sociedade de Lagoa do Ouro. Mauro Rocha, destacando o seu gibão de chuteira (muito cara e difícil de encontrar, segundo o entrevistado, em Lagoa do Ouro, ele é proprietário do único), além disso, ele guarda sua indumentária de vaqueiro⁴⁸ com muita vaidade. Já Nilton Dodó, é visto como uma espécie de intelectual da zona rural, que ainda é bastante requisitado pelos mais velhos da comunidade para aconselhar sobre os problemas do cotidiano. Os dois são compadres e, sobre o contrato social nas sociedades rurais, a professora Regina Beatriz Guimarães Neto (2006) destaca que esse tipo de prática era muito comum no século XX, pois servia para fortalecer os laços sociais dos integrantes do grupo. Podemos destacar uma ligação muito forte entre os entrevistados analisados⁴⁹.

⁴⁸ Um fato muito curioso sobre a personalidade de Mauro é que ele denominar os homens mais antigos como verdadeiros vaqueiros. Ele denomina sua geração como os “vaqueirinhos”.

⁴⁹ Os entrevistados mais velhos (Nilton, Jurandir e Mauro) se mostravam muito curiosos em saber das falas uns dos outros, sempre buscando se proteger e se apoiarem no momento que o gravador

Ao analisar as memórias dos mais velhos, tentamos fazer uma amostragem do espaço de convívio daqueles antigos vaqueiros. Em meados do século XX, “o tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade da memória, para só viver sob o olhar de uma história constituída” (NORA, 1993, p.12). Esse espaço ocupado pela história é formado a partir de muitos fatores, a memória, o espaço e a construção da narrativa. Os currais de pedra são ainda os testemunhos desses lugares de outrora; sobre o cotidiano nesse espaço foi nos contado:

[...] esses currais Jairo eram feito exatamente por conta do gado criado na época, que era nascido e criado lá no mato, quando vinha pra o curral se fazia um curral de arame disso com estaca muitas vezes eles estourava as cercas e vortava pro mato quando você começava a maneja-lo dentro do curral, então alguns fazendeiros faziam os currais de pedra, porque ai o animal jamais ia arrebentar esse curral, mas é por conta disso viu[...] tem ali em Marquidove, tem esse ali na Juliana, tem um aqui que você esqueceu no Jacú, aqui no Jacú. (Entrevista feita com Coló Brasil⁵⁰, Lagoa do Ouro-PE, 16de julho de 2018).

Figura 14: Curral de pedra entre os municípios de Brejão e Lagoa do Ouro



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018

estava ligado, coisa que se modificava um pouco quando este era desligado. Sempre tentavam se mostrarem como entendedores de determinado assunto.

⁵⁰ Clodoaldo Brasil da Silva é o líder dos vaqueiros de Lagoa do Ouro na atualidade, sempre teve sua vida respaldada em vivências com o trabalho e a cultura dos vaqueiros.

A localização dos currais de pedra, feitos pelo vaqueiro Clodoaldo Brasil, traz os nomes dos atuais proprietários das fazendas. Nesse tocante, podemos destacar a forma que Le Goff (2003) entendia as operações historiográficas, para o autor esses resultados das indagações do presente, cabendo ao historiador ter sensibilidade para problematizar e construir um discurso sobre o passado. E, sobre o cotidiano do vaqueiro, “movimentava-se livremente nos plainos e tabuleiros e caatingas, no galope árduo do seu cavalo [...] caçando as reses tresmalhadas ou ariscas” (CASCUDO, 1956, p. 27). Assim era a vida dos homens do gibão desse município; continuamente estavam prestando serviço para algum fazendeiro ou marchante, sempre utilizando os currais de pedra para prender os animais.

Como destaca Albuquerque Jr., em seu livro *História a arte de inventar o passado* (2007), a história é escrita e tem muita aproximação com a morte, pois desenterramos nossos mortos para que falem e nos expliquem suas experiências de vida. No período de graduação, entrevistamos um vaqueiro já bem idoso que aparece constantemente nas falas dos entrevistados de hoje; Chico André⁵¹ que, na época, tinha 82 anos e nos relatou uma das suas aventuras cotidianas ao perseguir uma novilha arisca:

Eu tava pega mais não pega, atrás da disgramada mais o cavalo abriu, não deu para acompanhar foi a conta de Chicó cair encima de um mandacaru, com uns dois metros e meio de altura, mais o febreuto não aguentou o peso foi aquele bolo eu e o mandacaru. O ruim não foi a queda um ruim mesmo foi os espinhos em todo o corpo, uns foram tirados em Brejão outros são meus companheiros até hoje. (Entrevista feita com Chico André em lagoa do Ouro- PE entre os anos de 2009-2010⁵²)

⁵¹ Francisco Gonçalves da Silva, foi um dos vaqueiros mais atuantes no município de lagoa do Ouro na segunda metade do século XX.

⁵² Iremos utilizar fragmentos das entrevistas feita entre (2009-2010), elas estão presentes no trabalho de conclusão de Curso em História da UPE intitulada O VAQUEIRO NORDESTINO CONTEXTO SOCIO-HISTORICO E CULTURAL aprovada em 2011.

Figura 15: Chico André e seu filho Carlos



Fonte: Acervo pessoal do autor, (2014).

Chico André já não está mais aqui, no entanto, seu filho Clovis Rocha⁵³, de 52 anos, lembrando-se dos seus tempos de criança, fala sobre o trabalho do seu pai na lida com o gado. Percebam que, nessas memórias, o entrevistado fala muito mais do que da vida do seu pai, ele nos relata um padrão de trabalho seguido por Chico e seus companheiros:

Papai iniciou-se sendo vaqueiro aqui na fazenda de Napoleão nos anos 50 (cinquenta), aí depois passou a ser carreiro, voltou a ser vaqueiro novamente e terminou sendo vaqueiro até o fim da sua carreira, né? Ele foi vaqueiro de Napoleão e foi vaqueiro de pega de boi no mato, vaqueiro pra pegar boi pra o abate nessas cidades vizinhas, Lagoa do Ouro, Terezinha, Correntes, Brejão e outras cidades, até de Bom Conselho. (Entrevista feita com Clovis Rocha em lagoa do Ouro- PE, 22 de julho de 2018).

Presumimos que os vaqueiros de Lagoa do Ouro (ao menos os vaqueiros do gibão) não estavam tão entrelaçados a um fazendeiro; eles, de certa maneira, prestavam serviços para um grupo de proprietários de terra. Podemos perceber isso na continuação da fala de Clovis Rocha: “toda semana, era no início da semana,

⁵³ Clovis é um dos organizadores das corridas de mourão bastante apreciadas pela população de lagoa do Ouro.

segunda e terça e quarta era pra Lagoa do Ouro e Bom Conselho e fim de semana era pra Brejão e Correntes⁵⁴". O entrevistado completa falando sobre mais funções dos vaqueiros no momento que perguntamos sobre o temperamento dos animais:

Era, porque era gado selvagem na época não era igual o gado de hoje nascia e se criava no mato tinha uma semana o vaqueiro dava campo pra curar bezerro, uma semana era pra curar os bezerro e outra semana era pra olhar as vaca que tava amojando, outra semana era pra separar garrote pra castrar que meu pai era castrador de animal assim também castrava lá mesmo no campo, não existia curral era pegado a cavalo, a cachorro e puxado e amarrado. (Entrevista feita com Clovis Rocha em lagoa do Ouro- PE, 22 de julho de 2018).

Pela forma como os entrevistados falam sobre o passado, é como se nas décadas de 1950 e 1960 não existisse uma comercialização de leite, ou seja, os animais eram criados soltos, sendo capturados esporadicamente pelos vaqueiros para que fossem tratados de alguma enfermidade que os atingisse. Na verdade, só encontramos notícias que colocavam Lagoa do Ouro entre os municípios produtores de leite no Agreste Meridional, o qual vinha sofrendo os efeitos constantes das secas, no *Jornal Diário de Pernambuco* de 10 de janeiro de 1978⁵⁵. Ainda nos referindo ao trabalho dos vaqueiros, antes do que chamamos de "ciclo de leite", foi indagado a alguns entrevistados sobre como, de fato, era configurado o trabalho destes homens quando o gado era criado muito mais com o objetivo de corte.

Através dos estudos das práticas sociais, podemos entender as questões ligadas ao conhecimento das configurações do regional. (PETIT,2018). Mauro Rocha nos fala, em seu relato oral, como eram tradados os animais nos tempos mais remotos:

Olha, a medicação que nós dava... Naquela época não existia negócio de veterinário era... Curava com gás branco na nuca, era que dizia que nunca dava cabrunco, que naquela época dava um cabrunco pesado, tinha bicho que ficava alejado, ai os mais velho dizia... Ninguém falava em vacina, nesse tempo não falava em vacina, disse: "Ói já medicou o gado?", "Já", outros não... Qualé a medicação? Ai dizia é... "Gás branco", buta na nuca e buta nas quatro pata, era o que falava. (Entrevista feita com Mauro Rocha, Lagoa do Ouro- PE, 19 de julho de 2018).

⁵⁴ Entrevista feita com Clovis Rocha em lagoa do Ouro- PE, 22 de julho de 2018).

⁵⁵.HEMEROTECA DIGITAL Diário de Pernambuco. Recife,10 de Janeiro de 1975. ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=Lagoa%20do%20ouro acesso em 20/02/2019

Podemos perceber pelo relato de memória de Mauro Rocha, a precariedade no tratamento dos animais, nos tempos da sua juventude. Podemos até destacar que o gás branco ainda é um remédio muito popular na região, utilizado para tratar doenças de casco e inchaços nos cavalos, bois e vacas, no entanto, outros remédios também foram utilizados para curar as mazelas que acometiam a criação nos tempos passados:

O gado era criado e não tinha o tratamento intensivo que se tem hoje. Se tratava o gado uma vez por ano com plantas. E até eu já com quase 15 a 18 ou 20 anos, todos os anos a gente juntava, toda a região juntava todo o gado para dar uma dose de uma planta chamada babosa. Dava aquilo ali e era um remédio uma vez por ano. E o gado com aquilo ali ficava saudável e tal, porque também não tinha a transmissão das doenças que vem de outras regiões. (Entrevista realizada com Luciano Torres, Lagoa do Ouro –PE, 15 de julho de 2018).

As falas desses homens vão ao encontro da análise feita pelos historiadores como Del Priore e Venâncio (2006), os quais destacam que o gado bovino era composto de animais que conseguiam se adaptar relativa bem, conseguindo se reproduzir mesmo com pouca disponibilidade de alimento e água.

Ao longo das décadas, os homens foram conhecendo alternativas para tratar seus animais; referindo-nos à Lagoa do Ouro, podemos encontrar no Jornal *Diário de Pernambuco*, de 22 de setembro de 1970⁵⁶, matéria sobre o isolamento dos grupos humanos rurais, o que trazia muitos transtornos⁵⁷, Mesmo a notícia não sendo especificamente ligada ao devido objetivo da pesquisa, podemos perceber que existia, de certa maneira, o distanciamento daqueles que viviam na cidade em relação aos que habitavam o campo.

De certa maneira, esse fato nos faz refletir sobre a realidade vivida nas primeiras décadas da segunda metade do século XX em Lagoa do Ouro. Se já faltava atendimento para os seres humanos da época, imagina para os animais. Essa questão pode ser refletida através do pensamento de Pollak (1989), que destaca que o trabalho de analisar o passado está na coerência dos discursos em sua sucessividade, ou seja, devemos encontrar discursos que levem para o mesmo

⁵⁶ HEMEROTECA DIGITAL, *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 de setembro de 1970. Ver em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO> acesso em;17/03/2019.

⁵⁷ Um surto de poliomielite.

caminho. As memórias de Mauro e Luciano, juntamente com o informativo do jornal, demonstram que a sociedade rural utilizava remédios alternativos para tentarem curar suas enfermidades.

Mas como se dava a comercialização do gado em Lagoa do ouro? Sabemos que as feiras de gado representam ganhos significativos para o município até a contemporaneidade. A fotografia a seguir foi produzida na década de 1960, nela podemos ver o comércio do gado:

Figura 16: Feira do gado



Fonte: Lemos (2013)

Ao observarmos a fotografia, perceberemos que a antiga feira de gado estava situada bem na parte de trás da antiga prefeitura, demonstrando, assim, a importância da atividade pecuarista para o desenvolvimento da cidade. O curral era feito de arame farpado e estacas que eram bem abundantes no município (Jurema Preta), além disso, o curral de gado era um espaço exclusivo dos homens, a presença de mulheres estava compreendida nas barracas no entorno do curral, as quais tinham a função de comercializar bebidas e petiscos.

Segundo Dantas, “as maiores feiras de gado existentes na região se localizam nas cidades que estão exatamente no contato entre o litoral e o sertão. Soma-se a

isso – as feiras de gado se constituem” (2008, p 95). Lagoa do Ouro é uma cidade localizada no Agreste, foi e continua sendo uma dessas “pontes” entre o litoral.

Sobre a configuração, não somente da feira do referido município, mais também dos circunvizinhos, Cloves Rocha nos relatou a rotina do seu pai ao capturar os animais para serem vendidos nas feiras: “toda semana, era no início da semana, segunda e terça e quarta era pra Lagoa do Ouro e Bom Conselho e fim de semana era pra Brejão e Correntes”.⁵⁸ O gado movimentava, nessa perspectiva, o cotidiano das cidades do Agreste pernambucano, pois

No dia da feira o gado todo destinado à venda é reunido numa praça, às vezes aberta, outras vezes rodeadas com cerca de arame farpado ou de madeira, que separam pequenas divisões para os diferentes tipos de gado. Embora nestas feiras predomine geralmente o gado bovino, também cavalos, burros, carneiros, cabras e porcos são aí vendidos. (SOUZA,1975, p.174 *apud* DANTAS, 2008, p.95).

Como podemos observar, as feiras de gado do interior, de certa maneira, movimentaram (e movimentam) as relações ligadas a economia e a sociabilidade. Destacando que, na fala de Souza, citado por Dantas, percebemos que nesses ambientes os pequenos criadores também tinham seus espaços. Desse modo, as feiras ocupavam e ocupam um lugar importante como local de encontro entre grupos.

O próximo subtítulo aborda a vida dos vaqueiros nos momentos de sua velhice. E podemos considerar que algo surpreendente surgiu nos momentos das entrevistas; o trabalho de carreiro, que era algo muito comum para os vaqueiros no momento em que perdia a agilidade, em decorrência do avançar da idade. Esse fato pode ser refletido através das colocações do professor Antônio Torres Montenegro (2011), pois, quando o historiador problematiza a questão de memória individual e social; segundo ele, o número de entrevistados é relativo, já que os entrevistados fazem parte de uma sociedade e, dessa forma, a conhecem muito bem. Assim, nossos entrevistados continuarão falando dos velhos vaqueiros que se tornaram carreiros e dos carreiros que não eram vaqueiros.

⁵⁸ (Entrevista feita com Mauro Rocha, Lagoa do Ouro- PE, 19 de julho de 2018).

2.2 CAMINHOS E NOVIDADES

Antes de adentrarmos a falar sobre o cotidiano dos carreiros em Lagoa do Ouro, é necessário buscar entender o que propiciou a utilização dos carros de boi como meio de transporte de homens e de cargas por basicamente toda a segunda metade do século XX.

Para Gaspar (2009), a utilização do carro de boi, nessa temporalidade, está ligada às transformações acarretadas pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A falta de combustível e uma redução na corrida industrial possibilitaram uma maior utilização dos carros puxados por bois. Mas o questionamento que nos motiva é, na verdade, é: como podemos caracterizar a importância desses homens nas relações cotidianas?

Sabemos que, para entender essa questão, devemos reconhecer que estamos lidando com três espaços que interagem com certa consonância: Garanhuns, cidade mais desenvolvida da região era o espaço das novidades⁵⁹; Lagoa do Ouro e sua zona rural, sendo não somente um espaço consumidor, mas também fornecedora de muitos produtos.

É nesse contexto de conexão entre os locais que o carreiro se fazia necessário, pois as estradas eram sempre inapropriadas para a passagem dos automóveis durante a maior parte do ano. “Este tipo de transporte se deve, logicamente, ao fato de no Brasil não haver, na época, veículos sofisticados e nem uma rede de estradas pavimentadas” (MAIA; COELHO, 2005, p.117). Sobre essa temporalidade, Nilton nos relata a função ocupada por esses homens no traslado das mercadorias entre Lagoa do Ouro e Garanhuns:

Era a mercadoria dos agricultores, neste tempo não tinha transporte de carro... O carro era a canga no boi, era isso.[...] E ai Chico André mesmo, e Lula de Rapaz, Zé de Rapaz que eram os carreiros daqui carregavam o mel para Garanhuns. Eles levavam a fava, o feijão, o milho, o mel e estas coisas. E ai de lá já vinha o bacalhau, que era o Noruega, antigamente, o pedra de fogo. Era esta mercadoria, era o bacalhau, era as latas de gás, que era querosene que chamava o gás, porque aqui não tinha eletricidade neste tempo, era tudo no lampiãozinho de gás neste tempo. E outra era o crivela de mamona. Fazia aquele pisado de mamona e ai as mulheres botavam no meio

⁵⁹ Onde se comprava os produtos industrializados vindos das cidades metropolitanas.

da casa para criar a família, os buchudinhos todos em volta daquele crivelo. E aqueles que tinham mais condições compravam um litrinho de gás, agora assim, choradinho, para tirar um mês com um litro. Acendia o candeeiro até as oito ou nove horas e aí apagava tudo e ficava tudo na noite de lua no verão e aí ficavam todos do lado de fora. Fazendo proza, outros fazendo verso. Brincando, os moleques pinotando o bucho cheio no meio do terreiro. Tinham comido o bacalhau, a charque, porque neste tempo a charque era boa. Era o Joaquim Machado que era um dos carreiros também. Zé de França, Zé Belinha. Eu conheci este povo todo, Zé Torres mesmo era um dos carreiros. (Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 20 de julho de 2018.)

Com as memórias de Nilton, podemos observar que a sociedade de Lagoa do Ouro, na segunda metade do século XX, mantinha-se praticamente dos produtos de subsistência, já que os artigos vindos da cidade eram considerados luxo. Mais uma vez, os carreiros aparecem ocupando um espaço de grande relevância no andamento do cotidiano desta sociedade, afinal, eram eles quem traziam as novidades das zonas urbanas, os artigos que eram valorizados e bem caros para os padrões da época⁶⁰.

É possível analisar, nesse contexto, também, o papel da mulher na constituição da família, sempre cuidando de crianças pequenas para que não se queimassem nos algodões embebidos em olho de mamona (os crivelos destacado por Nilton⁶¹).

“O rural, além de espaço produtivo, é lugar de vida, de interação social, condição muitas vezes colocada em segundo plano quando da sua análise”. (VAIGA, 2001, p.102). Um periódico de 06 de agosto de 1953⁶² pode nos revelar um pouco sobre a sociedade de Lagoa do Ouro e a valorização dos carros de boi e da tração animal para o uso em diversos serviços:

... não o batente possuímos um belo campo de sementes que dispõem apenas de um trator para atender os serviços do campo, todo trabalho agrícola está sendo feito por tração animal. Salva o distrito de Igatauá que tem subsede do D.P.V., com sede em Garanhuns. E conta

⁶⁰ Na pesquisa feita pela professora Regina Beatriz, sobre a sociedade rural de MT, é possível presenciar esse sentimento de novidade que os produtos trazidos pelos carreiros causavam na sociedade que residia em locais mais distantes dos centros urbanos. Ver em: GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz, Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX. Edufimt, 2006.

⁶¹ Podemos falar que nesse momento parecia que Nilton voltará no tempo, ele falava como se estivesse vendo aquelas imagens, aquelas pessoas, as noites de escuro profundo..., no entanto, cheias de alegrias estórias, sinônimo de vida simples.

⁶² HEMEROTECA DIGITAL. Diário de Pernambuco. Recife, 06 de agosto de 1953. Ver em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pesq=IGATAUA&pasta=ano%20195>

com três tratores. Aliás os proprietários criadores não desejam mais fazer arrendamento de terra para serviços a trator. Alegando eles que esse processo empobrece o terreno para pastagem anual de vez que é comum o revezamento do plantio. (HEMEROTECA DIGITAL. Diário de Pernambuco. Recife, 06 de agosto de 1953).

A resistência dos criadores do município nos revela como esses eram observadores do espaço que viviam, percebiam que a utilização de tratores era maléfica para o solo da região, trazendo muito prejuízo a longo prazo; a fundamentação da cultura do carro de boi provavelmente ocorreu nesta época. Dentro dessa perspectiva de observação, Geertz (2011) destaca que a relação entre cultura e humanidade é algo muito tênue; segundo o antropólogo, a cultura é criada pelo homem, mas ao mesmo tempo essa cultura nos torna humanizados⁶³.

Em plena década de 1970, Lagoa do Ouro vivia em um estado de isolamento que durava meses, trazendo consigo dificuldades para o escoamento dos produtos agrícolas, acarretando prejuízos consideráveis para o município. *No Diário Oficial do Estado de Pernambuco de 26 de novembro de 1974*⁶⁴, em discurso, o Deputado Osvaldo Rebelo demonstrava a real necessidade de um trabalho de melhorias das estradas do município (em especial aquela que ligava a cidade ao distrito de Igapó), já o enxergando como de muita importância para o crescimento econômico do estado. Lagoa do Ouro é vista como um espaço de economia dinâmica, tendo a agropecuária como sua fonte econômica principal.

Ainda nos atendo às questões ligadas ao trabalho dos carreiros, que, como percebemos, eram importantes, já que a utilização de automóveis era praticamente nula, iremos demonstrar alguns produtos agrícolas transportados pelos carreiros da zona rural e, também, o que estes traziam dos espaços urbanos, mais uma vez nos utilizando das memórias do vaqueiro Mauro Rocha, que lembra dos seus tempos de juventude:

Os carreiros mais velhos... saiam daqui 04:00 horas da tarde e chegavam em Garanhuns 02:00 da manhã, Chico André, zé de rapaz, Lula de rapaz, esses homens batiam por todo o canto... levando

⁶³ Ver em: GEERTZ, Clifford. **Interpretações das culturas**. RJ: LTC, 2011

⁶⁴ CEPE- Companhia Editora de Pernambuco. Diário do Poder Legislativo, Recife, 26 de novembro de 1974. Ver em: http://200.238.101.22/docreader/DocReader.aspx?bib=DO_197411&pesq=Lagoa%20do%20ouro acesso em 07/07/2019.

mercadorias, era de carro de boi naquela época... era açúcar, era bolacha, era sabão, lata de gás, Joaquim Machado levava mão de milho⁶⁵, pra vender em Garanhuns, jerimum, toda sexta feira iam, traziam todas as mercadorias para uma bodega... não existia carro de gasolina. (Entrevista realizada com Mauro Rocha Wanderley em 19/07/2018).

As atividades agropecuaristas de Lagoa do Ouro sempre foram bem diversificadas. Podemos dizer que este município passou por vários ciclos, nos quais a pecuária dividia espaço com outras culturas (algodão, milho, batata, feijão...).

Joaquim Machado, conhecido por transportar desde os produtos mais comuns, até aqueles que serviam para alimento das famílias⁶⁶, era dinâmico no comércio de vários subprodutos da roça. “O mundo rural, construído com trabalho e incertezas, só foi possível porque se sustentou em uma economia de subsistência, na qual se sobressaía à solidariedade...” (MACHADO,2006, p.27-28). Nesse processo de cooperação entre pequenos agricultores e criadores de animais, o traslado dos produtos poderia ser feito sem depender tanto dos veículos motorizados.

Figura 17: Fotografia 15 - Joaquim Machado e Seu filho Antônio



Fonte: Acervo familiar, Sandra Machado (1990-1995, aproximadamente).

⁶⁵ Unidade de medida equivalente a 50 espigas de milho.

⁶⁶ É comum até nos dias atuais os pequenos agricultores plantem pequenas áreas de abobora ou de quiabo dentro das roças de milho e feijão. Esses produtos basicamente servem para o consumo familiar, nunca sendo vendidos.

Joaquim Machado aparece, na foto, junto do seu filho, em uma época na qual as fotografias ainda eram sinônimas de “luxo”, e, por isso, o senhor se trajou com sua melhor roupa para eternizar o momento de alegria, pois seu filho tinha chegado de SP para passar as férias (é necessário salientar que a saída de jovens em busca de melhores condições de vida no Sudeste era algo muito comum, esse fluxo vem diminuindo na contemporaneidade).

Joaquim foi um agricultor e carreiro que viveu de forma simples e deve ser lembrado como um dos homens que ajudou a economia do município de Lagoa do Ouro a não parar em momentos em que as estradas se tornavam quase intransitáveis, cabendo a esse homem e os demais, a missão de transportar os produtos, fazendo essa “troca” de mercadorias entre o espaço rural e o espaço urbano, que já dava sinais de crescimento vertiginoso na década de 1970.⁶⁷

Sobre o advento da década de 1970, o historiador Helder Remígio de Amorim (2011)⁶⁸ salienta que a modernização trouxe mudanças consideráveis no campo do consumo e dos costumes na sociedade, atingindo em especial os integrantes da classe média. Nessa época, Lagoa do Ouro presenciou a utilização cada vez mais constante de veículos⁶⁹ e de produtos industrializados, resultando na gradativa diminuição de carreiros. “Estradas foram construídas (...) para escoar a produção e por elas migraram pequenos proprietários, roceiros, boiadeiros e carreiros em busca de outras formas de trabalho” (MACHADO, 2006, p.28).

O Brasil passava por um processo de industrialização, as cidades cresciam em ritmo acelerado; no entanto, como se configurava economicamente o município de Lagoa do Ouro na década de 70? Utilizando-nos de dados provenientes *do Diário de Pernambuco* de 17 maio de 1975⁷⁰ para podemos analisar os aspectos socioeconômicos desse ambiente, afim de entendemos os mecanismos que

⁶⁷ Ver em: LODDER, Celsius A. O processo de crescimento urbano no Brasil. 1977.

⁶⁸ Ver em em: AMORIM, H. R. D. (2011). *ENTRE A MERCEARIA E O SUPERMERCADO: Memórias e Práticas Comerciais no Portal do Sertão*. Recife: UFRPE, 2011. 162 f (Doctoral dissertation, Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife).

⁶⁹ Não estamos defendendo que houve uma chagada em massa de automóveis, o que ocorreu foi a introdução desse meio de locomoção que resultou no início da modificação do ritmo cotidiano do município.

⁷⁰ HEMEROTECA DIGITAL, *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 de maio de 1975. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&PagFis=171&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO acesso em 08/07/2019

direcionavam os meios de sobrevivência daquele povo que necessitava intimamente da zona rural:

REGIÃO FERTIL⁷¹

Esclareceu o parlamentar arenista que a agência a ser criada favoreceria o atendimento a uma região fértil e agropastoril, abrangendo os municípios de Bom Conselho, Iati, Palmeirina, Brejão, Correntes, Lagoa do Ouro [...] onde se encontram amplas culturas de inhame, algodão arbóreo e herbáceo, café e pecuária bovina bastante expressiva.

È notório que o principal agente do desenvolvimento econômico de Pernambuco desempenhe um papel social junto as populações rurais, além das grandes transformações registradas nas estruturas econômicas dos municípios que têm o privilégio de contar com uma agência do Bandepe... (HEMEROTECA DIGITAL, Diário de Pernambuco, Recife, 17 de maio de 1975)

O texto foi parte do pedido do deputado Francisco Galvão para a criação de uma unidade do Banco do Estado de Pernambuco – BANDEPE, no município de Bom Conselho. Notamos que Lagoa do Ouro e os municípios circunvizinhos sobrevivem das atividades agropastoris, o deputado não demonstrou, em seu discurso, atividades econômicas importantes na área do comércio.

“ No Brasil, por exemplo, já nos anos 1970, sob a condução dos governos militares, um conjunto de programas foi implementado nas regiões mais pobres, no Nordeste em particular, sob a égide do desenvolvimento rural” (NAVARRO, 2001, p. 84). Era pauta do governo em vigência na época a tentativa de desenvolvimento das atividades econômicas locais para poder propiciar melhores relações entre indivíduos e os interesses do Estado.

Voltando para a discussão sobre o cotidiano dos carreiros e vaqueiros, buscamos analisar as memórias de dois entrevistados sobre a prática de trabalho destes. Luciano Torres e Clovis Rocha nos ajudaram a entender a relação de trabalho. Sobre tais homens só sobraram às memórias dos que vivenciaram o período.

“Recusamo-nos a admitir habitualmente que o desconhecimento mais digno da curiosidade não está longe e sim ao lado, sob os nossos olhos” (DEL PRIORE, 1997,

⁷¹ Como estava escrito no periódico.

p. 259)⁷². Mesmo buscando incessantemente documentos oficiais que comprovassem a existência desses personagens da História, sem termos repostas, podemos nos valer das memórias desses dois homens que são filhos de carreiro e de vaqueiro,⁷³ Clovis iniciou o relato contando do seu pai:

No trabalho de carreiro nessas época quando não tinha... Carro... No caso era todo feito em transporte de carro de boi né, ai ele carregava milho, feijão daqui de... Barra do Brejo, Bom Conselho, Rainha Izabel, Igapó que é distrito de Lagoa do Ouro pra Garanhuns e vinha carregado com outros cereais de lá; uma semana era açúcar, outra semana era querosene, outra semana era bacalhau, era 30 (trinta), 40 (quarenta) caixa de bacalhau que na época não era caixa era fardo, era barrica de bacalhau[...] Alcancei na época que ele carriava pra Brejão, nós fazia... Daqui pra Brejão é o que? 14 (quatorze), 15 (quinze) km, a gente fazia duas viagens por dia, um dia ia de manhã e voltava chegava lá na segunda carrada 7:00, 8:00 horas da noite descarregava lá em Brejão com milho, 20 (vinte) sacas de milho em cada carrada era o equivalente a 1.200 (mil e duzentos) kg em cada carro de boi. (Entrevista feita com Clovis Rocha em lagoa do Ouro-PE, 22 de julho de 2018).

O entrevistado fala do que lembra enquanto criança e jovem; ele nasceu em 1966, e a década de 1970 foi marcada por atividades dos carreiros, por falta de condições das estradas de terra que se deterioravam com facilidade em período das chuvas, e, também, não recebiam manutenções regulares. Os produtos eram transportados por caminhos precários; as viagens duravam horas como já foram descritas nas falas dos que o antecederam. Podemos dizer, nesse contexto, que as distâncias eram maiores no início da segunda metade do século em XX, no interior de Pernambuco, mesmo assim, as “especiarias” do litoral chegavam e eram muito apreciadas⁷⁴. Ainda sobre o grupo, Luciano Torres complementa:

E então praticamente não existia. Aqui mesmo não existia transporte motorizado. Era muito raro que um ou dois para o município. O que já apareceu bem mais recente. Porque não tinha estrada. Porque na verdade aquela época era muito difícil mesmo, o automóvel veio surgir não é tão distante e por aqui ele se deu bem mais recente. Todo transporte ele era feito em carro de boi, o carro de boi mais tradicional,

⁷² DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: **Campus**, p. 259-268, 1997.

⁷³ Clovis Rocha é filho de Chico André, que exerceu as duas funções em momentos distintos.

⁷⁴ Interessante perceber como os entrevistados falam de um produto em comum, o bacalhau alimento muito valorizado no interior, segundo eles antigamente esse produto era de ótima qualidade, nos dias atuais deixa a desejar.

aquele carro como dizem sem feixe de mola. Aquele carro como diz a própria poesia, aquele carro sem feixe de mola, aquele carro feito de madeira com a roda circulada por ferro e que hoje ainda tem presença neste município. É um dos municípios ainda que conserva. Inclusive tem umas caminhadas de carro de boi aqui no município de Lagoa do Ouro por ano tem de oito a seis caminhadas ou dez de carro de boi. Eu tenho participado de quase todas. Porque o carro de boi sempre esteve muito presente. No período da cultura do algodão e dos cereais toda esta produção era transportada por carro de boi. Entrava a Fotografia do carreiro. As construções de Lagoa do Ouro até umas cinco ou seis décadas atrás... (Entrevista realizada com Luciano Torres, Lagoa do Ouro –PE, 15 de julho de 2018).

Luciano Torres destaca a visão dos carreiros. Percebe-se nessa questão que memória coletiva se faz muito presente. Segundo Ferreira (2002), esse tipo de memória é ressignificada de acordo com a influência social que o grupo exerce na contemporaneidade, ou seja, o presente tem forte controle das construções das versões sobre o passado.

Acreditamos que exista não somente uma “modelagem” do passado; a partir dos signos presentes, os acontecimentos de outrora também podem nos revelar a construção das identidades, “A história busca produzir um conhecimento racional, através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A recordação é também uma construção do passado” (FERREIRA, 2002, p. 321). A memória não é uma reprodução fidedigna do passado, mas, uma interpretação a partir do ponto de vista de quem nos fala.

Para a Historiadora Mary Del Priore (1997), a observação do trabalho em relação ao cotidiano de um determinado grupo nos ajuda muito a entender as relações sociais existentes entre estes, para ela, dessa maneira, o pesquisador consegue adentrar em espaços antes não alcançados, que passa pelo âmbito doméstico e familiar. Nesse sentido, quando analisamos as memórias referentes ao trabalho através dos filhos dos trabalhadores, conseguimos também atingir essas esferas de significações, e entender as relações cotidianas passadas pelos sujeitos que sobreviviam a partir da comunhão entre homens e animais.

Já falamos anteriormente que o município de Lagoa do Ouro era considerado uma área agropastoril muito eficiente, no entanto, os periódicos nos trazem explicações superficiais, “um olhar de cima” sobre o fato. Nessa parte, buscaremos

fazer uma discussão sobre o que era noticiado nos jornais e o que era vivenciado, a partir das memórias dos entrevistados.

Precisamos destacar, aqui, que “o olhar do homem no tempo e através do tempo, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades...” (DELGADO, 2003, p.10)⁷⁵, cabendo aos pesquisadores problematizarem e analisarem essas representações dos homens no decorrer do tempo.

Foi demonstrado anteriormente que já houve uma resistência muito forte contra a utilização de tratores no município de Lagoa do Ouro (para os produtores aquela máquina deteriorava a terra). Buscamos analisar juntos aos nossos entrevistados como se dava o trabalho nos campos que seriam utilizados para o plantio de diversas culturas agrícolas, pois esse município⁷⁶ sempre foi lembrado como um lugar de alta produtividade e dependente economicamente das atividades ligadas à agropecuária, como destaca o *Diário de Pernambuco* de 12 de dezembro de 1979⁷⁷.

AGRESTE MERIDIONAL

Compreende uma área de 7.574 Km², correspondendo 10% do território estadual e abrangendo 29 municípios.

A sua População é de 564.000 hab., com 73% desta residindo na zona rural, sendo que 176.000 pessoas constituem a população economicamente ativa, ocupada basicamente no setor primário.

O feijão e milho são as suas principais culturas (cerca de 33% do valor da produção agrícola), sendo também expressivas as de café, caju e mandioca. A pecuária tem na bovinocultura a sua maior participação, que é de 20% em relação ao rebanho estadual... (HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*. Recife, 12 de dezembro de 1979.)

Com uma expressiva população vivendo na zona rural, podemos considerar que a região Agreste, a qual Lagoa do Ouro faz parte, ganhou cada vez mais atenção das ações governamentais para o desenvolvimento. “Na prática, regiões que representavam áreas onde predominavam os modos de vida “rural” tornaram-se alvo de investidas por parte do poder público e dos setores interessados no

⁷⁵ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. História oral, v. 6, p. 9-25, 2003.

⁷⁶ Como os demais que englobavam o Agreste meridional Pernambucano.

⁷⁷ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*. Recife, 12 de dezembro de 1979. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&PagFis=67771&Pesq=Lagoa%20do%20ouro.

“desenvolvimento” da capital do Estado” (FERREIRA; KLUG, 2014, p184)⁷⁸, isso não significa que os investimentos que foram feitos ocorreram de maneira automáticos e que os resultados foram imediatos. Por isso, perguntamos para o entrevistado Luciano Torres sobre a vida dos carreiros. Ele relatou que:

Nós tivemos um período que não é muito distante aqui em Lagoa do Ouro que antecedeu o transporte motorizado. Tudo era feito por carro de boi [...] E tinham arados e geralmente as pessoas que tinham roçados e tal eles precisam dos aradores de terras, o meu pai era um destes. Então a Fotografia do carreiro, do arador de terra, do cultivador da terra, ela se deu por uma necessidade local e as pessoas se ocuparam desta função por muitos e muitos anos. Até que surgiu o transporte motorizado e o carro de boi ele ficou a menos, porém praticamente todo hoje chamado agricultor familiar tinha um carro de boi, uma junta de boi e um arado para cuidar das suas roças. (Entrevista realizada com Luciano Torres, Lagoa do Ouro –PE, 15 de julho de 2018).

É notável a força que o presente teve na construção do discurso de Luciano. Ele recorda o passado, mas, ao mesmo tempo, faz uma interlocução com o espaço. “Tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história” (DELGADO, 2003, p.10). Fatos como esse são comuns nas construções históricas que se utilizam da memória como fonte, nos cobrando ainda mais atenção e conhecimento sobre o assunto que a pesquisa se refere. Sendo isso o que o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira chama de “olhar etnológico”⁷⁹; muito utilizados nas pesquisas das ciências sociais.

Outro relato que podemos utilizar para caracterizar a utilização do carro de boi, foi feito -por Zé de Chico⁸⁰, o qual falou suas experiências com os carreiros:

Comecei a trabalhar com papai eu tinha uns 7 anos de idade. Carriando os bois dele nas arações de terra, pois papai tinha quatro juntas de boi para trabalhar para o povo em tempo de inverno. Era tempo que se sofria! Passei de três quatro dias sem vim em casa, comendo bolacha dormindo enrolado nas lonas, a impeleitada começava quando o dia clareava e terminava quando o sol se

⁷⁸ FERREIRA, Giovana Callado; KLUG, João. A mandioca e os carros de boi. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 23, p. 180-180, 2014.

⁷⁹ DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. Unesp, 1998.

⁸⁰ Fragmentos das entrevistas feita entre (2009-2010), elas estão presentes no trabalho de conclusão de Curso em História da UPE intitulada **O VAQUEIRO NORDESTINO CONTEXTO SOCIO-HISTORICO E CULTURAL** aprovada em 2011.

escondia. À noite eu ficava olhando papai e os outros carreiros beberem até que eu dormia.

O entrevistado nasceu em 1952, então ele estava se referindo provavelmente à década de 1960; O trabalho de aradores de terras era bem atribulada no inverno, sempre com a presença de crianças e jovens que eram expostas a longos períodos de trabalho, cigarro e álcool⁸¹. Para os Historiadores, Giovana Callado Ferreira e João Klug (2014), as mudanças estruturais no espaço do trabalho na segunda metade do século XX transformaram as noções do rural e isso vai até das questões de hábitos, que são modelados de acordo com a chegada de novos instrumentos de trabalho.

As modificações percebidas pelos dois historiadores foram encontradas também em Lagoa do Ouro; *no Diário Oficial do Estado*⁸². Podemos dizer que um evento que pode ser observado é a questão do combate ao grande mal que acometia o gado, a febre aftosa, e também outras doenças infecciosas que preocupavam os produtores.

A partir do uso da tecnologia, ações foram desencadeadas para alavancar o crescimento e a produtividade do rebanho. Em 1966⁸³:

12 municípios no Programa de Saúde Animal

A secretaria de Agricultura já selecionou 12 novos municípios pernambucanos que vão integrar a Área II do Programa Nacional de Saúde Animal _ PRONASA em nosso estado, onde serão desenvolvidos trabalhos de vacinação em massa de bovinos contra doenças contagiosas. [...] os trabalhos de Vacinação da área inicial, compreende entre outros os municípios de Garanhuns, om Conselho, Lagoa do ouro, correntes[...]

COMBATE

O combate principal do PRONASA vai ser contra a ocorrência de doenças como raiva, brucelose e aftosa, sabendo-se que esta última é responsável de 20% do peso dos animais, em média, além da redução de 15% da Produção de leite. (CEPE- Companhia Editora de

⁸¹ O próprio me relatou que aprendeu a beber e fumar justamente para enfrentar o frio e a chuva o dia inteiro. Lembra o nosso papel enquanto não é romantizar os fatos e os personagens, mais sim construir uma narrativa histórica coerente a partir das realidades relatadas pelos entrevistados.

⁸² CEPE- Companhia Editora de Pernambuco. Diário Oficial do Estado de Pernambuco, Recife, 01 de maio de 1976. Ver em: http://200.238.101.22/docreader/DocReader.aspx?bib=DO_197605&PagFis=32&Pesq=Lagoa%20do%20ouro

⁸³ No governo de Paulo Pessoa Guerra (torna-se governador depois do golpe militar que derruba Miguel Arraes) FGV CPDOC. Ver em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulo-pessoa-guerra>.

Pernambuco. Diário Oficial do Estado de Pernambuco, Recife, 01 de maio de 1976).

A década de 1970 foi, de fato, aquela que modificou os padrões de vida no espaço rural dos vaqueiros, os remédios caseiros e as orações abriam espaço para os produtos advindos da tecnologia. Gradativamente estradas foram sendo criadas (no entanto, quase nunca reformadas), limitando a função dos carreiros. Cada vez mais a criação do gado bovino se voltou para o corte e o leite, tornando o município um dos mais conhecidos no estado quando se fala nesse tipo de atividade.

Percebemos que Lagoa do Ouro, nos últimos tempos, tem passado por um processo muito interessante de valorização das raízes camponesas, isso ocorrendo por parte da própria população e, nesse processo, o carro de boi tem se tornado símbolo dessa representação, como podemos ver na fotografia a seguir.

A imagem demonstra agricultores e pequenos criadores festejando as boas colheitas. Percebam que a vegetação aparece seca, mas mesmo em um período de verão forte, os homens e as mulheres tratam seus animais para demonstrar sua fé e orgulho em viver e trabalhar no campo.

Figura 18: Carreata de São José em Lagoa do Ouro



Fonte: acervo pessoal de Fabio Leite (2015)

O primeiro homem a organizar esse tipo de evento no município de Lagoa do Ouro foi o senhor Jacinto Machado em 2005, no Sítio Riacho Seco, com o intuito de incentivar a utilização dos carros de boi e preservar a cultura, pois acreditamos que pessoas e grupos em diferentes lugares se integram para manter suas tradições. “São as práticas adotadas pelas comunidades dotadas de procedimentos que garantam a sobrevivência das manifestações em risco de eclipsamento” (LIMA, 2008, p.90).⁸⁴ Muitos são aqueles que tentam manter antigas representações culturais.

Podemos explicar que Jacinto Machado⁸⁵, durante sua trajetória de vida (veio a falecer em 2010, com 59 anos de idade), sempre esteve envolvido em questões ligadas ao meio cultural. Um incentivador de várias vertentes dessas manifestações; do futebol aos cortejos de carro de boi, das cavalcadas as cavalgadas. Um homem que ocupou um espaço de muita importância como articulador dos diferentes grupos que integram o maio rural de Lagoa do Ouro, como podemos observar na fotografia que se segue:

Figura 19: Jacinto Machado em reunião com vaqueiros e pequenos criadores de Lagoa do Ouro



Fonte: Acervo pessoal de Paula Machado (2008)

⁸⁴ Ver em: LIMA, Justino Alves. MANIFESTAÇÕES POPULARES EM EXTINÇÃO: ENTRE A RESISTÊNCIA E A CONFORMAÇÃO. Ponta de Lança: **Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, 2008, 2.2: 83-100.

⁸⁵ Jacinto Machado Neto.

A fotografia nos mostra um momento antecedente a uma cavalgada. Era hábito de Jacinto Torres⁸⁶ (que aparece sentado) e seus familiares fazerem uma recepção para os participantes das festividades, dessa maneira ele se mantinha informado e em contato com as outras lideranças locais. O interessante, aqui, é observar que essa espécie de confraternização ocorria em um lugar que guarda uma simbologia muito forte para os homens que vivem da pecuária: a cocheira, local de alimentação do gado. Um espaço familiar para todos eles, pois é um espaço que personifica a relação de convivência entre homens e animais. A imagem deixa explícita como a figura dos vaqueiros foi e continua sendo forte no município.

2.3 VALFRIDIO E MARIA: FAMÍLIA E RELAÇÃO DE TRABALHO

Dentre os mais velhos vaqueiros do município de Lagoa do Ouro, o que mais foi relutante em falar foi Valfridio Marques⁸⁷, 84 anos de idade; sentimos que as lembranças o emocionam a ponto de não conter as lágrimas. Por isso, contamos com a ajuda de sua esposa, a senhora Maria de Melo Machado, de 81 anos de idade⁸⁸, que foi de muita valia para entendermos um pouco de como se configurava as famílias dos vaqueiros de Lagoa do Ouro. Logicamente que essa análise não pode ser vista como um padrão para todas as famílias, a participação da esposa do velho vaqueiros nos motivou a escrever sobre o assunto. A fotografia mostra os entrevistados em uma tarde agradável:

⁸⁶ Jacinto apresentava problemas de locomoção, e por isso não podia estar fisicamente em todos os lugares que os demais frequentavam.

⁸⁷ Valfridio Pereira Machado, homem que ganhou a vida trabalhando de vaqueiro e carreiro nos municípios de Lagoa do Ouro e Brejão especialmente.

⁸⁸ Entrevista realizada com Valfridio Marques e Maria de Melo Machado, Lagoa do Ouro, em 20 de julho de 2018. (todas as falas são estratos retirados desta entrevista, por isso não iremos mais repetir a fonte).

Figura 20: Valfridio, sua esposa Maria e M^a das Dores



Fonte: acervo pessoal do autor (2018)

O sociólogo José de Souza Martins, em seu livro *Sociologia da Fotografia e da Imagem* (2013)⁸⁹, reflete que a fotografia não representa o congelamento de um instante, cabe ao pesquisador sensibilidade para entender os símbolos e a história que a imagem revela. Nessa perspectiva, a produção dessa fotografia necessitou de uma reflexão profunda; Valfridio, mais acostumado com as câmeras fotográficas, buscou construir uma imagem de homem destacado, mostrando parte da colheita de um pequeno roçado plantado nos arredores de sua casa. Na sua mão direita estava uma vara (que hoje serve de apoio) que, no momento da fotografia, foi utilizada como uma espécie de cetro (mesmo ficando coberto pela colina da casa podemos ver seu braço erguido), outra coisa que nos chamou a atenção foi como este se trajava, (camisa de mangas compridas calça e botas)⁹⁰, além disso, a sua mão esquerda sobre a perna, nos fez lembrar dos quadros dos antigos reis europeus. O velho vaqueiro era considerado o mais vaidoso entre os seus contemporâneos, percebemos que o tempo não tirou isso dele.

A senhora Maria, que se mostrou, desde o início, mais participativa em falar, se revelou tímida em participar da fotografia, só aceitando se minha mãe também se fizesse presente, (Maria das Dores de Lucena Gonçalves, a qual foi professora por

⁸⁹ Ver em: MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. Ed.2^a- SP: Contexto 2013

⁹⁰ Fato curioso, pois os entrevistados não sabiam que chegaríamos em sua residência naquele dia.

muitas décadas na zona rural e por isso ainda tem um vínculo de muita amizade com os grupos mais idosos, sua participação foi de muita valia para incentivar que o casal falasse). Percebendo essa disposição da senhora Maria, iniciamos a entrevista tentando conduzir de forma mais leve possível, respeitando seu tempo de resposta, pois não são todas as pessoas que se sentem confortáveis de compartilhar versões sobre suas vidas. A construção da narrativa através da memória de um idoso pode nos apresentar padrões sociais e culturais de outrora que são valiosos para o estudo.

Dona Maria começa a explicar sobre sua trajetória de vida e do seu marido, faz o início do casamento e atividades que praticavam para sobreviver: “Me casei com... 17 (dezesete) ano. [...]Trabalhava de roça”. Em relação ao trabalho do seu marido nos contou: “Comprava o gado [...] No sertão oiá, mais Zé de Rapaiz, pra Lagoa do Ouro, pra todo canto ele levava o gado... Pra matar, pra vender, pra tudo...”.

O relato de memória da senhora Maria nos faz resgatar a descrição feita por Gustavo Barroso (2003)⁹¹, na qual ele apresenta os tipos humanos e algumas atividades econômicas rurais características do século XX: planta e colhe de forma simples, pois seguem as mesmas práticas agrícolas de seus antepassados, dependem da terra da plantação, sendo papel conferido à mulher cuidar da família e ajudar na plantações em uma posição de silêncio e de resignação, o vaqueiro é lembrado como herói destemidos domadores de animais ferozes. A fala da Dona Maria lhe coloca um espaço de relevância, indo em direção oposta à construção generalizadora de Barroso, que colocava as mulheres dos sertões em posição de extrema submissão, no entanto, em Dona Maria, encontramos uma mulher forte, atuante, que trabalhou muito para criar seus filhos como ela mesmo nos fala:

Trabalhando na roça com o bucho deste tamanho oi, com o bucho deste tamanho trabalhando alugado pra ganhar quanto? 5 (cinco) Mireis daqui in Dezinha, na veia Dezinha aculá que faz de Augusto, Rosa de cumpade Augusto, trabalhava cumade... Trabalhava... Pra não ver os filho passar fome... 5 (cinco) filho nas costas... Oiá, os mais velho criou o mais novo acredita? Eu não criei nenhum quem criou foi Deus.

⁹¹ Gustavo Barroso foi considerado um intelectual no século XX, nos dias atuais seus trabalhos são vistos com desconfiança pela comunidade acadêmica, pois ele costumava escrever sem citar suas fontes, fugindo da operação historiográfica defendida por Michel de Certeau, se afastando da História enquanto ciência e se aproximando dos romances. Memo assim iremos utilizar um breve descrição feita pelo autor.

Para a historiadora Michelle Perrot (1995)⁹², o estudo sobre a história das mulheres é algo muito novo, e pode trazer muitas revelações sobre o cotidiano das sociedades que elas integram.

Os relatos de memória, de dona Maria, sobre o trabalho na agricultura, já eram esperados, pois como foi exposto anteriormente, Lagoa do Ouro apresentou e apresenta uma dependência econômica nas atividades de agricultura e pecuária. No entanto, o que nos chama mais atenção é o estado de solidão descrito por Maria, a ausência do marido no cotidiano familiar, sua rotina desgastante como trabalhadora nas propriedades vizinhas, mostrando que o dinheiro ganho por seu marido era insuficiente para manter a família.

Maria deixa transparecer em sua fala uma espécie de mágoa do seu marido, por ele ser muito festeiro e, em tempos de juventude, não se preocupar com a criação dos filhos. A religiosidade da entrevistada ficou muito evidente no momento em que ela coloca a responsabilidade na criação dos filhos a Deus. As condições econômicas fizeram que as crianças dessa família crescessem sem a presença do pai e da mãe. Os irmãos mais velhos ficavam responsáveis por cuidarem dos mais novos.

Buscamos fazer a senhora falar ainda mais sobre a vida do velho vaqueiro e o que mais chamou a nossa atenção foi os fatos ligados as farras do seu cônjuge:

Eita meu fio pelo amor de Deus não fala não... (risos) É com ele mermo. Foi muita festa foi... Muita festa... Cavalgada não perdia uma, não perdia uma cavalgada. Agora cantando tudo... Pra cantar tuada era ele mermo. O negocio dele é... (risos) Tá em um forró tão bom ai que inté deu umas duas rodada... (risos). Agora andava muito no mundo... Só não estendia a roda, mas o resto... Em casa com um rebanho de filho...

Na fotografia, em um dos dias de festa do vaqueiro Valfrideo junto com Zé de Chico, em uma cavalgada em Brejão, podemos destacar que foi esse município que iniciou um trabalho de valorização da cultura vaqueira. Também se faz necessário salientar que essa foi uma das últimas vezes que o vaqueiro vestiu um gibão.

⁹² Ver em: PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. cadernos pagu, 1995, 4: 9-28.

Figura 21: Valfridio e Zé de Chico em cavalgada no Município de Brejão-PE



Fonte: acervo pessoal do autor (1998)

A entrevista ganhou um ar mais descontraído, a vida de excessos do seu marido ainda deixam Maria um pouco irritada. A partir dessa fala de sua esposa e algumas risadas, Valfridio começou a participar de maneira mais ativa, e a nos contar suas versões referentes às lembranças apresentadas por sua esposa. Em um diálogo com sua esposa, sempre tentando dar uma justificativa sobre suas ações nos tempos de juventude, sorrindo, afirmou:

“Nem roubar graças a Deus... Eita meu pai do céu... As veis, tumava umas duas cana... Gosta de um forrozinho, Me lembrei de uma coisa, o caba cachaceiro, andador no mundo com 84 (oitenta e quatro) ano não tenho nenhum intrigado na minha vida...”

Valfridio intercalava momentos de choro (mesmo tentando disfarçar) e de risos, ao lembrar de seus dias de juventude, fazendo analogias do que foi e do que se tornou na atualidade, sempre preocupado com sua imagem:

“Foram comprar aculá um negócio[...] Uns comprimido pra botar no feijão... A mulher disse: “Não vendo não”, disse: “Pra que é?”, “Pra valfridio”, o dono da venda escutou e disse: “O que home? Bote a carrada todinha pra ele[...] Confiança é muito bom”.

Percebam que Valfridio continua tendo uma boa relação com a sociedade local (mesmo esse estado muito recluso por questões de saúde). O papel do idoso na

sociedade rural é apresentado pelas pesquisadoras Camargo; Oliveira (2008)⁹³, na qual que enfatizam que a segregação social entre os mais velhos é bem menos em relação às cidades. Os idosos se mantêm mais independentes financeiramente, além de serem guardiões das velhas práticas (de trabalho ou culturais) de outrora, fazendo com que esses se mantenham integrantes da comunidade. Sobre as atividades econômicas o velho vaqueiro comenta: “Só deixo de botar minha rocinha quando eu morrer”. Ao olhar para o feijão no alpendre diz: “Tá vendo isso aqui? É tudo pago.”

O casal de idosos remunera alguns netos e filhos para que cuidem da lavoura. Quem nos dar os detalhes é dona Maria: “Tudo no mundo quem faz é pago... Oxente... E isso ai é nós que espalha? É pago. Ai paga gente. Essas roça ai dá um trabalho homi”. O que fica nítido é que os dois, mesmo não podendo cuidar da plantação, não pensam em deixar de plantar em hipótese nenhuma.

É nítida a saudade que o casal de idosos sente em relação ao passado, na época em que podiam cuidar de suas plantações e dos seus animais. Valfridio é um representante vivo dos que cultuam os espaços de saudades. Perguntado o que mais sente falta da vida de vaqueiro, ele nos responde: “De tudo, mas não posso aqueteime⁹⁴ de uma vez...”.

Valfridio e Maria são representantes daquela sociedade que, infelizmente, não foi bem analisada pela historiografia, mas eles serviram para criar as “lendas” sobre os vaqueiros e a sociedade rural que ainda permeiam o imaginário de muitos.

⁹³ CAMARGO, Regina Aparecida Leite De; OLIVEIRA, Julieta Teresa Aier de. **Relatos orais, memória coletiva e identidade na agricultura familiar**. 2008. Disponível em file:<///C:/Users/Micael/Downloads/758.pdf>

⁹⁴ O mesmo que parar.

CAPÍTULO III - ABOIOS E TOADAS COMO REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA

“Vamos saudar os amigos
 Com um aboio saudoso
 A quem corre vaquejada
 Um esporte perigoso
 Festa de cabra macho
 Que se tornou de baixo
 um festival tão famoso...
 Ao nordestino que vence
 Seca que tosta o nariz
 Não despreze meu Nordeste,
 Não fuja ao sul do país
 Lá tu serás dominado
 E em meu sertão adorado
 Será liberto e feliz”
 (Vavá Machado e Marcolino)

Nessa parte, fizemos uma análise sobre a percepção dos acontecimentos segundo a visão dos vaqueiros poetas, e, também, de como as representações musicais foram utilizadas para construir versões sobre o passado. No processo de constituições de versões, no papel de valorização e de negação de fatos e pessoas, dois espaços instituídos: o da saudade e do esquecimento.

3.1 O CANTO DOS VAQUEIROS

Para iniciarmos essa discussão, utilizamo-nos da visão do compositor, violeiro e pesquisador Ivan Vilela⁹⁵ (2008), na qual este destaca a diversidade cultural brasileira como peça fundamental para a riqueza da musicalidade em diferentes espaços. Para ele, a oralidade ainda é fator fundamental para a representação dessa expressão artística. Mas, o que nos questionamos é como refletir sobre o canto dos vaqueiros? Quais temas estão contidos em suas toadas e aboios? O nosso intuito é utilizar as memórias cantadas dos vaqueiros sobre as diferentes realidades vivenciadas pelas distintas óticas dos toadeiros e aboiadores do município de Lagoa do Ouro para descrever um período específico da História local.

⁹⁵ Aprofunde seus conhecimentos em: VILELA, Ivan. Música no espaço rural brasileiro. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v. 2, n. 1, p. 1-23, 2008.

Devemos perceber que a musicalidade dos vaqueiros, como toda representação musical popular brasileira, é resultado da miscigenação cultural dos povos oriundos da raiz formadora da nossa população. Estamos falando das expressões musicais; as que são ativamente praticadas nos sertões; “nota-se aqui a necessidade de se marcar a existência de sertões diferenciados no Brasil, diversos, mas que se unificam tendo a criação de gado como principal elemento da economia sertaneja” (VIEIRA, 2007, p. 02)⁹⁶.

Devemos pontuar que o canto vaqueiro não se debruça somente nas relações cotidianas de trabalho, ela perpassa por diferentes questões que serão ainda analisadas. Uma definição sobre o aboio é demonstrada pela pesquisadora Maria Laura de Albuquerque Maurício, a qual destaca que:

A princípio, o aboio é o canto poético do vaqueiro, ecoado pelos campos e também pelas estradas na condução do gado. Como canto de trabalho, ainda hoje, permanece no campo como cultura de resistência. Em São José dos Ramos, vaqueiros conduzem o gado de uma cidade a outra, de uma fazenda a outra com um percurso não muito longo. Durante a caminhada com o gado, cantam o aboio triste e melancólico. Cantando, conduzem a boiada em vários espaços geográficos: do brejo ao sertão. Nem sempre se conhece a letra, pois é um canto improvisado e, por isso, são raros os registros escritos. É um canto que encanta não só o homem, mas sobretudo o gado (MAURÍCIO, 2006, p. 22).

Como foi descrito pela pesquisadora, o aboio é um canto que está no campo da improvisação, cujos temas são mais ligados às atividades do trabalho. O poeta Nilton Dodó, por sua vez, demonstra sua visão sobre a representação do aboio destacando que: “o aboio é o símbolo do gado”⁹⁷. Nessa fala, podemos observar que o cotidiano, a musicalidade, o gado e o trabalho se condensam em uma realidade que permeia a vida dos vaqueiros; o aboio é um canto que fala sobre os espaços em momentos instantâneos. O aboio dificilmente se repete, pois a atmosfera do presente é mais forte e sentida nessa representação.

⁹⁶ Ver em: VIEIRA, Natã Silva. Cultura de vaqueiro: O sertão e a música dos vaqueiros nordestinos. **ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, 2007.**

⁹⁷ Entrevista feita com Nilton de Dodó, Lagoa do Ouro- PE, 12 de julho de 2018

Já as toadas têm outra significação que está ligada diretamente a memória do grupo. Os cantos dos vaqueiros podem ser vistos como representações do passado, e, nesse sentido, a toada tem o papel de guardar informações relevantes sobre personagens importantes da sociedade local. No relato oral de Nilton, a toada é caracterizada: “a toada você na garganta já vai com dois parceiros[...] De acordo com os acontecimentos [...] no caso de mortes de pessoas queridas, de entes queridos e estas coisas e aí a gente vai e trabalha em cima deste assunto” (Entrevista feita com Nilton de Dodó, Lagoa do Ouro- PE, 12 de julho de 2018). Sobre a musicalidade, por sua vez, o vaqueiro Jurandir complementa:

O Aboio Jairo, pra mim e pra todos os repentistas, todos que é ramo e que gosta da brincadeira do gado, o Aboio é um prazer, é uma alegria, demonstração de saúde, de divertimento, de muita cultura na vida pra o ser humano. Porque você quando chega numa festa que você vê 4 (quatro), 5 (cinco) vaqueiro aboiando, aquilo ali acabou-se o tempo ruim, aquilo ali é alegria, é farrar, é brincar, é beber (Entrevista feita com Jurandir Teles de Carvalho, Lagoa do Ouro- PE, 13 de julho de 2018).

A toada e o aboio dos vaqueiros vêm sendo discutidos por pesquisadores de diferentes campos de saber (História, Antropologia, Sociologia, Linguística entre outros), e vem sendo visões pertinentes que, de certa maneira, complementam-se na construção do discurso sobre o objeto estudado.

Novamente, utilizamos-nos das reflexões de Roberto Cardoso de Oliveira, ao destacar que a fala dos entrevistados pode e deve se misturar com as do pesquisador. Dessa maneira, conseguimos adentrar ainda mais no mundo simbólico do grupo analisado, pois o olhar não pode ser unicamente do lado externo, pelo contrário, os pontos de vista e os discursos devem ser sempre confrontados em um processo de constante reflexão. Com intuito de entender o que a toada e o aboio representam na vida dos vaqueiros, entrevistei Luciano Torres, o qual destacou que:

O aboio, ele vem de um sentimento que pega um pouco pela questão emocional, passa um pouco pelo emocional. É este sentimento misturado com o espaço onde vive, com o meio onde se está. Geralmente ele é criado dentro de uma relação entre a pessoa humana, entre o vaqueiro e o animal. É uma forma de diálogo que se tem com o gado. Mas isso não se restringe a este universo. Ele passa também esta questão sentimental passa pelas relações entre as pessoas. [...]. E aí nas suas cantorias ele tanto trata desta questão do animal, da vida dele, da relação dele com o animal, do sentimento,

aquele sentimento que ele tem com o animal, aquele sentimento quase de familiaridade como se relaciona também com as demais pessoas. Se relaciona com a questão da amada, faz a música, canta para as mulheres. Se relaciona com a amizade, com o pessoal, com os amigos. E então é uma forma de interação que vem do sentimento do indivíduo com o meio que ele está e isso é expresso através do canto do vaqueiro. (Entrevista realizada com Luciano Torres, Lagoa do Ouro –PE, 15 de julho de 2018).

Percebe-se na fala do entrevistado que a expressão musical do vaqueiro ultrapassa as questões ligadas ao mundo do trabalho. As toadas e os aboios contêm informações pertinentes sobre o cotidiano e as experiências vivenciadas pelo grupo no espaço local; secas, festas, personagens ilustres, amores e morte são os temas mais comuns. A repetição e a aceitação, em especial da toada, a tornam uma fonte rica para os estudos da História. Nesse sentido, como destaca Pollak (1989), para que de fato se consiga fazer uma reinterpretação coerente do passado, é necessário a observação dos discursos que permanecem ao longo do tempo; a credibilidade vem de acordo com as falas repetidas e aceitas.

O aboiador Jurandir, por sua vez, também nos dá uma explicação sobre o que é falado nas toadas e nos aboios dos vaqueiros:

Nos cânticos que a gente canta é como diz a história, você vai pra uma festa assim... Os vaqueiros diz... Pronto, faça um verso com Jairo... Faça um verso com a minha mulé, né?... Faça um verso com o vaqueiro, uma coisa e outra e por ai esse assunto de Aboio é falar da vida quem era o vaqueiro, quem era o caba, qual era a origem dele, se ele é doutor, se ele é engenheiro, se ele é deputado, então pela ai é assim, as origem é essa... (Entrevista feita com Jurandir Teles de Carvalho, Lagoa do Ouro- PE, 13 de julho de 2018)

Jurandir, com suas colocações, nos faz refletir sobre a força e a função da musicalidade vaqueira para a construção de um discurso sobre o passado e, também, como esta é utilizada para criar os “heróis”. Os indivíduos utilizam a musicalidade para se auto afirmar perante os seus pares. Para Cascudo (1984), a musicalidade do vaqueiro tem duas finalidades bem distintas: é o canto de trabalho, quando este está na labuta com o gado; e é de interação social, quando se reúnem em momentos festivos, porém este canto não é de uso exclusivo do vaqueiro. Dentro desse panorama, podemos perceber que as falas dos entrevistados estão justamente demonstrando e concordando com a análise feita pelo pesquisador.

Para Motta (2011), os intercruzamentos de dados são muito válidos para o estudo da História do tempo presente, memórias, e pesquisas feitas sobre o tema em tempos anteriores se complementam. Desta maneira, as lacunas que são comuns nas pesquisas que utilizam a oralidade são consideravelmente diminuídas.

A fotografia a seguir apresenta um dos momentos em que parte dos protagonistas de nossas entrevistas se reuniram em um evento ocorrido no município de Brejão- PE.

Figura 22: Luciano Jurandir, Nilton e Luciano Jr.⁹⁸



Fonte: Fonte: Acervo pessoal de Luciano Jr. (2015).

Como podemos ver, a reunião é regada por bebidas e muita cantoria, o que faz a plateia se sentir à vontade para cantar. Podemos observar que esses senhores vêm construindo seu espaço de afirmação ao longo dos anos, tanto fazendo composições, como participando dos ambientes onde a cultura vaqueira é representada.

3. 2 TOADAS COMO GUARDIÃS DAS MEMÓRIAS

Para iniciar essa parte, utilizamos as palavras da historiadora Maria Ângela de Faria Grillo (2015), a qual destaca que é necessário analisar a história não apenas em versões oficiais, políticos ou jornalísticos, mas também pelos poetas, destacando a

⁹⁸ Da esquerda para direita, Luciano é advogado, descendente de uma família de pequenos e médios criadores de gado. Nilton filho de um médio agropecuarista que sempre teve contato com os vaqueiros que prestavam serviços para sua família, Jurandir tem na poesia vaqueira sua maior diversão, seu prazer, dentre eles o mais ativo nas expressões culturais e Luciano Jr.

visão de mundo deles, para que assim possamos entender suas simbologias cotidianas.

As toadas⁹⁹ e os aboios são representações poéticas dos vaqueiros e trazem muitas informações sobre eles, embora não podemos encará-las como sendo verdades indiscutíveis. No entanto, devemos destacar que as memórias, não somente dos vaqueiros, estão guardadas em grande parte nessas formas de expressão:

A poesia do poeta [...] tem, por isso mesmo, um poder de sustentar, de controlar, de certa forma, a cultura, a tradição. Mas se a tradição deve ser praticada [...], precisa ser lembrada por todos. Precisa corresponder às possibilidades de memorização das pessoas comuns, e não apenas das mais bem-dotadas. Na memória rítmica, então, a maneira mais direta de imitação, de memorização, de sustentação da tradição. A Musa, voz da instrução, é também a voz do prazer. A memória toda de um povo é poetizada (SMOLKA, 2000, p.196).

Podemos nos perguntar o que a toada e o aboio podem nos revelar sobre o passado? Ao analisar essa questão, vamos ao encontro pensamento de (DE PAULA, 2008, p.259), quando a pesquisadora reflete sobre os aspectos culturais no meio rural ao pontuar que “são, pois, diferentes modos construídos pelos atores sociais de estabelecer valor às suas relações cotidianas. São as ações diárias eivadas de significação simbólica, matizada por seus atores e sua situação história nas relações de poder...”. Desse modo, o canto característico, mas não exclusivo dos vaqueiros, serve como um instrumento de valorização ou de depreciação, dependendo da maneira como é utilizado. Como destaca Luciano Torres:

Muitas vezes ela extrapola este limite e termina criando uma relação as vezes de cumplicidade, que não tem contribuído com a questão da cultura que é a questão da relação do poeta, do cantador com os políticos. Isso termina sendo ruim porque muitas vezes o político com a sua posição autoritária aí ele faz com que o indivíduo seja submisso a si. Ele termina impondo uma certa condição. Os poetas, os vaqueiros violeiros e está coisa aí termina e quando ele estabelece uma relação desta natureza ele vai muito para o campo de bajulamento e esta coisa e ele quebra este sentimento, aquela coisa, aquela essência do que é a música. (Entrevista realizada com Luciano Torres, Lagoa do Ouro – PE, 15 de julho de 2018.).

⁹⁹ Neste momento devemos fazer menção a importância das mulheres na participação ativa da construção das toadas, pois são normalmente as esposas ou filhas alfabetizadas que escrevem as letras nos cadernos de composições. Por isso que elas não poderiam deixar de serem citadas nesse trabalho.

As palavras de Luciano nos fizeram refletir sobre o poder que uma cantiga pode trazer, já que ela é feita seguindo moldes, lembrando de umas coisas e ocultando outras. “Ela não é o passado apenas: é o passado reinventado e reinventável no presente. Também não é o presente absoluto, pelo contrário, é o presente cuja característica maior é ser o passado remexido e refundado pelas demandas do hoje” (DE PAULA, 2008, p.264), é uma espécie de arma que é utilizada pelos grupos mais fortes, e que ocupam o espaço de poder para subjugar aqueles que não compactuam com seus modos de pensar e atuar, já que “cultura não se manifesta, cultura não se desenvolve se estiver amarrada, atrelada ao pensamento político centralizador. A expressão cultural por si é o grito de liberdade...”¹⁰⁰.

Conseguimos perceber que, de certa maneira, a fala da pesquisadora em destaque vai ao encontro dos relatos feitos pelo entrevistado, pois temos que encarar as toadas e os aboios como sendo produtos criados na contemporaneidade para ressignificar o passado, enaltecendo ou esquecendo pessoas e fatos. Uma toada feita por Nilton Dodó, intitulada *Memórias do Passado*, pode nos servir como exemplo:

Eu tenho Memórias do Passado que eu escrevi há muitos anos. Eu vou ver se eu não erro ela, eu estou um pouco meio lembrado, vamos ver se dá certo:

I

*Vaqueiro bom foi Rapaz, Dodó, Machado e Pirrinxa,
Que pegavam o boi no mato e trazia ele na chincha.
Manuel Campina puxou e Chico André foi quem laçou para levar
para o matadouro para ser cortado de trincha.*

II

*No seu cavalo Garrincha, Sabino Lopes e Batinga,
Diziam para né Machado, tu traz a corda e a pinga,
o sal de pedra e o espeto de pegar ele eu prometo
Eu vou pegar lombo o preto para tirar sua mandinga.*

III

*De mal olhado e bizinga, rezava Quitéria Simão,
Para trabalhar de Ferreiro Nani Napoleão.
Janoca parteira de fé e Antônio Rosindo chofer.
E Joao Poça no carroce comandava a diversão.*

IV

¹⁰⁰ Entrevista realizada com Luciano Torres, Lagoa do Ouro –PE, 15 de julho de 2018.

*João Monteiro fez ação, homem da verdade pura,
Que emprestava dinheiro para homem da agricultura.
Quem quiser bom patrão sele, para nosso bom Deus apele.
No armazém Dedi Feli, Zé Soares e Zé Ventura.*

V

*Moisés foi literatura, couro seu artesanato,
Sela, freio, gibão, perneira e sapato.
Mesmo com pouco dinheiro fez a roupa do vaqueiro.
Couro do porco, carneiro, do boi, do bode e do gato.*

VI

*Sinhô Barbosa o relato como uma estrela que brilha,
Deus ajuda o homem vence quem pisa em cima da trilha.
Foi sucesso em disparada com a mão escalejada,
Enfrentando o cabo da enxada para a formação da família.*

VII

*Prepara esta sextilha em forma de silaba sete,
Poeta se for famoso se tem defeito complete.
Cantando Nilton com carinho
O primeiro voo do pombinho,
Quem procura um bom caminho o seu sonho se repete.*

VIII

*Vereadores prometem a Marquidoves o prefeito, 30 anos de luta e
glória pelo povo sendo aceito,
Seu trabalho é a verdade, progresso e honestidade.
Lagoa do Ouro a cidade, Adalto cabo do eito.*

IX

*Aristides foi prefeito durante os anos 60
E com Josy enfrentou batalhas que ainda o povo comenta.
Manuel Peixoto guerreiro prefeito foi o primeiro.
Com Zé Torres e os Monteiros, qualquer batalha ele enfrenta.
Manuel Peixoto Guerreiro, prefeito foi o primeiro,
Com Zé Torres e os Monteiros, qualquer batalha ele enfrenta.
(Memórias do passado, Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa
do Ouro-PE, 20de julho de 2018).*

Nesta toada de Nilton, percebemos algo bastante curioso: ela conta basicamente a História de Lagoa do Ouro desde sua emancipação, além disso, nela, velhos personagens do passado convivem com pessoas contemporâneas. Ele apresenta desde pessoas mais humildes, até aqueles que dominaram o espaço de poder. O mais interessante é que líderes políticos atuais aparecem, provando que essa toada foi modificada e atualizada ao longo do tempo para englobar estes personagens na História (Nilton é um daqueles personagens que sempre se deu bem com os grupos

dominantes, mesmo esses muitas vezes sendo rivais políticos, e por isso, fica explicado os motivos destes estarem presentes formando uma versão harmoniosa).

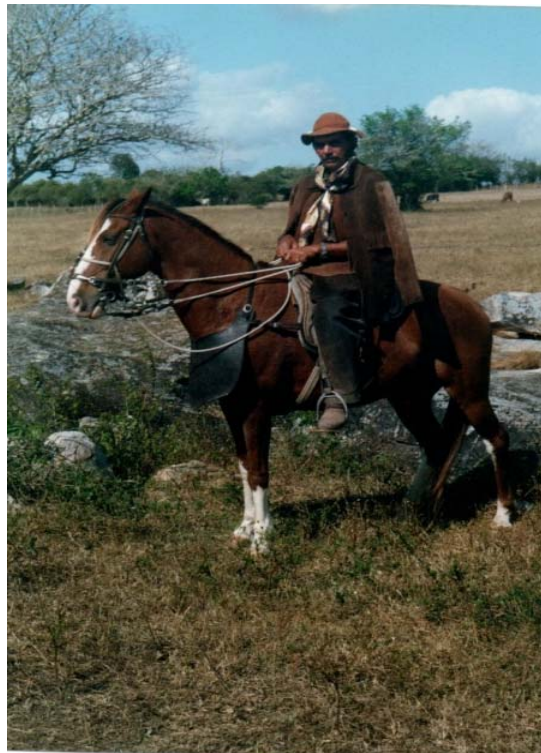
A toadas tem a função de manter um discurso sobre o passado que vem sendo modificado no presente. “Assim, os relatos orais não devem ser pensados na perspectiva de restitui-los à totalidade [...] são fragmentos que devem ser avaliados em sua potência multiplicadora de criar novos significados” (GUIMARAES, 2011, p.18). Nessa perspectiva, analisaremos um aboio feito pelo entrevistado Jurandir Machado, este constrói uma narrativa falando sobre o grupo do qual faz parte, depois me perguntou se poderia fazer um verso sobre um vaqueiro que morreu:

*“Ôêa... Ôi Jairo vou le falar, vou te dar pontuação...
 Eu viajei mais Zé Chico de guarda peito e Gibão...
 Digo e faço e num tô só e ao lado de Coló pras festa de Cardeirão...
 Oboêi... Lá botava boi no chão e a vida era arruaça, cantava verso e aboi e fazia temo na praça...
 Isso tudo se embolando vendo o gado passando e o casco levar fumaça...
 Oboêi... Di vocês veve na praça, nós veve no interior, muntado em cavalo de raça e pordo brabo corredor...
 Demonstrando alegria, fabricando as poesia e mostrando que é cantador...
 Obôea... Você vai e eu também vou e esses sirviço aprova...
 Vem o Nilto de Dodó e Luciano mais pra cá...
 Digo e eu num estou só, de lado vem o Coló e Jurandir pá compretar...
 Oebô... É assim Jairo que a coisa vai!...” (Entrevista feita com Jurandir Teles de Carvalho, Lagoa do Ouro- PE, 13 de julho de 2018).*

O verso foi produzido como uma espécie de “manto protetor”, destacando os indivíduos que, de certa maneira, são vistos como as referências da cultura vaqueira no município. Percebe-se que existe um corporativismo muito forte entre os que representam essa tradição, nesse sentido devemos considerar que “somos nós por meio de nossas relações sociais, que construímos e significamos o mundo” (MONTENEGRO, 2011, p 48), e tanto na toada quanto nos aboios, e nas próprias falas, podemos sentir como os indivíduos constroem seu mundo e suas relações sociais. A memória encontra-se em constante processo de ressignificação.

O vaqueiro que morreu, citado no verso “Zé de Chico” (que aparece na próxima fotografia em seu cavalo Meia Branca), foi alguém muito presente na construção do entendimento do grupo analisado, ele também integrava o grupo dos vaqueiros do município de Lagoa do Ouro.

Figura 23: Fotografia 21 - Vaqueiro Zé de Chico



Fonte: acervo pessoal do autor (2001)

Essa fotografia foi encomendada por Vavá Machado para compor as imagens do troféu da 2ª Missa do Vaqueiro de Lagoa do Ouro.

3.3 AS TOADAS E OS PERIÓDICOS: A MUSICALIDADE COMO INSTRUMENTO CRIADOR DE VERSÕES SOBRE O PASSADO

Iniciamos a análise a partir de algumas composições produzidas pelos vaqueiros de Lagoa do Ouro referentes à década de 1980¹⁰¹. “Nesse contexto, o estudo histórico desempenha um papel importante, na medida em que contempla pesquisa e reflexão da relação construída socialmente e da relação estabelecida entre indivíduo, grupo e o mundo social” (DE BARROS, 2013, p 02). Em especial, as toadas compostas naquele município, como nos conta Nílton Dodó em um momento de saudosismo sobre amigo¹⁰²:

¹⁰¹ Mas, no entanto, antes disso devemos apresentar um personagem.

¹⁰² Vavá Machado, falecido em 2012, é considerado o ídolo maior da cultura vaqueira regional, suas toadas atravessaram décadas, e algumas delas apareceram aqui.

Vavá é um mito da História de Brejão e Lagoa do Ouro. Porque nasceu em Brejão e se criou em Lagoa do Ouro e partiu para o quartel e depois do quartel ele partiu para História da cultura, do aboio. Ele gostava também de versos da viola, mas ele não praticava o quanto. O certo dele era a toada e o aboio. Porque o trabalho do gado é um e o trabalho da viola é outro. Mas o violeiro também gosta da toada, como eu mesmo escrevo toada que eu tenho toadas escritas. (Entrevista feita com Jurandir Teles de Carvalho, Lagoa do Ouro- PE, 12 de julho de 2018).

Ao ouvir a afirmativa de Nilton sobre Vavá Machado, criou-se uma necessidade e curiosidade de perceber como os homens que hoje representavam a cultura vaqueira no âmbito municipal e regional o enxergavam. Dentro disso, devemos destacar que “o conhecimento da cultura local reforça a valorização bem como o incentivo ao desenvolvimento da região” (LOSSIO; PEREIRA, 2007)¹⁰³. Conhecer as representações culturais nos ajuda a conhecer e entender a atmosfera que as rodeia.

Sobre Vavá, o seu Irmão Jurandir nos conta sobre o início da sua carreira nos tempos de quartel:

Ele começou a fazer verso lá, quando chegou, quando pensou que não ele voltou para o quartel. Ai quando chegou no quartel ele disse: “Oxe eu vou cantar”, aí agora que faz? Cumé que no quartel ele ia cantar na rádio? Não podia, aí quando era mei-dia na hora de meio-dia na hora de almoçar, ele roubava o horário e vinha pra rádio... Naquele tempo era chovê se eu me lembro quem era... Era... Era... (áudio 6:19) Ivo!, Tinoco! Aí que quando ele chegou na rádio pá não botar o nome dele Teles de Carvalho botou o nome de Vavá Machado, na rádio...

Aí começou sem parceiro, aí um caba disse que aculá tem um caba que canta, aí ele foi pra Canhotinho, atrás de Marcolino, era Mateú de Reisado, aí ele encontrou-se com Marcolino e cantaram, ai a voz deu certo, aí vieram pra rádio, ai o general, o comandante deles disse: “Que dois caba pra cantar, mas quem é aqueles caba? Quem aqueles caba?”, aí quando, até o dia que descobriu, foi quando ele tirou aquela Tuada que deixou o caso militar né, pra ser vaqueiro né... (Entrevista feita com Jurandir Teles de Carvalho, Lagoa do Ouro- PE, 12 de julho de 2018).

¹⁰³ LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, Cesar de Mendonça. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. **Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura, III**, 2007.

A vida de Vavá Machado foi marcada por sua aproximação com a musicalidade, aos poucos junto, com seu parceiro Marcolino, se tornaram a dupla de maior nome (os Bridões de Ouro é um codinome ainda utilizado por músicos que acompanham os toadeiros ao longo de sua carreira). A fotografia a seguir foi a capa do segundo trabalho dos toadeiros, no ano de 1979.

Figura 24: LP Vavá Machado (esquerda) e Marcolino de 1979



Fonte: Vinil Records (2019)

Podemos perceber, através das músicas e das fotografias, que Vavá Machado e seus parceiros ao longo dos anos utilizaram de simbologias características dos personagens do Nordeste, além de serem representantes do “espaço da saudade”, como o Professor Durval Muniz de Albuquerque júnior destaca em seu livro *A invenção do Nordeste* (2011). Da mesma forma que Luiz Gonzaga, esses artistas cantaram os desejos, as memórias e saudades da sociedade rural, contribuindo para a ressignificação do passado a partir do presente.

Devemos salientar, mais uma vez, que o trabalho é sobre a comunidade rural em Lagoa do Ouro, e, em especial, sobre aqueles que se envolviam com as criações

de animais. Vavá Machado e Marcolino tiveram uma obra rica, porém é impossível trabalhar nessa pesquisa, pois o grande número de toadas demandaria um longo período de tempo para que fossem feitas as análises, por isso nos atentaremos na análise de três toadas de Vavá Machado, além de outra de Zé de Chico.

“O estudo sobre a memória se universalizou [...] quando as pessoas não mais identificam sua herança pela perda dos antigos padrões de relacionamento social” (DE BARROS, 2013, p. 02). A análise da História do tempo presente vem cobrando ainda mais do pesquisador, pois os investigados em sua maioria estão vivos e esperando os “ecos da pesquisa”.

Você está fazendo esses seu trabalho aqui qualé o seu objetivo? É de subir, de você ganhar ponto, não é pra isso? Eu não entendo das coisas porque matuto é... (risos) Mas eu acredito que você está fazendo isso pra você mais tarde ganhar ponto e dizer ói: “Jairo foi em Lagoa do Ouro conheceu a turma da vaqueirama, o Nordeste lá por ende ele andou todo mundo aplaudiu ele, ele fez tudo”, isso você se sente feliz e a gente que vê o trabalho que você fez também vai se sentir feliz, né? Num vai dizer, você sai daqui vou pra Lagoa do Ouro, vou pra Bom Conselho, vou pra Garanhuns, olha o trabalho que fizeram em Lagoa do Ouro, Jairo fez em Lagoa do Ouro... Fulano de tal, fulano de tal, fulano de tal, então quer dizer, isso ai é muito importante e se você fizer isso aqui e jogar lá no fundo da gaveta? Vai ter futuro? Vai? E quando eu lhe ver mais tarde? Como é que eu vou lhe dizer: “Ô Jairo cadê aquele trabalho que nós fizemo? Não teve nada?” (Risos) Não sei se tô certo ou errado... ((Entrevista a Jurandir Teles de Carvalho, Lagoa do Ouro- PE, 12 de julho de 2018).

As palavras de Jurandir nos instigam a fazer esse retorno¹⁰⁴ o mais rápido possível, por isso perguntamo-nos: o que podemos encontrar nos cadernos de composições desses homens? O que as toadas gravadas em discos e fitas (hoje já encontradas nas mídias mais evoluídas) podem nos falar sobre a visão deles naquela época? O historiador, professor Ulpiano T. Bezerra de Meneses¹⁰⁵ (1992), observa o espaço de pesquisa da História Oral como muito cheio de caminhos, esquecimentos

¹⁰⁴ Essa pesquisa já gerou dois artigos e três capítulos de livro que já se encontram nas mãos dos pesquisados.

¹⁰⁵ DE MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-23, 1992.

e lembranças, em uma dança de modificações constantes onde a memória se modela e se ressignifica ao passar das décadas.

Em meados de 1980, Zé de Chico compôs uma toada falando sobre um incidente curioso no sítio Marcação (que faz divisa entre os municípios de Lagoa do Ouro e Brejão): a morte de um boi de carro, o qual morreu por questões misteriosas, e o aproveitamento da carne deste pelos integrantes da sociedade. O título da letra é *Toada de Conrado*¹⁰⁶ e, como já colocado, narra o triste destino de um boi e a alegria a de uma comunidade:

I
Conrado comendo palma,
A morte lhe acompanhando,
Um urubu enchocalhado
De quando e quando passando,
Dando um assubeio na asa,
Como quem tava avisando.

II
Quando Conrado morreu, foi festa na Marcação
As costelas para Augusto, pra Bida a aparação
Pra Valfridio o mocotó o fígado e o coração.
Zé palito era o dono, não tava na ocasião
Mas tinha Carlos Roberto e seu Vaqueiro de estimação,
Tire o patim e o chereu, que pra eu levar pra o patrão.

III
Pra Cicero uma chã de dentro.
Pra Adilson outro colchão, o fato para Manuel de Zuza
E fizeram a repartição
Pra Berto pó a cabeça, que não tinha mais carne não

IV
Enceraram o açougue,
Fizeram reunião junta aí esse machado, a facoa e o facão
E vamos levar o couro pra espichar na Marcação

¹⁰⁶ Se encontra no caderno de composições do mesmo, com algumas outras toadas.

A toada teve uma repercussão muito ruim logo de início, passando anos sem ser cantada, pois Valfridio¹⁰⁷ não gostava. Só depois de muito tempo, acreditamos que aproximadamente uns 10 anos após ela ter sido criada, que ela pode ser, de fato, cantada livremente. Mas, o questionamento que se constrói é como historicizar algo desse tipo?

O papel da História é desconstruir e interrogar as narrativas criadas pela memória (MOTTA, 2011). É preciso perceber que aquela comunidade do Sítio Marcação não estava isolada, ela fazia parte de Lagoa do Ouro, do Agreste Meridional e de Pernambuco. Dentro dessa perspectiva, compreendemos que “em história, todo sistema de pensamento está referido a “lugares” sociais, econômicos, culturais, etc” (CERTEAU, 1982, p.66). Então, o que ocorreu na década de 1980 que servisse de tentativa para explicar esse caso?

A pesquisa foi em busca de outras fontes, os periódicos, entre eles, o *Jornal Diário de Pernambuco* nos ajudou a perceber as condições enfrentadas pela população de Lagoa do Ouro naquela década. Dentro disso, em 08 de maio de 1980, o *Diário de Pernambuco*¹⁰⁸ noticiou que a lavoura de feijão do estado teria uma quebra que poderia chegar a 70% da produtividade. A partir disso, podemos destacar que a Lagoa do Ouro que aparece nos jornais na década de 1980 foi marcada por crises terríveis, geradas por um período de secas duradouras, afetando a vida de criadores e agricultores no município. O aproveitamento da carne de um boi de carro¹⁰⁹ morto chega a ser explicável em um momento de crise de abastecimento de produtos alimentícios.

Outro dado bastante interessante que pode ser utilizado para entendermos essa década de dificuldades no município pode ser encontrado no *Diário Oficial do Estado de Pernambuco de maio de 1980*, no qual podemos perceber a preocupação do então governador Marco Maciel com os municípios que formavam o Agreste meridional do estado e passavam por uma onda de estiagem duradoura, cabendo ao corpo técnico do Governo Federal um estudo mais aprofundado sobre

¹⁰⁷ Um dos vaqueiros entrevistados na minha pesquisa, o mais velho entre todos, era também um dos mais atuantes quando o assunto era cantar toada e aboiar.

¹⁰⁸ Ver em: HEMEROTECA DIGITAL, *Diário de Pernambuco*, Recife, 30 de maio de 1980. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&Pasta=ano%20198&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO> acesso em 24/07/2019

¹⁰⁹ Esses animais normalmente são bem tratados em comparação aos outros e provavelmente Conrado tenha morrido de um engasgamento, por serem mansos e muito úteis para o transporte de cargas em pequenas e médias propriedades até a atualidade.

as condições vivenciadas pelo povo dessa região, bem como buscar as melhores alternativas para minimizar os efeitos da seca na época:

Andreazza garante que não faltarão verbas para anular efeitos da seca

O entrosamento de todos os ministérios para a execução do Programa de Ação solidária que vem sendo desenvolvido com o objetivo de trazer soluções emergenciais e definitivas para o problema da seca no Nordeste: a certeza que não haverá dificuldades em relação às verbas a ela destinadas; e a garantia de que poderão ocorrer mudanças_ de acordo com os resultados obtidos_ foram confirmados ontem à noite pelo ministro Mario Andreazza, do interior, ao desembarcar, às 18h 30m no Aeroporto Militar do Recife[...]

O governador Marco Maciel decretou ontem estado de emergência em mais de 21 municípios pernambucanos da região Agreste, principal produtora de leite e responsável por 40 por cento da produção de feijão e milho do Estado, em razão do aumento da estiagem nas áreas. Ao todo, 98 municípios pernambucanos estão em estado de emergência.

[...] os prejuízos com a seca prolongada alcançam Cr\$ 2 bilhões 350 milhões, atingindo, direta ou indiretamente, 3 milhões 211 mil habitantes, quase 5º por cento da população de Pernambuco. [...] cerca de 80 por cento da safra de grãos do estado _ milho e feijão _ estão irreversivelmente perdidos [...] os 21 municípios que entraram em estado de emergência ontem, conforme explicou o secretário Emilio Carazzai, pertencem as microrregiões agreste Meridional e setentrional[...].

Outro aspecto da região Agreste que, segundo o secretário agrava bastante a situação, é a falta total de plantação. Os agricultores não chegaram a plantar_ como nas outras regiões atingidas pela seca_ as pequenas safras.

São os seguintes os municípios que entraram em estado de emergência, Angelim, Bezerros, Bom Concelho, Brejão, Caetés, Calçado, Caruaru, Cumaru, Garanhuns, Iati, Jupi, Lagoa do Ouro... (*Diário de Pernambuco, Recife*, 30 de maio de 1980).

Não é nosso objetivo discutir as questões ligadas às indústrias das secas fundamentadas especialmente no século XX¹¹⁰, ou quem se aproveitou do

¹¹⁰ O leitor poderá aprofundar essa discussão com o estudo de: ALBUQUERQUE JR, Durval Munis de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. SP: Cortez, 2011.

infortúnio dos outros ou não, na verdade, nos debruçamos no entender como os vaqueiros, em especial seus artistas, percebiam esse cenário.

O Agreste meridional do estado de Pernambuco passara por um período grande de privações logo na primeira metade da década de 1980, registrando a diminuição de rebanhos, inexistência de plantações, fatores que influenciaram nos assuntos tratados na musicalidade. Em 29 de maio 1984, uma descrição dada pelo *Diário Oficial do Estado de Pernambuco* nos fez entender como se configurava a sociedade do município de Lagoa do Ouro Naquele momento, intimamente arraigada às atividades ligadas aos setores agrários.

“Em contrapartida, na concepção sociológica, a identidade do sujeito se forma através da relação deste com outras pessoas, da interação de valores, sentidos, símbolos e cultura dos mundos habitados pelo sujeito” (FREIRE, 2006, p 58). Estamos falando de fatores que fizeram a sociedade pernambucana fervilhar, já que sua economia ainda tinha no mundo agrário muito sustento. As políticas assistencialistas se tornam as maiores manchetes dos jornais, assunto falado por integrantes das sociedades; dos mais abastados aos mais humildes. No ano de 1986¹¹¹, Vavá Machado e Zé de Almeida também percebendo o problema sofrido não somente no estado de Pernambuco, lançaram a toada intitulada *Seu doutor de agronomia*:

I

Seu doutor de agronomia, seu doutor de engenharia, enche o Nordeste o que cria pra seca queimando o chão.

O são Francisco traz suas águas correntes, pedimos ao presidente ajudar nosso sertão.

Ôôô, Ôôô , ajude seu presidente nosso povo agricultor.

Ôôô, Ôôô , ajude seu presidente nosso povo agricultor.

II

O são Francisco corre água até de mais, só é estender os canais para os sertões distantes.

Fazendo isso o Nordeste é diferente não se ver mais nossa gente vivendo como imigrante.

Ôôô, Ôôô , ajude seu presidente nosso povo agricultor.

Ôôô, Ôôô , ajude seu presidente nosso povo agricultor.

III

¹¹¹ Primeiro ano de redemocratização política do Brasil após 21 anos de governo ditatorial.

Nosso Nordeste, o seu solo tem riqueza, vive quase na pobreza por falta de irrigação.

Seu presidente faça isso pelo povo, pra nascer um sertão novo e mais riqueza a nação.

Ôôô, Ôôô , ajude seu presidente nosso povo agricultor.

Ôôô, Ôôô , ajude seu presidente nosso povo agricultor.

A toada teve uma repercussão muito boa entre a sociedade rural de Lagoa do Ouro, sendo ainda umas das letras mais lembradas na contemporaneidade. Percebe-se o sonho da transposição como sendo a ação sanadora dos problemas da seca e da pobreza, fortalecendo o discurso assistencialista para barrar a saída dos sertanejos de sua terra natal.

Na fotografia a seguir, Vavá Machado e Zé de Almeida se apresentam como nordestinos repaginados, se afastando um pouco da Fotografia do vaqueiro em quanto traje de trabalho, e se aproximando da estética dos sertanejos¹¹² do Sudeste, em especial, mas sem deixar de usar a imagem da seca como característica marcante.

Figura 25: Vavá Machado e Zé de Almeida (1986)



Fonte: Forró em Vinil (2019).

¹¹² Quando falamos em sertões estamos nos referindo as pessoas que residem na parte interiorana do território do Brasil. Utilizando a velha divisão colonial que dividia o espaço geográfico em sertões e litoral.

Devemos encarar a toada, em especial, como um forte instrumento de ratificação dos aparelhos explicativos e normativos que se fundamentem nas memórias, pois “a memória constitui, por definição, uma faculdade humana, encarregada de reter conhecimentos [...]. Seu objeto é um “antes” experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro” (ZILBERMAN, 2006, p. 117). Utilizar a sensibilidade para ouvirmos, nos dá uma noção aproximada de como os grupos populares pensavam seu papel como integrantes no macro. Novamente temos que concordar com Durval Muniz de Albuquerque Jr (2011), que destaca que o Nordeste foi impulsionando a parecer como é.

No entanto, não acreditamos que a negação das intempéries climáticas do Nordeste é capaz de explicar suas configurações históricas e econômicas. “Tudo é invenção” ou as invenções se concentram em partes que costuram o discurso de um “todo”? A pergunta que fica no ar. é: até onde tudo é inventado? Será que nós também somos agentes desse discurso de invenções? Ao analisar essa problemática, nos debruçamos sobre a argumentação defendida pelo professor Antônio Paulo Rezende (2010); através do qual este também coloca os pesquisadores em um espaço de produção das versões, igualmente aos analisados, cabendo ao historiador interpretador dos fatos e não ser um inquisidor querendo que suas opiniões sejam verdades absolutas e inquestionáveis.

CAPÍTULO IV: FESTEJOS E RELIGIOSIDADE

“...me despeço dos vaqueiros
 Colegas e companheiros
 Fazendeiros, boiadeiros
 De ninguém ganhei troféu
 Choro igualmente a criança
 Morreu a minha esperança
 Mas conservo na lembrança
 Luvas perneiras e chapéu

Adeus bonitas campinas
 Chapadas serras colinas
 Bebedouros e salinas
 Mourão currais tabuleiros
 Estou sendo positivo
 Estou vivo, mas não vivo
 A velhice é o motivo
 Não posso mais ser vaqueiro”
 (Vavá Machado/ José Vicente da Paraíba)

Esse capítulo foi construído na premissa de analisar as questões que permeiam os espaços de representações culturais, não somente dos vaqueiros, mas da sociedade rural que se vê envolvida com os acontecimentos festivos que misturam, na maioria das vezes, elementos sagrados e profanos. Uma narrativa histórica respaldado na metodologia de pesquisa ligada a História recente, e, no intuito de se criar um discurso sobre o fato, buscaremos observar dois eventos bem característicos: a pega de boi no mato, e a Missa do Vaqueiro.

4.1 VAQUEJADA: DECADÊNCIA OU RENOVAÇÃO?

Segundo o folclorista Luiz da Câmara Cascudo (1976)¹¹³, a vaquejada teve origem em terras europeias, precisamente, na Península Ibérica; (território que compreende Portugal e Espanha). Ela é um ato que tem como característica primordial a ação de derrubar os animais (bovinos) em um movimento de puxão na calda. Essa prática teria sido trazida pelos colonizadores em meados do século XVI;

¹¹³ Ver em: CASCUDO, L. da C. A Vaquejada Nordestina e sua Origem. Natal: Fundação José Augusto, 1976.

e se espalhado nos sertões brasileiros, em especial o Nordeste, com o advento da pecuária.

Não nos prenderemos em explicar os mitos de origem, já que nossa pesquisa se situa basicamente na segunda metade do século XX e, como destacou o historiador Marc Bloch, a obsessão pela origem só serve a uma ideia de história amparada na linearidade e na perspectiva do progresso. Desse modo, importante é salientar que a festa de vaquejada, em sua origem, não consistia apenas as corridas em pistas como conhecemos hoje¹¹⁴. A vaquejada compunha todas as partes das práticas de trabalho. Desde a captura dos animais na caatinga até a separação de animais (apartação) e as corridas nos pátios das fazendas, as quais são popularmente conhecidas (pelos mais velhos) por corridas de mourão. Cabe destacar, no entanto, que não vamos entrar no mérito de discutir essas modificações, pois iremos nos ater apenas nas práticas ligadas a pega de boi no mato, fazendo uma reflexão sobre o que os vaqueiros percebem em comparação com as “vaquejadas” da atualidade.

Para a socióloga Simone Pereira da Costa Dourado (2013)¹¹⁵, as práticas de trabalho no campo passaram por uma transformação significativas no século XX, fazendo com que postos de serviços que antes existiam deixem de ser necessários. No município de Lagoa do Ouro, nós também encontramos esse fenômeno de modificação socioeconômico, graças a modificação do espaço geográfico; o que foi acarretado pela devastação da vegetação nativa e a substituição por pastagens da família do braquiária, em especial. Deste modo, a presença cada vez mais comum de pastagens, ao invés de vegetações densas nas propriedades, resultou em um aumento do nível de docilidade dos animais, um manejo mais fácil e cada vez menos dependente da participação dos vaqueiros encourados. Sobre essas questões, indagamos o vaqueiro Clodoaldo Brasil (Coló Brasil), o qual nos relatou

Óia Jairo, não é nem 50 (cinquenta), vamos butar assim a 30 (trinta) anos atrás realmente existia o vaqueiro e ele trabalhava nas fazenda e toda fazenda tinha, não 1 (um), mas 2 (dois), 3 (três) vaqueiros empregados lá pra cuidar do gado, porque o gado era criado a campo no mato então era necessário o vaqueiro, hoje não porque é criado na campineira como a gente chama aqui, em pastos plantados e uma

¹¹⁴ Por opção, não iremos nos prender nas questões ligadas as corridas de mourão (vaquejadas urbanas). O que será feito são algumas pontuações entre suas diferenças.

¹¹⁵ Dourado, S. P. C. 2013. O Rural como fronteira do urbano: rodeios e vaquejadas nas interpretações do Brasil. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste, 1.

pessoa só faz o serviço de 5 (cinco) tá entendendo? O gado é criado no limpo, fica manso no manejo, uma pessoa só maneja e faz todo o serviço, bota no curral, hoje tem o tronco, bota no tronco, bota no breque sozinho, vai lá, faz vacina ele mocha o animal, ele faz tudo, naquele tempo não.... Naquele tempo nós tinha que correr atrás dele lá no mato pega-lo, trazer para o curral, não existia tronco era amarrado no mourão pra poder a gente fazer o serviço, está entendendo? Ai essa hoje... isso hoje é que tirou muito o trabalho daqueles que viviam do campo. (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16 de julho de 2018).

O relato de memória feito por Coló demonstra o papel dos antigos vaqueiros em Lagoa do Ouro na segunda metade do século XX, como esse grupo se fazia necessário nas atividades pecuaristas. Utilizando a descrição do vaqueiro, podemos caracterizar o espaço de criação de tempos atrás como uma área de extrema rusticidades, o que era encontrado tanto em homens quanto em animais. O tratamento de uma bicheira ou de uma doença de casco que nos tempos de hoje é feita de maneira simples, antes poderia durar dias e demandar mão-de-obra de vários homens. Um instrumento que pode servir de exemplo e que vem facilitando a vida dos vaqueiros e pequenos criadores são os troncos.

Figura 26: Tronco



Fonte: Garoze (2020)

A imagem acima é aqui utilizada como representação para refletirmos sobre a importância dos currais, os quais dispensam um número significativo de trabalhadores no trato cotidiano dos animais. Dois vaqueiros conseguem conduzir o trabalho sem muitos problemas. Nessas estruturas, coloca-se os animais no corredor (por traz da porteira vermelha) com o intuito que fiquem enfileirados e com pouco espaço para se

movimentar. Essa contenção menos traumática (no ponto de vista de sanidade animal) colabora para a rapidez e na obtenção de melhores resultados.

Percebemos que o advento das novas práticas de trabalho modifica não somente o espaço urbano, o meio rural também é influenciado, criando, com isso, novos processos de produção, seja na agricultura ou na pecuária. E, na maioria das vezes, essas modificações resultam em uma maior produtividade. Em contrapartida, existe também uma diminuição do quantitativo humano necessário para desempenhar essas funções, pois temos que salientar que não somente de vaqueiros se mentiam as fazendas. Segundo a historiadora Joana Medrado (2012)¹¹⁶, o vaqueiro era peça fundamental para o andamento das atividades nas propriedades, pois ele representava os demais trabalhadores quando estava junto ao proprietário das terras e também representava o fazendeiro perante os outros trabalhadores, caracterizando, assim, uma relação muito próxima dos dois mundos. A vaquejada era um acontecimento que propiciava a comunhão entre essas duas realidades.

Destacamos que a vaquejada, com a função de trabalho nas propriedades rurais de Lagoa do Ouro, vem se tornando cada vez mais rara, cabendo aos vaqueiros desse município buscarem outras alternativas para treinarem suas habilidades. As chamadas pegas de boi no mato reúnem vários homens que buscam se afirmar como heróis dos sertões. É sobre isso que iremos explicar a partir de agora.

Quando se discute sobre o papel do vaqueiro no âmbito cultural e do trabalho, se cria um cenário de saudosismo; como se eles estivessem em processo de extinção. O estudo feito pelo antropólogo Renan Martins Pereira (2016)¹¹⁷ sobre as pegas de boi no mato, demonstra que, na contemporaneidade, existe um número considerável de pessoas envolvidas com essa atividade.

Podemos destacar que o grupo lagoadoourense de vaqueiros encourados (vaqueiros que usam o gibão) é consideravelmente grande, quando comparamos a com outros municípios circunvizinhos, tal como podemos perceber nas falas do relato oral do vaqueiro Coló Brasil:

Bom, aqui nós somos uma equipe de 16 (dezesesseis) vaqueiros que é o que comporta o caminha que a gente vai pras pegas de boi [...]como

¹¹⁶ Ver em: MEDRADO, Joana. Terra de vaqueiros: relações de trabalho e cultura no sertão da Bahia, 1880-1900. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

¹¹⁷ Ver em: PEREIRA, Renan Martins. Dominação e confiança: vaqueiros e animais nas pegas de boi do sertão de Pernambuco. **Teoria & Cultura**, Juiz de Fora, v.11, n. 2, p. 63-80, 2016.

eu lhe disse, ai um diz isso... Já teve alguns casos de uns que faleceu e tal e a gente vai substituindo esses por um jovem que sempre estão ai pedindo: “Olha, se surgir a oportunidade quero participar” e tal. A gente vai dando a oportunidade a esses jovens e vai carregando eles pras festas e dando algumas orientações como deve proceder tanto no campo como aonde a gente chega nas festas né? No comportamento e em tudo[...]. Quase todos os municípios Jairo, mas, assim por exemplo, os que andam mais que... Tem Quebrangulo que é no Estado de Alagoas, mas é o nosso [...]. É maior por que.... Outros municípios por ai viaja de F 4000, ai só leva o que? 8 (oito) cavalos... Ai numa mercedinha leva 10 (dez), a gente aqui é 16 (dezesseis) ... (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018).

Temos que salientar que nos sentimos muito surpreendidos com as palavras do vaqueiro. Acreditávamos que encontraríamos um número reduzido de vaqueiros envolvidos com a pega de boi no mato. O mais surpreendente foi o interesse que os jovens apresentam em participar desse grupo. Coló é visto como um professor, incentivador da cultura vaqueira, é muito respeitado, admirado e lembrado pelos integrantes do grupo. Ele é o líder que cuida dos vaqueiros dentro da caatinga e fora dela. (As festas maiores costumam se prolongar para a noite e o lema é primar pelo respeito sempre). Coló é um homem de semblante tranquilo, como podemos ver na imagem a seguir.

Figura 27: Vaqueiro Coló Brasil



Fonte: acervo pessoal do autor (2018)

Dentre os entrevistados, o mais relutante em relação à fotografia foi Coló Brasil, ele fez questão de ser fotografado junto dos seus dois cavalos de pega de boi no mato, além disso, nos mostrou com muito orgulho as instalações que servem para alimentar os animais. Ele nos fez uma descrição muito técnica sobre quais tipos de cavalos são mais adaptados para a pega de boi. Sobre o papel de Coló na contemporaneidade, Jurandir¹¹⁸ relata : “Coló tá formando um grupozinho de vaqueiro novo também agora tem uns quatro ou cinco menino ai menino de 16 ano, 17 ano que ele tá arrastando pra Caatinga...”. O discurso de renovação¹¹⁹ foi muito nítido nos momentos das entrevistas em um momento bem delicado., pois um dos vaqueiros mais antigos do grupo, Zé Pimenta, tinha falecido na semana da entrevista. Sobre o assunto, Coló Brasil se expressou destacando :

Óia Jairo, o Zé Pimentinha como a gente o chamava carinhosamente é um dos que... Começaram, começamos juntos, como o saudoso Zé de Chico que nos deixou também fomos praticamente os fundadores desse grupo do Gibão, tá entendendo? É... Era um dos participantes mais antigos e já tava até montando pouco, mas inclusive agora quando ele faleceu ele tinha transformado, tinha reformado, tinha levado o couro dele para Alagoas, tinha mandado reformar, o cavalo dele estava muito velho, ele tinha comprado um cavalo novo... Ele morreu na quinta feira né? E nós já tava tudo certinho pra no domingo ir pra o mato pra ele estrear o cavalo dele, ia só passar os cavalos, mas agente já tava com um bodinho preparado pra gente fazer uma festinha lá, fazer uma farrazinha e ele ia estrear o cavalo dele no mato, mas infelizmente ele veio a falecer, isso ficou só no projeto, na lembrança da gente... (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018).

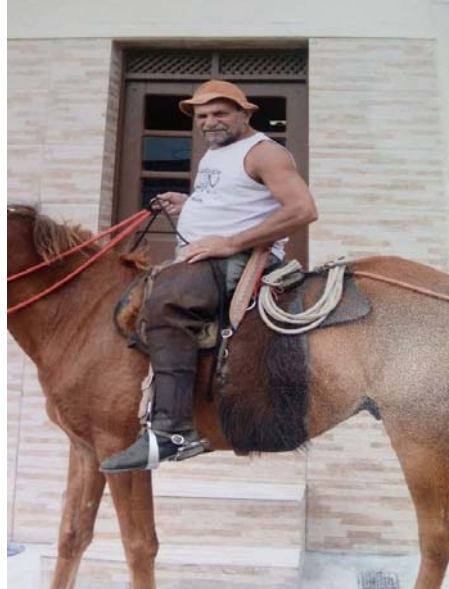
Quando decidimos utilizar a metodologia de História Oral, já acreditávamos que seríamos surpreendidos com questões onde presente e o passado estariam entrelaçados por uma linha muito tênue, nesse sentido, o relato de Coló Brasil é um misto de memórias de um passado mais distante, em que antigos personagens são apresentados e memórias recentes, repletas de desejos de experiências planejadas, mas, que nunca poderão ser de fato vivenciadas, fazem dessa vontade de viver o

¹¹⁸ Entrevista feita com Jurandir Teles de Carvalho, Lagoa do Ouro- PE, 12 de julho de 2018).

¹¹⁹ Entre os entrevistados encontrávamos os que são otimistas, que acreditam que o vaqueiro não irá desaparecer, e aqueles que vivem à espera da chegada do apocalipse da modernidade que varrerá os vaqueiros da sociedade.

impossível, um instrumento de construções de narrativas de memórias. Nesta fotografia, podemos ver zé Pimentinha¹²⁰ se preparando para ir a pega de boi no mato:

Figura 28: Vaqueiro Zé Pimentinha



Fonte: acervo pessoal de Paula Machado (2018)

Na fotografia em destaque, está o saudoso Zé Pimentinha (61 anos, falecido em 2018), o qual ganhou o codinome por ser muito aguerrido e não ter medo de entrar no mato fechado para capturar os animais. Podemos encontrar, nele, as indumentárias principais da veste do vaqueiro de pega de boi no mato. Botas, espora perneira que integra o gibão (faltou o guarda peito e o casaco de couro que é chamado de gibão também), no cavalo, por sua vez, são usados duas peças de couro, o forro primeira peça, sobreposta a ela vem a manta curta¹²¹ feita com couro de bode, o rabicho que tem a função de não deixar a cela virar em momentos nos quais o vaqueiro precisa fazer alguns movimentos. Além disso, há o facão usado para cortar as vegetações e os arames de velhas cercas; a corda de laçar para conduzir os animais.

¹²⁰ José Júlio de Lima.

¹²¹ A manta tem dupla função: serve para proteger o lombo do animal e também estético, pois é visto como um adereço que traz uma beleza para o animal. Existem muitos modelos de mantas com pelos de muitos comprimentos, as mais longas são usadas para passeios, as curtas são usadas no trabalho com o gado no mato, pois elas não enroscam na vegetação.

Sobre o uso de utensílios, Mauro Rocha nos conta uma de suas experiências quando tinha uma vida ativa nas manifestações culturais dos vaqueiros:

Era, tudo, tudo, tudo, tudo, de tesoura, linha, agulha. Oia contar tanta coisa que eu não me lembro mais, ai fui pra Correntes, cheguei lá ganhei 4 (quatro) troféu, ganhei um meu, ganhei um do boi, ganhei um do cavalo e ganhei um do terno de couro com meu terno de couro de chuteira, ai era o mais bonito que tinha, ai eu fui chamado pro pé do trio elétrico, ai dissero: “Traga o boi” ai eu imaginei: “Nunca mais que esse boi encontre”, quando eu cheguei lá, quando eu puxei o boi, o boi ficou lambendo no trio assim, ai disse; “Eita que boi manso, esse boi vai ganhar o troféu melhor que tem”, ai eu enchi as mão, eu ia de um em um e servia de um em um, ai eu fui trouxe o boi pra cá, mandei seu Zé sustentar o boi e eu ficava. Quando eu chegava: “Venha receber o outro troféu”, ai fumo assim 4 (quatro) vez e recebemo 4 (quatro) troféu. (Entrevista realizada com Mauro Rocha Wanderley em 19/07/2018).

Muitos utensílios já não são usados no cotidiano, eles só servem em momentos de competições, especialmente nas festas ou Missas dos Vaqueiros. Diferentemente das pegas de boi, nessas outras festividades se destaca os vaqueiros que se mostrarem mais elegantes com indumentária sem rasgões; como se de fato almejassem reproduzir a imagem dos vaqueiros romantizados “os cavaleiros heróis das caatingas”. Na pega de boi no mato, o destaque fica para aqueles que de fato se embrenharem no mato para pegar os bovinos. Um corte no rosto ou um rasgo no gibão é visto como símbolo de coragem, determinação e habilidade.

4.2 A pega de boi no mato: na concepção dos próprios vaqueiros

Encontramos muitos artigos que se debruçam em analisar as vaquejadas, o tipo de festividade que ocorre nas áreas urbanas ou no seu entorno. No entanto, poucos trabalhos são encontrados sobre as festividades menores, a pega de boi no mato, a qual continua sendo um tema desafiante, pois as referências escassas nos levaram há uma caçada de explicações e entendimentos.

Uma publicação de 28 de junho de 2008 em um jornal cearense¹²² nos fizeram refletir sobre a construção de um discurso sobre as festividades dos vaqueiros encourados:

Missão Velha. Uma “pega de boi” dentro do mato fechado, por cima de pau e pedra, descendo e subindo tabuleiro e enfrentando grotões com risco de morte. Este é o mais novo esporte que vem sendo praticado na zona rural do Cariri, uma versão atualizada das festas de apartação de antigamente e uma resposta contra vaquejadas que marginalizam os tradicionais vaqueiros do sertão.

“Na pega do boi só participa que tem coragem de entrar no mato fechado, na ‘unha-de-gato’, tendo a sorte como companheira e Deus como testemunho”, diz o vaqueiro Damião das Neves Pereira, organizador do evento, acrescentando que estes profissionais de vaquejadas, acostumados a correr em cavalo de raça com pista de terra, não aparecem nesse tipo de competição rural.

As palavras do vaqueiro cearense Damião têm muito impacto, e nos revela um fato curioso sobre eles: os vaqueiros da atualidade descendem dos antigos, mas, como os filhos de um mesmo pai, por questões adversas, seguem caminhos diferentes. A corrida de mourão vai se tornando cada vez mais sinônimo de luxo, já que encantou os filhos dos fazendeiros, como destacou Cascudo (1976). Como os vaqueiros do gibão percebem essa realidade? Essas diferenças culturais? Não podemos negar que exista uma disparidade entre esses dois mundos. E, em momento algum, defendemos um discurso de legitimação de um lado em relação ao outro, pois não é papel do historiador julgar os fatos, como enfatizou Bloch (2002). O que se objetiva é poder criar meios para que os vaqueiros encourados também possam se expressar. Não é a questão de quem é mais vaqueiro, que explanaremos. Iremos demonstrar as maneiras diferentes de práticas da mesma expressão cultural. Nesse sentido, quem nos relata sua concepção sobre a pega de boi no mato, primeiramente, é o experiente vaqueiro Mauro Rocha. Ele destaca:

Os vaqueiro melhor da região era no município de Bom Conselho, ai criou outros vaqueirinho por ai, era tudo vaqueirinho fraco, ai por ai criou-se muito, ai que surgiu... Eu e Zé de Chico falecido, Zé de Chico, mandou fazer um terno de couro e dizia: “Mauro Rocha, faz um terno de couro, compra um terno de couro”, ai eu me bati, me bati, fui pra Cachoeirinha mais ele, cheguei lá não me agradei, ai Cesarinho foi e disse; “Mauro Rocha, eu tenho um terno de couro de chuteira amarela forrado, eu lhe vendo”, ai eu fui, tratei com ele, quando eu cheguei lá

¹²² CAATINGA TEM PEGA DE BOI, Diário do Nordeste, Fortaleza, 28 de junho de 2008. Disponível <<https://Diáriodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/caatinga-tem-pega-do-boi-1.122938>>

comprei o terno de couro e eis que tá ai, ai nós inventemo de correr boi, nós ia pra Caldeirão, nós ia pra Lagoa de Midio, nós ia pra Garanhuns, Nós ia ali pro Jacaré, agora nunca chegou perto dos vaqueiro primeiro, mas fazia um teste que era vaqueiro, ai nós ia pra Caldeirão, ia Coló Brasil, ia Carlinho Torre, ia Zé Cisso, eu, Zé de Chico, Luiz Paulino, nós chegava lá se ajuntava mais Cisso Ganso, com Eivaldo, com bia[...] ai corria lá o boi, os menino ia de caminhão eu, Zé de Chico e Luiz Paulino ia a Cavallo, nós ia aqui pro dentro, ai fomo diversas vezes Jairo correr esse boi...(Entrevista realizada com Mauro Rocha Wanderley Lagoa do Ouro em 19/07/2018).

Mauro Rocha é um bom contador de histórias. Para nos falar das pegadas de boi terminou indo buscar antigos personagens. Percebemos também que em sua narrativa pode ser vista uma interação forte entre os vaqueiros das cidades circunvizinhas, o que reforça ainda mais a explanação de Coló Brasil. Caldeirões dos Guedes, que aparece na fala do colaborador, é um dos distritos do município de Bom Conselho- PE, local onde ocorrem pequenas festividades de pega de boi no período seco do ano (entre outubro e fevereiro), o que reúne diversos grupos de vaqueiros. Ainda sobre essa reunião de vaqueiros, Mauro continua:

Óia Jairo, Surgiu Cesarinho de Brejão, Surgiu Mauro Góes irmão de Vardinho de Góes e surgiu outro minino dali da Rainha Izabé, mas era muito fraco ele só era muito fraco, mas tinha o nome de vaqueiro, que adepois que nois se aprevidemo de correr boi, ai eles foro e encostava nós, mas era vaqueirinho muito fraco, todos eles era vaqueirinho muito fraco que nem nós fumo correr um boi em Caldeirão, correr um boi de Jequi, quando chegemo lá foi... dero massada, massada, massada, massada, quando vinhero bota os bois no carro pra correr era intardeceno, ai eu digo: “Ói Zé de Chico, dentro dessa Jurema preta ninguém não vai correr, vamos se nós pega essa beira de cerca que ta uma picada ai quando o boi correu, não correu 5 (cinco) metro não, ai entro dentro da jurema di noite, ninguém não ia entrar pra não morrer estrepado, ai que nem tava Coló Brasil, tava Zé Cisso, tava Carlinho Torres, todos eles... (Entrevista realizada com Mauro Rocha Wanderley em 19/07/2018).

Mauro Rocha narra os dois percalços que podem ser encontrados nas pegadas de boi no mato, nesse sentido, o que se observa na fala do entrevistado é que só se pode capturar boi de dia, pois ao escurecer a vegetação pode se tornar uma grande armadilha para vaqueiros e cavalos.

As falas dos entrevistados nos fizeram tentar entender como os vaqueiros se organizavam e interagiam na pega de boi no mato. Uma reunião de tantos homens

não pode ser idealizada de maneira desconectada. Sobre os preparativos das festas, quem nos detalha é Coló Brasil, pois sempre foi envolvido com essa prática. Podemos dizer que cada grupo de vaqueiro tem uma integrante que exerce o papel de “diplomata”. Em Lagoa do Ouro, o vaqueiro que possui essa função é ele. Coló. A primeira coisa que Coló busca fazer, em seu relato, é explicar a diferença entre a pega de boi no mato e a corrida de mourão (vaquejada):

Ói jairo, corrida de Mourão ela é urbana né, porque não é feita em fazenda e sim nas cidades nas pistas de Mourão e a pega de boi é feita lá, lá no campo no mato, na fazenda, no mato fechado mesmo onde tem o gado brabo. É a diferença entre ume outro e nos seus é... Valores de premiações que ai onde está a diferença, enquanto o cara corre atrás de um prêmio de um carro as vezes nós corre valendo um garrote, uma nuvilha... (risos) Por exemplo, você vê prás festas de corrida de mourão aonde se apresentam em bons cavalos né, cavalos de raça, as festas caras, mas tem uma premiação que chama a atenção de quem participa dessas festa, é uma disputa acirrada e as nossas é a cultura simples do homem pobre do campo... (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018).

A identidade capitalista presente nas corridas de mourão não é encontrada nas festas de pega de boi no mato, segundo o ponto de vista do entrevistado, sendo esta uma festa muito mais acessível para aqueles que dispõem de poucas condições financeiras. Segundo Felix e Alencar (2013)¹²³, a pega de boi no mato e a corrida de mourão vão se distanciando ainda mais a partir de 1990, quando a última começa a ser encarada como um evento esportivo, em contrapartida, a primeira se manteve ligada as habilidades necessárias para o trabalho. Ainda nos utilizando das palavras dos pesquisadores quando estes fazem uma descrição do espaço físico das corridas de mourão atuais, destacamos:

A oficialização da vaquejada como um esporte tornou o evento ainda mais profissional, provocando modificações nas regras da competição. Essas modificações podem ser vistas através dos locais onde ocorrem as disputas, antes eram nos pátios das fazendas, hoje são em grandes parques construídos exclusivamente para esse tipo de atividade. Percebemos então que as diferenças nas relações de trabalho entre o vaqueiro e seus patrões, se antes era o vaqueiro e o fazendeiro, hoje ocorre entre o vaqueiro e um grande empresário. Outra mudança está na forma dos pagamentos, que antes eram “um quarto da produção a

¹²³ Ver em: FELIX, Francisco Kennedy Leite; DE ALENCAR, Francisco Amaro Gomes. O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. Revista Geográfica de América Central, 2011, 2.47E.

cada cinco anos”, hoje o prêmio das vaquejadas são divididos entre o vaqueiro e seu patrão (FELIX; ALENCAR, 2011, p.09)

No transcorrer da pesquisa, percebemos esse caminho de diferenças que separa o mundo da vaqueja, e acreditamos que apenas utilizando a metodologia de pesquisa de História Tempo Presente poderíamos entender essas realidades que nos foram apresentadas. “A história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração. Esta coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo...” (DOSSE, 2012, p.06)¹²⁴. Para o historiador, todas as pesquisas são contemporâneas, pois o pesquisador faz suas indagações a partir do presente.

Na pega de boi no mato, a vestimenta do vaqueiro é um elemento bastante característico, então buscamos saber quem confeccionava as vestimentas dos vaqueiros de Lagoa do Ouro. A resposta impressiona, pois, o artesão que era responsável pela confecção dos utensílios de couro e do preço dos gibões na atualidade, como detalha Milton Dodó no relato a seguir.

Olha, o maior fabricante já faleceu que foi o Moisés. Eu acho que já deve estar com uns 20 anos. só quando vem das fabrica de fora, de Caruaru, de Cachoeirinha que aparece, ou Garanhuns mesmo que vem o terno de couro. Ai quando chega aqui é muito caro. Se você for comprar um terno de couro hoje você vai gastar 1500 ou dois mil reais. E ai quando tinha o artesão que fazia aqui era muito mais barato. Quando tinha o Corijó que curtia o couro. Eu conheci o Corijó grande curtidor de couro, de bode, de carneiro, de tudo, não tinha outro melhor. Trabalhou para o o velho Dodó, o seu serviço perfeito, o seu trabalho bem feito, ajeitando a corriola, cruza o couro, corta a sola, couro, gibão, guarda peito. (Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018).

Nilton faz uma descrição sobre dois personagens que já faleceram há algumas décadas, sendo eles Corijó e Moisés que eram “engrenagens” de uma mesma produção. O primeiro trabalhava comprando o couro dos animais que eram abatidos para a alimentação local. Essas peles eram tratadas por Carijó com extratos de plantas e sacados ao sol para depois serem usadas por Moisés para confeccionar as vestimentas. O desaparecimento desses dois personagens fez o preço das peças

¹²⁴ Ver em: DOSSE, François. HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E HISTORIOGRAFIA HISTORY OF THE PRESENT TIME AND HISTORIOGRAPHY. Tempo e Argumento, 2012, 4.1: 05-22.

usadas pelos vaqueiros ficarem muito caras e muitas vezes inacessíveis. No decorrer da pesquisa, não encontramos fotografia de Corijó, que residia no município de Bom Conselho, no entanto, podemos ver uma fotografia de Moisés:

Figura 29: Fotografia 27 - Moisés sapateiro



Fonte: A Memória de Lagoa do Ouro (2014).

Moisés foi um senhor de sorriso fácil, contador de estórias mirabolantes, nas quais ele mesmo era o destaque. Além das vestimentas dos vaqueiros, ele confeccionava sapatos e sandálias, já que “o couro faz parte da tradição cultural e do cotidiano de milhares de nordestinos, sendo matéria-prima para o desenvolvimento de artefatos artesanais diversos” (ZUIM; et al, 2014, p.64)¹²⁵. Ser o produtor das vestimentas de couro o tornou muito conhecido pela sociedade do município de Lagoa do Ouro.

Coló Brasil também relata as dificuldades atuais da não existência de um artesão que trabalhe na confecção dos produtos derivados do couro, trazendo gastos consideráveis para os vaqueiros (muito não tem condição de possuir um traje de couro):

Encarece o produto, a gente tem que se deslocar também pra ir procurar lá onde vende e tudo isso é dispesa e quando aparece nas lojas aqui, por exemplo, nas cidades próximas aqui... Cachoeirinha, cidade onde se vende toda espécie de couro e arreio de animais é cachoeirinha, só que hoje cachoeirinha fabrica pouca coisa ela trás mais desses dois Estados que citei da Bahia e do Sergipe e você sabe

¹²⁵ Ver em: ZUIM, Valeska Alecsandra de Souza, et al. As transformações do couro no trabalho de Espedito Seleiro como alternativa de superação para as adversidades do sertão. Revista Labor, 1.11: 58-72. 2014.

né, frete e essas coisas tudo isso encarece no consumidor que somos nós, na hora de comprar a gente é quem paga tudo isso...] (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16 de julho de 2018).

A falta de artesões vem prejudicando há anos não apenas a obtenção de trajés novos, mas também a manutenção dos utensílios já usados pelos vaqueiros de Lagoa do Ouro, como detalha Coló (Entrevista realizada em 16 de junho de 2018): “a gente tem que ir buscar fora, por exemplo, eu aqui em Lagoa do Ouro para concertar, reformar, eu faço isso numa cidade chamada Quebrangulo aqui do Estado de Alagoas”. A fala do vaqueiro demonstra o quanto é demorado e dispendioso se manter o traje de couro, fazendo com que muitos não o possuam. Mais uma vez Coló vem tentando sanar esse problema, ele acrescenta:

Naquele mermo serviço, um não tem a gente ajuda a gente faz aquela... Tá entendendo? Eu mesmo tenho meia dúzia de... Terno de couro que tem um menino que tem uns que não pode comprar eu [...] Empresto com fé em Deus. (risos). (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16 de julho de 2018).

O terno de couro apresenta muito para os vaqueiros, é mais que uma vestimenta que os proteja dos galhos e espinhos nas horas de perseguição do gado. É um símbolo que os tornam diferentes perante os demais. Aqueles vaqueiros que porventura conseguem possuir uma ou mais vestimentas, teriam um espaço de notoriedade perante o grupo:

Figura 30: Mauro Rocha com sua indumentária de vaqueiro



Acervo pessoal do autor (2018)

Mauro Rocha, mesmo sendo um vaqueiro aposentado (como ele mesmo se denomina), não abre mão de manter seu terno de couro, nesse sentido, ele destaca: “depois que eu me aposentei pronto, só tem meu terno de couro que tá aí, não vendo, nem empresto, nem dou (risos)”.¹²⁶ O terno de couro integra a parte física da identidade cultural, mesmo não usando mais, mesmo não participando das pegas de boi, tê-lo em casa é a prova de que fez e faz parte do grupo, mesmo de maneira distante. Mauro Rocha não abre mão de seu título de vaqueiro e, entre os entrevistados, talvez seja o mais orgulhoso por sua trajetória de vitórias.

Ao buscarmos entender a importância do gibão para os vaqueiros, fomos apresentados a outros elementos da pega de boi tão importantes quanto a vestimenta do vaqueiro; dentre eles encontramos o búzio que será apresentado na fotografia:

Figura 31: Buzios



Fonte: acervo pessoal do autor (2017)

Búzio é um instrumento característico dos vaqueiros do Nordeste do Brasil. Diferentemente do berrante - mais utilizado na região central do Brasil - que tem som

¹²⁶ Entrevista realizada com Mauro Rocha Wanderley em 19/07/2018

mais grave e baixo utilizado para guiar o gado, o Búzio é uma espécie de sinalizador, por isso tem som forte. É utilizado pelos próprios vaqueiros quando estão perseguindo um animal na caatinga. Desse modo, variações de sons podem ser feitas para sinalizar múltiplas situações (não estou vendo o animal; o animal está aqui venham; o animal já foi capturado). O búzio é feito de um único chifre, o que o torna ainda mais peculiar. Na imagem acima, aparecem dois exemplares, um feito de chifre de boi e outro de bode.

No decorrer das entrevistas, pudemos conhecer mais sobre as representações culturais destes, sobre as realidades dos entrevistados. Nessas longas conversas foi possível analisar as características que diferenciam um cavalo de corrida de mourão e os da pega de boi no mato, pois dois dos entrevistados terminaram tocando nesse assunto de uma maneira muito natural; Clovis Rocha e Coló Brasil demonstram seus pontos de vistas cada um defendendo seu lugar de fala. O primeiro ligado a corrida de mourão mais profissional, o outro íntimo da pega de boi no mato com sua rusticidade característica; no que concerne aos animais, Clovis Rocha destacar as principais diferenças:

O cavalo de vaquejada é um cavalo que só sabe mermo trabalhar em pista né, não sabe trabalhar no campo e o cavalo de campo são um cavalo treinado mais pro campo, pra vaquejada eles não sabe fazer o que os cavalo da vaquejada faz no campo não [...] o cavalo pequeno é o preferido pra pega de boi no mato e o cavalo grande pra vaquejada. o cavalo de vaquejada é mais o Piti Horse [...] cavalos melhores e o Quarto de Milha. (Entrevista feita com Clovis Rocha em lagoa do Ouro-PE, 22 de julho de 2018).

Clovis tenta criar espaços bem definidos, tentando dar a importância dos animais em cada uma das funções. Os cavalos da corrida de mourão precisam ser corpulentos e mais ágeis em um determinado tempo para poder acompanhar o boi pista. “Esses animais se caracterizam pela musculatura desenvolvida conseguindo explosão nas largadas e paradas bruscas, habilidade de girar sobre seu próprio eixo” (RODRIGUES NETO, 2017, p.11)¹²⁷. Como pontua a zootecnista; o tamanho e a velocidade dos animais característicos das pistas são suas principais características,

¹²⁷ Ver em: RODRIGUES NETO, P.J. **Desempenho atlético de cavalos de vaquejada: parâmetros fisiológicos, bioquímicos e hematológicos**. 2017. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Zootecnia). Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2017.

que, segundo nossos entrevistados, podem gerar problemas em uma perseguição em um espaço com vegetação mais densa, como afirmou Coló Brasil:

Óia Jairo, nenhum cavalo desses que corre em pista serve pra o mato, corre no mato, porque ele foi preparado pra corrida de Mourão né? Então quando ele chega lá na vaquejada, na pega de boi no mato ele não sabe o que vai fazer, porque o cavalo que a gente faz ele lá no mato, ele sabe se desviar do mato, ele desvia dos pau pra gente não... Levar tanta pancada né? E o cavalo de Mourão não sabe fazer isso, não sabe mesmo. É totalmente diferente até por que o cavalo da gente é aquele que chama de “pé duro”, aquele que nasce e se cria lá no campo, está entendendo? Não é um cavalo grande, é um cavalo de estatura média e o cavalo de mourão é sempre grande com uma conformação diferente dos nossos e o nosso também é mais resistente por que... O trabalho é mais pesado. (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018).

Para tentar demonstrar o que seria o tal “cavalo pé duro”, buscamos auxílio na obra do cronista e estudioso da vida rural José Alípio Goulart, no livro intitulado: *O cavalo na formação do Brasil (1964)*. Nele, ele faz várias explicações sobre as diferentes raças de cavalos criadas no Brasil e suas adaptabilidades nos diferentes espaços geográficos do país. Logicamente que nós só iremos nos prender na análise sobre os cavalos encontrados no Nordeste e o que esses apresentam como fator que possibilite um melhor aproveitamento no trabalho em vegetações mais densas.

O interessante destacar, aqui, é que o autor usa o termo “sertanejo” e não “pé duro” para falar desses animais, destacando seu porte pequeno e capacidade de se movimentar nas vegetações mais espinhosas do Nordeste. Segundo ele, essa raça se adaptou muito bem nas regiões do Agreste, pois eram inteligentes e muito uteis na lida com o gado com a crescente atividade pecuarista que se desenvolverá na região. Nesse sentido, são animais resistente a fome e com cascos pequenos e muito resistentes, dispensando o uso de ferraduras, o que se faz essenciais em outras raças.

Logicamente que não estamos aqui fazendo um trabalho em Ciências Agrárias, no entanto, é preciso enfatizar que estamos analisando um grupo que teve no espaço agrário sua formação de identidade e de afirmação. Desse modo, faz-se necessário um olhar amplo para ressignificar o passado e a representação desse passado no presente. Ao destacar a fala de Goulart sobre os cavalos do Agreste, não estamos buscando explicações para os mitos de origem. Estamos, de fato, buscando

demonstrar que na década de 1960 foi feito um estudo demonstrando as peculiaridades dos animais na região Nordeste e em especial no Agreste.

4.3 A MISSA DO VAQUEIRO DE LAGOA DO OURO: O SONHO DO INÍCIO ATÉ A DESILUSÃO DO FIM

Muitos são os trabalhos que se debruçam a estudar essa representação cultural, considerando que a missa do vaqueiro vem se tornando um assunto gerador de muitos debates entre pesquisadores de diversos campos, o quais buscam criar argumentos que possam explicar não somente a origem, mas também as ressignificações que essa festividade vem ganhando na contemporaneidade.

Sabemos que o nascimento dessa celebração se deu nos anos 1971, com a finalidade de lembrar o assassinato do vaqueiro Raimundo Jacó, primo de Luiz Gonzaga, no município pernambucano de Serrita. Segundo o cronista Philippe (2019)¹²⁸, a missa ocorreu após quase 17 anos de morte de Raimundo, e foi uma espécie de grito de protesto dado por Luiz Gonzaga o padre João Cância e pelos primeiros vaqueiros participantes.

No entanto, para nós, o intuito não é ficar problematizando questões sobre os mitos fundadores, não estamos aqui buscando as explicações e problematizações sobre a missa de Serrita, contudo, pretendemos entender como se deu a primeira missa do vaqueiro do município de Lagoa do Ouro. Abaixo uma breve passagem no documentário intitulado como Luiz Gonzaga – A Luz do Sertão¹²⁹:

¹²⁸ Ver em: PHILPPE. Pedro, O vaqueiro vive. **Revista Cariri**. 26 de julho de 2019 disponível :< <https://caririrevista.com.br/o-vaqueiro-vive/>>.

¹²⁹ MARIA, Rose. Luiz Gonzaga - A luz dos Sertões 2012 (37m 50 s) disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4kO0AiLPB7I>> acesso em 18/02/2020

Figura 32: Luiz Gonzaga e Vavá Machado



Fonte: Youtube (2012)

Na imagem podemos observar Luiz Gonzaga com o LP de Vavá Machado e Marcolino gravado no ano de 1976, ao seu lado, o próprio Vavá aparece sorrindo. Neste período, a dupla já era consideravelmente conhecida pelo interior dos estados de PE e de AL, em especial. A aproximação com Luiz Gonzaga talvez tenha sido o estopim para criar em Vavá Machado a vontade de idealizar a festividade também em lagoa do Ouro, o que ocorreu em 2001. É necessário destacar que não iremos fazer uma análise aprofundada sobre a simbologia da festividade. O que desejamos é de fato demonstrar como se deu a reunião dos personagens que integraram a primeira equipe na idealização da festividade. Sobre o início da organização Mauro Rocha afirma:

Olha, Vavá Machado, ele era o rei dos vaqueiro, ele apresentava, ai surgiu em 2002 a festa de Lagoa do Ouro, ai ele veio falar com eu e o falecido Zé de Chico pra nós ser os representante da festa de Lagoa do Ouro, ai nós tá certo, agradecemos eles, ele veio cá, nós se vistimo nos couro, tiremo os retrato, ele levou, ai disse: “Ói mininos, vocês foi quem deram o início a minha festa” isso em 2002, ai nós fiquemo por isso passemos muitas e muitas vezes... ((Entrevista realizada com Mauro Rocha Wanderley em 19/07/2018).

O interessante é que, nos relatos de memória, não somente de Mauro, mas de outros entrevistados, Vavá Machado é construído como um personagem quase mítico. A denominação “rei” aparece com muita frequência nas falas dos nossos colaboradores. Vavá ocupa um espaço especial, pois o grupo o enxerga como o tal.

“A narrativa de um mito se dá a partir de uma determinada cultura. Se utilizando de símbolos que já são compreendidos por um determinado grupo social” (TOLOVI; LIMA, 2014, p.1119). As palavras de Mauro são uma junção de memórias recentes nas quais ele falou das fotografias para usar nos troféus e nos cartazes da segunda missa ocorrida em 2002:

Figura 33: Troféu da 2ª missa do vaqueiro



Fonte: acervo de Clovis Rocha (2018)

A representação da imagem no troféu nos fez refletir sobre seu objetivo. Uma festividade na qual os vaqueiros são representados no plano secundário. Da esquerda para direita, temos Cicero Pinto e Vavá Machado. No destaque, temos o Padre Lourenço (pároco do município na época) e Marquidoves, o prefeito do município. Nas imagens menores, temos: Clovis, Mauro, Zé de Chico e Zé Torres. É explícito o quanto a política tinha influência sobre a representação cultural. Sobre essa dependência econômica e a valorização do vaqueiro, após o falecimento de Vavá, relata Coló Brasil:

Infelizmente, hoje, nenhuma... não tem. Que a única festividade que nos representava aqui era a Missa do Vaqueiro e ela deixou de existir... A Missa do Vaqueiro aqui em Lagoa do Ouro nasceu por inspiração e organização do poeta que considero o maior da cultura vaqueira, o saudoso Vavá Machado, ele que idealizou a Missa do Vaqueiro e que organizou várias missas... : Ajudei, a partir da segunda ele me convidou pra ajuda-lo na organização e eu participei de todas elas... A primeira eu participei como vaqueiro e da segunda na organização junto com Vavá. pra essa missa nós dependia muito do poder executivo do município, inclusive ele que cancelou a missa... E

pra voltar a existir essa missa na magnitude que ela era feita ai se depende exatamente do município também viu, porque... A começar por espaço físico e muitas outras coisa que sem o município a gente não consegue, sem o chefe do executivo do município não tem como fazer não tem como se bancar uma festa a gente no meu caso, eu estou falando por mim, não tem como fazer, porque é despesioso, a despesa é grande e precisamos de que? De espaço físico e de várias outras coisas que só o município tem a condição de... patrocinar essa festa. (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018).

Coló Brasil, sempre muito diplomático em suas palavras, busca demonstrar seu ponto de vista sem atacar a classe política de frente, destacando que a morte de Vavá em 2012 trouxe dificuldades, pois entendemos que ele também é uma liderança, e que o sonho de retornar com a festividade ainda é muito grande, mesmo percebendo que com o passar dos anos esse sonho se torna cada vez mais difícil de ser tornar realidade.

Após a morte de Vavá, os vaqueiros se polarizaram nos dois grupos políticos existentes no município (continuamos com o objetivo de não entramos em méritos políticos o objetivo é apenas ouvir a opinião dos vaqueiros).

Em 2013, Jurandir organiza a Missa para homenagear seu irmão. Ele nos relata a experiência:

Tá com uns 5 (cinco) ano mais ou meno, 6 (seis) ano, perai... Vavá morreu... Tá com 6 (seis) ano que Vavá morreu, foi...Tá com 4 (quatro) ano, 4 (quatro) ano, ai é que nem diz a história, quando eu fui fazer a missa que o pessoal me pediro pela ai, dissero: “Ói Jurandir, mas possível, não vai fazer mais a missa, ninguém vai fazer...” Vieram aqui pra eu fazer essa missa desse vaqueiro, do vaqueiro Vavá Machado, ai que quando que eu digo: “Mar rapaz será que da certo?”, ai dissero: “Dá”, que quando tudo embolado tudo tiraro os pés de banda, você eu acho que sabe um pouco dessa história né? Tiraro os pés de bando, ai eu fiquei sozinho e Deus, primeiramente sozinho e Deus, não fiquei sozinho porque estava mais Deus, ai Quebra Santo me ajudou, Luciano, o Marquinho, Zezinho de Garanhuns disse “Vamo fazer a festa”, ai nós fizemo essa festa, que por siná foi a maior Missa do Vaqueiro que existiu dentro de Lagoa do Ouro de Vavá Machado, essa lembrança ele tem com... Onde ele tiver ele ficou satisfeito com a missa que nós fizemo, ai que quando fomo fazer a festa, fizemo a festa, foi pra... Tem que ir falar com a juíza, fui mais o rapaz que meu deu parte, Remi! Ai quando cheguei lá ela disse: “Mas seu Jurandir, como é que o senhor vai fazer essa festa em Lagoa do Ouro?”, eu digo: “Oia... dotôra, fazendo”, ela disse: “Você vai fazer uma festa com cavalo, com cachaça no meio da cidade e tudo”, eu digo: “Dotora, ói, eu sou matuto, sou analfabeto, num sei nem lê, a senhora me desculpe

que eu não sei nem lê, mas a senhora deixa eu dizer uma história pra senhora?”, pois não seu Jurandir, pode falar, eu digo: “Ói, a senhora já viu festa de vaqueiro sem essas 4 (quatro) coisas?”, ai mostrei ela... “O que é seu Jurandir?”, “A senhora já viu festa de vaqueiro sem cachaça, sem cavalo, sem vaqueiro e sem mulê e sem canturia? A senhora já viu?”[...] Ai ela foi e disse: “O senhor é bem sabidinho seu Jurandir”, ai fizemo, graças a Deus deu tudo certo e um dia se Deus quiser e Nossa Senhora, um dia que as coisas mudar, você ainda vai vir pra nós fazer uma festa em Lagoa do Ouro, se eu não morrer logo, o senhor vai ver uma festa, a lembrança de Vavá Machado vai voltar... (Entrevista feita com Jurandir Teles de Carvalho, Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018).

As palavras de Jurandir Carvalho nos mostram uma experiência de tensões muito grandes envolvendo vaqueiros e homens que disputam o espaço de poder, uma vez que, em resposta ao evento feito, o grupo da que ele citou fez uma grande festa para inaugurar a praça de eventos, a qual homenageou Vavá Machado.

No ano de 2014, ocorreu a última Missa do vaqueiro do município, a qual foi sediada no mesmo espaço, não por vontade dos vaqueiros, como podemos observar nas falas dos próprios. Hoje temos uma praça de eventos que tem o nome do vaqueiro mais ilustre, como podem ver na imagem a seguir.

Figura 34: Estatua de Vavá Machado



Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Na placa encontramos a seguinte frase: “que Deus proteja o vaqueiro, seu dote e sua cultura”. A alegoria foi pensada para refletir muitas intencionalidades, pois a memória é construída buscando atender determinadas vontades, como destaca Nora (1993). Porém, o historiador destaca, também, que a História se faz

no momento que a memória começa a ruir. A pesquisa foi construída nesse espaço de constantes modificações, em que a cientificidade da História serve para deceptar a neblina das memórias do passado.

O poeta Vavá Machado, considerado o rei da toada e do aboio, constantemente lembrando pelos vaqueiros entrevistados para essa pesquisa, foi imortalizado em uma escultura, no entanto, esquecido culturalmente pelo poder público que eliminou a Missa do Vaqueiro. A estátua do vaqueiro, na atualidade, configura uma espécie de guardião de muitas festividades, porém, nenhuma que seja feita para os seus iguais. Para os vaqueiros do município, ficam apenas as saudades de Vavá Machado, de suas toadas e aboios, e o mais importante, do seu amor pelas coisas do Sertão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que ficou mais concreto para nós, ao chegarmos a essa etapa da pesquisa, é que ela está longe de ser findada. Em cada leitura de documentos, em cada relato de memória, víamos novas realidades se apresentarem, nas quais novas abordagens seriam necessárias. No entanto, temos a consciência que seguimos um cronograma e que este deve ser respeitado. Por isso, mesmo tendo essa certeza de que muito não foi dito, problematizado e ressignificado, nos mantemos tranquilos e relativamente satisfeitos com os resultados. Conforme se observa, foi o possível a ser feito em dois anos de pesquisa e nunca foi nosso objetivo escrevermos uma História total e definitivamente acabada, como se com isso pudéssemos nos tornar sonhadores do objeto, afastando outros de buscarem suas próprias respostas.

O município de Lagoa do Ouro ganha, com essa dissertação, um estudo que buscou sublinhar e analisar muitas questões; buscou-se fazer uma narrativa histórica que procurou apresentar o processo de inter-relação entre o rural e o urbano, destacando que esse fato vem ocorrendo há décadas, e que ainda ocorre. Tal questão é responsável pela construção da identidade histórica e cultural do município.

Sempre tentando mostrar o município de Lagoa do Ouro como espaço integrante da sociedade estadual e nacional, não apenas sendo influenciado, mas também influenciado, se modernizando com o passar das décadas, seguindo o ritmo que vinha ocorrendo no Brasil desde a década a segunda metade do século XX. Onde o campo se transforma, e o urbano e rural se misturam enquanto modos de viver e sentir. Vimos a cidade modificar-se, os espaços públicos serem tomados dos signos do “progresso” que teimam sempre em banir o antigo, pois o considera como sendo sinônimo de atraso.

Ao voltarmos o nosso olhar para a zona rural, podemos construir um discurso a partir das memórias de nossos colaboradores. Algo muito intencional, pois nunca foi intuito da pesquisa construir versões sobre o passado seguindo explicações e pontos de vistas daqueles que exercem funções no espaço de poder. Foi dada a chance das camadas populares, muitas vezes esquecidas pela historiografia tradicional, de ter seu lugar de fala respeitado, poder contar de suas vidas, em um

tempo onde os automóveis eram vistos com estranhamento ou admiração pela maior parte da sociedade, já que esta estava localizada na parte rural do município, em maior parte.

Sociedade que seguia um ritmo lento, embalado pelo som dos carros de boi, responsáveis pela troca de produtos dos lugares mais distantes do município. Foram, nessa época, os carreiros os portadores das novidades dos produtos da cidade. Do açúcar e do bacalhau, que marcaram as memórias gustativas dos pesquisados. As arações de terra, nas quais os homens e crianças passavam dias longe de suas casas. Vimos o passar dos anos transformarem vaqueiros em carreiros. Nas lembranças de Maria, podemos imaginar a realidade das famílias destes, e o que mais constatamos foi a humanidade, naqueles indivíduos que a literatura ou os memorialistas buscam endeusar.

Vaqueiros que cuidavam do gado selvagem com poucos utensílios, perseguindo esses para curar bicheiras, lhe dando as garrafadas feitas com ervas para combater inúmeros males, nos tempos dos corrais de pedra, as únicas edificações capazes de segurar os animais mais bravos. Percebemos como o espaço geográfico e as ressignificações do passado são capazes de construir a imagem de herói. É certo que os homens se constroem com o passar do tempo. Enxergamos de perto como as expressões culturais foram e são fundamentais para a arquitetura das versões sobre o passado.

No decorrer da escrita, das leituras das entrevistas, dos relatos de memória, percebemos que os vaqueiros analisados não formam um grupo homogêneo. Eles se subdividem em pequenos grupos dentro do grupo macro. Conclusão que só pode ser enxergada quando nos aproximamos do objeto analisado. E sem o intermédio do arcabouço metodológico da História Oral, provavelmente não encontraríamos essas novidades, e não passaríamos de meros reprodutores do que já foi pensado e escrito sobre os vaqueiros.

Em Lagoa do Ouro, os vaqueiros poetas ocupam um espaço muito curioso, nesse sentido, podemos dizer que tenha sido o fato que mais nos chamou atenção, e nos fez mudar as hipóteses pré-estabelecidas no início da pesquisa. Nos fazendo lembrar das palavras do professor Dr. Hélder Remígio de Amorim, quando este destacava que o projeto de pesquisa deveria ser sempre visitado e modificado. Pois, foi isso que fizemos após iniciarmos as entrevistas. Tínhamos uma visão de

vaqueiros pré-definida, construída a partir das leituras feitas anteriormente. Buscávamos os “heróis” do gibão, encontramos muito mais.

Em busca da história dos homens da pega de boi, encontramos entre eles os que tem o poder de “modelar o passado”, os vaqueiros poetas são os responsáveis pelas construções das narrativas de outrora, eles escolhem o que deve ser lembrando e esquecido. Em um tempo onde o trabalho dos vaqueiros encourados se tona cada vez mais escasso (nos referindo ao espaço analisado), são as expressões musicais que constroem versões criando pontes que ligam os indivíduos do grupo. O ser vaqueiro já não é viver dentro de um curral, não é mais uma questão de trabalho, apenas, agora, é uma questão de identidade. E os vaqueiros poetas têm essa habilidade de “enfeitiçar” pessoas, de encantar com as palavras, cantar o que querem ouvir, e isso os tornam instrumentos dos grupos que dominam o espaço de poder. O passado é recodificado para valorizar ou depreciar alguma coisa ou alguém. A cultura da poesia vaqueira termina se tornando arma para atacar aqueles que não compactuam das mesmas ideias.

Percebemos que a cultura dos vaqueiros de Lagoa do Ouro passa por uma modificação, na verdade, renovação talvez seja o termo mais adequado, pois na última década o grupo teve muitas percas, considerando a velhice que obrigou alguns pararem, a morte precoce que levam outros de maneira repentina; um momento delicado que o grupo que tem que se reorganizar. Velhos líderes sedem espaço para novos, o fluxo de jovens que se aproximam da cultura vaqueira é expressivo. De fato, os vaqueiros de hoje não são como os de ontem, pois sabemos que todos somos filhos de nosso tempo. Os vaqueiros que analisamos são aqueles cujo modelo advém da segunda metade do século XX. No entanto, um novo padrão de vaqueiro surge, e cabe aqui salientar.

O fato mais triste para os vaqueiros de Lagoa do Ouro foi a morte de Vavá Machado, que termina, de certa maneira, dividindo ou deixando uma lacuna entres o grupo. Não estamos ensejando aqui que exista uma separação dos vaqueiros de Lagoa do Ouro em sentido mais concreto, mas, cabe destacar que existe divergências leves entre eles. Vavá era considerado o pai da Missa do Vaqueiro, e sem a imagem paterna, os grupos políticos disputam entre eles quem tem o direito de conduzir a festa. Aliás, essas disputas acabaram com a Missa do Vaqueiro do município e tememos que o mesmo ocorra com as festas dos carros de boi.

O descontentamento é geral entre o grupo analisado, tanto dos que apoiam a situação, quanto os que apoiam a oposição. Tal fato nos fez revisitar a fala do historiador professor Dr. Antônio Paulo Rezende (UFPE), em uma palestra feita na Universidade Católica de Pernambuco no ano de 2018, na qual falava sobre as formas de se pensar a História e as modificações que esses significados passaram no transcorrer dos tempos.

O professor destacou que achava muito errôneo o raciocínio de alguns em ainda acreditar que a História seja a Ciência que estuda o passado para entender o presente e prever o futuro. Segundo ele, a História é formada de três elementos fundamentais: presente; já que é o tempo de onde fazemos as perguntas; passado, no qual buscamos as respostas; e desejo. Para ele, os historiadores são incapazes de prever o futuro (nisso concordamos com ele plenamente). No entanto, isso não nos impede de torcer por algo para o futuro, de desejar outra realidade. Nossa trajetória como pesquisadores no campo da História apenas se inicia, podemos destacar que as perguntas que fizemos no início da pesquisa foram respondidas e muitas outras perguntas surgiram. Esperamos ter ajudado a desconstruir a imagem folclórica, pois o vaqueiro é humano e como tal tem suas falhas.

Na busca pelos heróis, nos deparamos com pessoas comuns, com suas individualidades e diferenças. A construção dessa versão sobre a História dos vaqueiros perpassa o espaço do grupo, já que a maior parte da população do município vivia na zona rural e as realidades eram bem similares. Ou seja, Lagoa do Ouro foi e é um município de forte aptidão agropecuarista por intermédio do seu povo.

No campo do desejo, os votos de um pesquisador na área da História, Cultura e Memórias Municipais é que em um futuro não tão longínquo, os que controlem o poder não se sintam donos das representações culturais. A pesquisa demonstra que a cultura dos vaqueiros vem passando por modificações no decorrer das décadas, ser vaqueiro ultrapassa as questões de trabalho ou de indumentária, já que está muito mais ligada com a construção de uma identidade. O que encontramos, em nossa pesquisa, foi uma cultura ainda forte, mesmo que os Poderes Municipais deixem a desejar em relação a valorização e ao reconhecimento histórico desse grupo.

FONTES E REFERÊNCIAS

Entrevistas:

BRASIL, Coló. *Entrevista realizada com Coló Brasil* [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 16 de julho de 2018.

CARVALHO, Jurandir Teles de. *Entrevista realizada com Jurandir Teles de Carvalho* [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018.

DODÓ, Nilton de. *Entrevista realizada com Nilton Dodó* [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018.

DODÓ, Nilton de. *Entrevista realizada com Nilton Dodó* [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 20 de julho de 2018.

MARQUES, Valfridio; MACHADO, Maria de Melo. *Entrevista realizada com Valfridio Marques e Maria de Melo Machado* [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro, em 20 de julho de 2018.)

ROCHA, Clovis. *Entrevista feita com Clovis Rocha*. [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 22 de julho de 2018.

TORRES, Luciano. *Entrevista realizada com Luciano Torres* [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018.

WANDERLEY, Mauro Rocha. *Entrevista realizada com Mauro Rocha Wanderley* [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 19 de julho de 2018.

Documentário:

MARIA, Rose. **Luiz Gonzaga - A luz dos Sertões** 2012 (37m 50 s) disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4kO0AiLPB7I>> acesso em 18/02/2020

Periódicos:

CEPE- Companhia Editora de Pernambuco. Diário do Poder Legislativo, Recife, 26 de novembro de 1974. Ver em: < http://200.238.101.22/docreader/DocReader.aspx?bib=DO_197411&pesq=Lagoa%20do%20ouro> acesso em 07/07/2019.

CEPE- Companhia Editora de Pernambuco. Diário Oficial do Estado de Pernambuco, Recife, 01 de maio de 1976. Ver em: < http://200.238.101.22/docreader/DocReader.aspx?bib=DO_197605&PagFis=32&Pesq=Lagoa%20do%20ouro> acesso em 12/07/2019

HEMEROTECA DIGITAL. *A Província*. Recife, 11 de abril de 1930. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&PagFis=25874&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO acesso em 14/02/2019

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*. Recife, 10 de março de 1963. ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&PagFis=21614&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO acesso em :15/01/2019

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*. Recife, 20 de maio de 1950. ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pesq=igatau%C3%A1&pasta=ano%20195 > acesso em 08/12/18.

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 08 de julho de 1950. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pesq=igatau%C3%A1&pasta=ano%20195 > acesso em 16/01/2019.

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, 18 de julho de 1957. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pesq=igatau%C3%A1&pasta=ano%20195 > acesso em 17/01/2019

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*. Recife, 08 de fevereiro de 1958. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pesq=igatau%C3%A1&pasta=ano%20195 > acesso em 16/01/2019

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife ,31 de janeiro de 1964. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&pesq=LAGOA%20DO%20OURO&pasta=ano%20196 > 17/01/2019

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 20 de novembro de 1976. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO > 17/01/ 2019

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1975. ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=Lagoa%20do%20ouro > acesso em 20/02/2019

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife ,22 de setembro de 1970. Ver em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO > acesso em;17/03/2019.

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 de maio de 1975. Ver em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&PagFis=171&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO acesso em 08/07/2019

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*. Recife, 06 de agosto de 1953. Ver em:<
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pesq=IGATAUA&pasta=ano%20195> acesso em 09/07/19

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*. Recife, 12 de dezembro de 1979. Ver em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&PagFis=67771&Pesq=Lagoa%20do%20ouro.> acesso em 12/07/2019

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 30 de maio de 1980. Ver em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&PagFis=92715&Pesq=LAGOA%20DO%20OURO> acesso em 24/07/2019

Fotografias:

Fotografia 1 - Rua do progresso (centro). Fonte: A memória de Lagoa do Ouro (2013.)

Fotografia 2 - Mercado de cereais. Fonte: Lemos (2013).

Fotografia 3- Coleta de lixo. Fonte: Lemos (2013).

Fotografia 4- Centro da cidade. Fonte: Prefeitura Municipal de Lagoa do Ouro (2018).

Fotografia 5 - Antiga prefeitura de Lagoa do Ouro. Fonte: Lagoa notícias (2012).

Fotografia 6 - Nova prefeitura. Fonte: VEC Garanhuns (2018).

Fotografia 7 - Produtores fazendo silagem. Fonte: Prefeitura Municipal de Lagoa do Ouro (2018).

Fotografia 8 - Feira de gado e matadouro. Fonte: Eugênio (2018).

Fotografia14 - Feira do gado. Fonte: Lemos (2013).

Fotografia 22 - LP Vavá Machado (esquerda) e Marcolino de 1979. Fonte: Vinil Records (2019).

Fotografia 23 - Vavá Machado e Zé de Almeida (1986). Fonte: Forró em Vinil (2019)

Fotografia 24 – Tronco. Fonte: Garoze (2020)

Fotografia 27 - Moisés sapateiro. Fonte: A Memória de Lagoa do Ouro (2014).

Fotografia 30 - Luiz Gonzaga e Vavá Machado. Fonte: Youtube (2012)

Mapas:

Mapa 1- Mapa de Pernambuco destacando Lagoa do Ouro. Fonte: Acervo pessoal do autor (2019)

Mapa 2- Município de Lagoa do Ouro. Fonte: A Memória de Lagoa do Ouro (2014).

Acervos pessoais:

Fotografia 9 - Luciano Torres discursando na IX Festa do vaqueiro Correntina. Fonte: Acervo pessoal do entrevistado (2013).

Fotografia 10 - Mauro Rocha vestido em seu gibão, cuidando de sua criação. Fonte: Acervo pessoal do entrevistado (2000).

Fotografia 11- Nilton Dodó. Fonte: acervo pessoal do autor (2018).

Fotografia12 - Curral de pedra entre os municípios de Brejão e Lagoa do Ouro. Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Fotografia 13-Chico André e seu filho Carlos. Fonte: Acervo pessoal do autor, (2014).

Fotografia 15 - Joaquim Machado e Seu filho Antônio. Fonte: Acervo familiar, Sandra Machado (1990-1995, aproximadamente).

Fotografia 16 - Carreata de são José em Lagoa do Ouro. Fonte: acervo pessoal de Fabio Leite (2015).

Fotografia 17- Jacinto Machado em reunião com vaqueiros e pequenos criadores de Lagoa do Ouro. Fonte: Acervo pessoal de Paula Machado (2008).

Fotografia 18 - Valfridio, sua esposa Maria e M^a das Dores. Fonte: acervo pessoal do autor (2018)

Fotografia 19 - Valfridio e Zé de Chico em cavalgada no Município de Brejão-PE. Fonte: acervo pessoal do autor (1998)

Fotografia 20 - Luciano Jurandir, Nilton e Luciano Jr. Fonte: Fonte: Acervo pessoal de Luciano Jr. (2015).

Fotografia 21 - Vaqueiro Zé de Chico. Fonte: acervo pessoal do autor (2001).

Fotografia 25 - Vaqueiro Coló Brasil. Fonte: acervo pessoal do autor (2018).

Fotografia 28 - Mauro Rocha com sua indumentária de vaqueiro. Acervo pessoal do autor (2018).

Fotografia 29 - Buzíos. Fonte: acervo pessoal do autor (2017).

Fotografia 31 - troféu da 2^a missa do vaqueiro. Fonte: acervo de Clovis Rocha (2018).

Fotografia 32 -Estatua de Vavá Machado. Fonte: Acervo pessoal do autor (2018)

Sites

A MEMÓRIA DE LAGOADO DO OURO, Rua do Progresso, 2013. Disponível em :<
<https://www.facebook.com/422858047841481/photos/a.422865691174050/423776557749630/?type=3&theater>> acesso em 15/ 01/2019

A MEMÓRIA DE LAGOADO DO OURO, Mapa do município 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top/?q=a%20memória%20de%20lagoa%20do%20ouro&ref=eyJzaWQiOilwLjAwNTAx>

A MEMORIA DE LAGOADO DO OURO, Moisés sapateiro, 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/422858047841481/photos/a.422865691174050/549818665145418/?type=3&theater>> acesso em: 01/02/2020.

Diário do Nordeste, Fortaleza, 28 de junho de 2008. Disponível :<<https://Diáriodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/caatinga-tem-pega-do-boi-1.122938>> acesso em: 23/01/2020

EUGENIO, Carlos. CARNE DE PRIMEIRA: Lagoa do Ouro é Destaque por Condições Sanitárias no Abate de Animais; na Distribuição e na Comercialização de Carnes. 2018 ver

em:< <http://www.blogdocarloseugenio.com.br/2018/09/carne-de-primeira-lagoa-do-ouro-e.html>> acesso em 20/01/2019

FGV CPDOC, Paulo Pessoa Guerra. Ver em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulo-pessoa-guerra>. Acesso 12/07/2019

GASPAR, Lúcia. Carro de boi. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 23/12/2018

J. Borges – O pai do Cordel. Disponível em:< <http://gravuracontemporanea.com.br/index.php/2016/02/04/j-borges-o-pai-do-cordel/> Acesso em 17/07/2019.

IBGE. Lagoa do Ouro. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/lagoa-do-ouro/panorama>> aceso em 18/01/2019

LEMONS, Douglas. Portal de lagoa do Ouro,2013. Disponível em: < <http://portallagoadoouro.blogspot.com/2013/12/a-memoria-de-lagoa-do-ouro-em.html>> Acesso em 15/01/2019

LAGOA NOTICIAS, Fotos de Lagoa do ouro, 2012. Disponível em: <http://bloglagoanoticia.blogspot.com/p/nossa-cidade.html> acesso em 18/01/2019

MAPA DO MUNICIPIO DE LAGOA DO OURO (PE). Disponível em:< [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mapa_do_munic%C3%ADpio_de_Lagoa_do_Ouro_\(PE\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mapa_do_munic%C3%ADpio_de_Lagoa_do_Ouro_(PE).jpg)> Acesso em 18/11/2019

PHILPPE. Pedro, O vaqueiro vive. **Revista Cariri**. 26 de julho de 2019 disponível em:< <https://caririrevista.com.br/o-vaqueiro-vive/>>.acesso 15/02/2020

GAROZE MADEIRAS TRATADAS, 2020. Disponível em:< <http://www.garoze.com.br/servico-curral.php>> Acesso em 19/01/2020

VEC GARANHUNS, Prefeitura de Lagoa do Ouro abre Processo Seletivo com 124 Vagas,2018. Ver em:< <http://www.vecgaranhuns.com/2018/12/oportunidades-prefeitura-de-lagoa-do.html>> Acesso em :18/01/2019

VINILRECORDS, Vavá Machado e Marcolino – O Acordar do Sertanejo (Os Bridões de Ouro). ver em:< <https://vinilrecords.com.br/produto/joao-paulo-daniel-vol-5-copia/>> Acesso em 24/07/2019

FORRÓEMVINIL. Vavá Machado e Zé de Almeida- Pagode de Vaqueiro. Ver em : <http://www.forroemvinil.com/vava-machado-e-ze-almeida-pagode-de-vaqueiro/> :26/07/2019

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: FGV 2000.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. SP: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

AMORIM, Helder Remígio de. **Histórias de vida de bodegueiros**. Fronteiras: Revista Catarinense de História, n. 19, p. 11-28, 2011.

AMORIM, Helder Remígio de (2011). **Entre a mercearia e o supermercado: Memórias e Práticas Comerciais no Portal do Sertão**. Recife: UFRPE, 2011. 162 f (Doctoral dissertation, Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife).

ALVES, Flamarion Dutra; MANOEL, Lucas. Relação campo-cidade e dinâmica populacional na microrregião de varginha–minas gerais. **Revista GeoNordeste**, n. 2, p. 43-60. 2018.

BARROS, José D.'Assunção. História, espaço e tempo. Interações necessárias. **Varia história**, v. 22, n. 36, p. 460-475, 2006.

BARROSO, Gustavo. **Terra de Sol**. Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 2003.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Edusc, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Zahar, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, p. 401-417, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e conhecimento: uma abordagem epistemológica. **Novos domínios da história**, 2011.

CAMARGO, Regina Aparecida Leite De; OLIVEIRA, Julieta Teresa Aier de. **Relatos orais, memória coletiva e identidade na agricultura familiar**. 2008. Disponível em <file:///C:/Users/Micael/Downloads/758.pdf> acesso em: 29/01/20

CASCUDO, Luís da Câmara. Tradições populares da pecuária nordestina. **Documentário da vida rural**, n. 9, 1956.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A Vaquejada Nordestina e sua Origem**. Natal: Fundação José Augusto, 1976.

CHARTIER, Roger et al. A história cultural. **Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, v. 1, p. 12, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História** (tradução de Maria de Lourdes Menezes). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 30, p. 5-12, 2011.

DANTAS, Galdino; PACHELLY, Geovany. Feiras no Nordeste. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 7, n. 13, 2008.

DOURADO, S. P. C. 2013. **O Rural como fronteira do urbano: rodeios e vaquejadas nas interpretações do Brasil**. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste, 1.

DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, p. 259-268, 1997.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Uma história da vida rural no Brasil**. Ediouro Publicações, 2006.

DE PAULA, Maria Helena. Considerações breves sobre Cultura Rural DOI10.5216/o.v8i11.9364. **OPIS**, v. 8, n. 11, p. 258-274, 2008.

DELGADO, Guilherme C. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 157-172, 2001.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, v. 6, p. 9-25, 2003.

DE BARROS, Carlos Henrique Farias. Ensino de História, memória e história local. **Criar Educação**, v. 2, n. 2, 2013.

DE MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-23, 1992.

DOSSE, François. HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E HISTORIOGRAFIA HISTORY OF THE PRESENT TIME AND HISTORIOGRAPHY. **Tempo e Argumento**, 2012, 4.1: 05-22.

FARIA, Eloisa Maris de. **Estudo da vaquejada inserida no contexto do**

sertanejo rural: o vaqueiro. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 1993.

FERREIRA, Giovana Callado; KLUG, João. A mandioca e os carros de boi. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 23, p. 180-180, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002.

_____, *et al.* **História oral e multidisciplinaridade.** 1994.

FELIX, Francisco Kennedy Leite; DE ALENCAR, Francisco Amaro Gomes. O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. **Revista Geográfica de América Central**, 2011, 2.47E.

FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciência da informação, Brasília**, v. 35, n. 2, p. 58-67, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo A. Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural no Brasil. **Trabalhos de antropologia e etnologia**, v. 41, n. 1-2, p. 23-32, 2001.

GEERTZ, Clifford. **Interpretações das culturas.** RJ: LTC, 2011

GOULART, José Alípio; **O Cavalo na formação do Brasil.** Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1967

GONÇALVES, Jairo de Lucena. **O vaqueiro nordestino: contexto socio-histórico e cultural.** 2011.

GUIMARÃES, Eudes Marciel Barros. **experiências sertanejas do tempo: notas sobre o interior da Bahia.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

HOUTZAGER, Peter P.; LAVALLE, **Adrián Gurza.** **Os últimos cidadãos: conflito e modernização no Brasil rural (1964-1995).** Globo Livros, 2004.

KASHIMOTO, Emília Mariko; MARINHO, Marcelo; RUSSEF, Ivan. **Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento.** Interações (Campo Grande), v. 3, n. 4, 2016.

LAPOLLI, André. **Como destruir um patrimônio cultural urbano: a Vila do IAPI," crônica de uma morte anunciada".** 2006.

LE GOFF, Jacques.. **História e memória.** 2013.

LIMA, G. F. C. et al. Reservas forrageiras estratégicas para a pecuária familiar no semiárido: palma, feno e silagem. **Natal: EMPARN**, v. 8, p. 53, 2010.

LINHARES, Maria Yedda. História agrária. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: **Campus**, p. 165-184, 1997.

LIMA, Justino Alves. manifestações populares em extinção: entre a resistência e a conformação. Ponta de Lança: **Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, 2008, 2.2: 83-100.

LODDER, Celsius A. O processo de crescimento urbano no Brasil. 1977.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, Cesar de Mendonça. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. **Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura**, III, 2007.

NAVARRO, Zander. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 83-100, 2001.

MANAIA, Marcel Saab Rodrigues. **Transformações agrárias e urbanas no norte do Paraná: o caso do distrito de Warta**. 2009.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. (Re) significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi-do trabalho ao festar (1950-2000). **Revista Brasileira de História**, v. 26, n. 51, p. 25-45, 2006.

MACHADO, Kate Mila Santana; PEIXOTO, José Laudienio; AMADOR, Maria Betânia Moreira. O avanço da pecuária bovina sobre as áreas de cultivo de alimentos básicos e suas implicações no município de Lagoa do Ouro-pe. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 6, n. 7, 2010.

MARTINS. José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. Ed.2ª- SP: Contexto 2013

MAURÍCIO, Maria Laura de Albuquerque. **ABOIO, o canto que encanta: uma experiência com a poesia popular cantada na escola**. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado–Universidade Federal da Paraíba–UFPB: João Pessoa.

MEDRADO, Joana. Terra de vaqueiros: relações de trabalho e cultura no sertão da Bahia, 1880-1900. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

MONTENEGRO, Antônio Torres, Travessias e desafios. Laverdi, Robson [et al]. **História Oral, desigualdade e diferenças**. Recife: UFPE, 2011.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: **Elsevier**, p. 21-36, 2011.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX** Edufmt, 2006.

NORA, Pierre, *et all.* Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Unesp, 1998.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência**. cadernos pagu, 1995, 4: 9-28.

PETIT, Pere. **Fontes Orais & História Política e os estudos de História Local e Regional 2018**

PEREIRA, Renan Martins. Dominação e confiança: vaqueiros e animais nas pegadas de boi do sertão de Pernambuco. **Teoria & Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 63-80, 2016.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Laercio Gomes de. **Análise da formação do espaço urbano das pequenas cidades: estudo de caso sobre Pedro Régis—PB**. 2013.

RAMINELLI, Ronald. História urbana. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, p. 185-202, 1997.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Governo do Estado, Secretaria de Cultura, FUNDARPE, 1997.

REZENDE, Antônio Paulo. **Ruídos do efêmero: histórias de dentro e de fora**. Editora Universitária UFPE. 2010.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Vaqueiros, bois e boiadas—trabalho, negócio e cultura na pecuária do nordeste mineiro**. Estudos Sociedade e Agricultura, 1998

RODRIGUES NETO, P.J. **Desempenho atlético de cavalos de vaquejada: parâmetros fisiológicos, bioquímicos e hematológicos**. 2017. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Zootecnia). Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2017.

SILVA, Evandro Rodrigues da. **Ouvidos abertos: a oralidade, a escrita e a canção**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2014.

SALES, Teresa. **Agreste, agrestes: transformações recentes na agricultura nordestina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

SOBRAL, José Manuel. Memória e identidades sociais—dados de um estudo de caso num espaço rural. **Análise Social**, p. 289-313, 1995.

SOBARZO, Oscar. O urbano e o rural em Henri Lefebvre. **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, p. 53-64, 2006.

TOLOVI, Carlos Alberto; LIMA, Miguel Júnior Zacarias. O poder da narrativa na construção do mito "Padim Ciço". **UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA**, p. 118, 2014.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto. Modernização da agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais. **Revista Eletrônica AGB-TL**, v. 1, n. 2, p. 21-42, 2005.

VIEIRA, Natã Silva. Cultura de vaqueiro: O sertão e a música dos vaqueiros nordestinos. **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil, 2007.

VEIGA, José Eli da. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 101-119, 2001.

VILELA, Ivan. Música no espaço rural brasileiro. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v. 2, n. 1, p. 1-23, 2008.

WHITACKER, Arthur Magon. Cidade imaginada. Cidade concebida. **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, p. 131-155, 2006.

ZILBERMAN, Regina. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de hoje**, v. 41, n. 3, 2006.

ZUIM, Valeska Alecsandra de Souza, et al. as transformações do couro no trabalho de espedito seleiro como alternativa de superação para as adversidades do sertão. **Revista Labor**, 1.11: 58-72. 2014